



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FRANCISCO DAVID BOTELHO LINHARES

ESCRITORES, CONGRESSOS E O MEIO INTELECTUAL EM FORTALEZA
(1942-1946)

FORTALEZA
2018

FRANCISCO DAVID BOTELHO LINHARES

ESCRITORES, CONGRESSOS E O MEIO INTELECTUAL EM FORTALEZA
(1942-1946)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Doutora Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

FORTALEZA

2018

FRANCISCO DAVID BOTELHO LINHARES

ESCRITORES, CONGRESSOS E O MEIO INTELLECTUAL EM FORTALEZA
(1942-1946)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Doutora Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Irenísia Torres de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rodrigo de Albuquerque Marques
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso (Suplente)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer especialmente

à minha família, incluindo aí, meus pais, minhas tias, primas, minha irmã e minha sobrinha, por toda a contribuição que me deram;

ao Magelo, meu outro irmão, pela constante motivação;

ao Vagner e ao Júnior, pelas constantes ajudas;

à Rozilene, Cleidiane, Manuelle e Cláudia por todo apoio dado;

ao Alexandre e à Fernanda;

ao Paulo, ao Anderson e à Madalena;

ao Ulisses e à Diana;

aos meus colegas de turma;

à minha orientadora, Ana Amélia Cavalcante, pela incrível paciência e compreensão;

aos professores que aceitaram compor minha banca examinadora;

à Universidade Federal do Ceará e a Capes por me ajudarem a trilhar este caminho...

RESUMO

A pesquisa em questão pretende analisar a situação dos escritores cearenses no meio intelectual de Fortaleza nos anos 1940, especialmente entre os anos de 1942 e 1946, quando se realizam o I Congresso de Poesia do Ceará (1942) e o I Congresso Cearense de Escritores (1946). Buscamos compreender as motivações desse grupo de intelectuais na realização de ambos congressos, identificando as pautas e interesses levantados, tais como o papel do escritor no mundo contemporâneo, a valorização de seu trabalho, a importância dos direitos autorais e do apoio do governo para publicação e difusão de suas obras. Além disso, este estudo visa compreender a posição desse grupo de intelectuais diante das transformações sociais, políticas e econômicas da década de 1940. Para investigar melhor tal contexto, procurou-se analisar memórias, notícias, reportagens, resenhas e críticas literárias de periódicos de grande circulação na capital cearense, assim como a revista de cunho especificamente literário, como a *Revista CLÃ*, com o intuito de observar as redes de circulação e sociabilidades no meio intelectual de Fortaleza.

Palavras chave: Intelectuais, congressos, Fortaleza, anos 1940.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the status of writers of Ceará in the intellectual environment of Fortaleza city in the 1940s, in particular between the years of 1942 and 1946, when it was organized the I Poetry Congress of Ceará (1942) and the I Writers Congress of Ceará (1946). We intend to understand the motivations of this intellectuals group in the accomplishment of both congresses, detecting the agenda items and interests raised, such as the role of the writer in the contemporary world, his/her appreciation, the importance of the copyright and the government support to the publication and promotion of his/her works. Furthermore, this study aims to comprehend the stance of this intellectuals group in the face of social, political and economic changes of the 40s. In order to a better research of such context, it was analyzed memories, news, reports, reviews and literary critics of wide circulation journals in the capital of Ceará, as well as the expert literary magazine, such as the Revista Clã, with the goal of investigating mobility network and sociability in the intellectual environment of Fortaleza.

Keywords: Intellectuals, congresses, Fortaleza, 1940s.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ASPECTOS DE FORTALEZA (1942 – 1946): CONFLITOS, TRANSFORMAÇÕES E LETRAS.....	12
2.1 A reunião no Palácio do Comércio.....	12
2.2 Fortaleza: modernização e guerra nos anos 1940.....	16
2.3 As seções literárias nos jornais em Fortaleza.....	20
2.4 Fortaleza e as letras (1942-1946).....	34
3 DO PRIMEIRO DOS CONGRESSOS ÀS PORTAS DO SEGUNDO.....	45
3.1 O congresso fracassado do ano da desgraça e suas propostas.....	45
3.2 O encontro no Mondubim.....	53
3.3 Preparações.....	59
4 A AFIRMAÇÃO.....	64
4.1 O intelectual em face da literatura.....	64
4.2 O intelectual em face do seu meio.....	71
4.3 O intelectual em face ao mundo.....	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	96
FONTES.....	101

1 INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos da década de 1940, desenvolveu-se, em Fortaleza, um grupo de jovens com ideias próximas acerca das suas produções, assim como o meio que os cercava, pois estavam incomodados com o modo frio que, segundo eles, vinham sendo tratados¹ tanto pela imprensa, quanto pelo governo e mesmo para aqueles de outras gerações.

A união desses jovens escritores, que se autoproclamavam intelectuais², ocorreu em um momento turbulento no Brasil e no mundo. Os anos 1940, em contexto político, foram marcados, especialmente, pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e suas consequências e, no caso específico do Brasil, pelo Estado Novo (1937-1945), enquanto no cenário cultural brasileiro, a década via o desenrolar do movimento modernista.

No início da década de 1940, no Ceará, o modernismo vinha alcançando novos patamares, após perder um pouco de seu impacto inicial na década anterior.³ O descompasso modernista cearense, na década de 1930⁴, após o “período heroico” do movimento⁵ foi sendo paulatinamente superado, podendo ser ressaltado o ano de 1938, em que Fran Martins publica o romance *Poço dos Paus* e Antônio Girão Barroso lança *Alguns Poemas*, livro que, segundo Sânzio de Azevedo, “embora tenha ainda muito da dicção de 22, já prenunciava a consolidação do Modernismo com o Grupo Clã.”⁶

Contudo, ainda nos anos 1930, o modernismo passou a se apresentar como um movimento ideológico e, desse modo, segundo João Luiz Lafetá⁷, o mesmo se dividiu em duas correntes políticas, com alguns intelectuais mais próximos à esquerda e outros à direita política, com cada uma das partes se preocupando em participar na vida nacional, propor uma consciência de nação e procurar tratar a origem dos males do país. Assim, dessa cisão, desenvolveram-se intelectuais mais próximos ao pensamento marxista, além daqueles que defendiam o espiritualismo católico e os adeptos dos ideais fascistas.

¹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 69.

² Revista *CLÃ*, Fortaleza, nº 27, p.7.

³ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p. 427.

⁴ BARROSO, Oswald (Org.). *Um certo contato com a lua: Antônio Girão Barroso – Poesia e Vida*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, p. 276.

⁵ AZEVEDO, Sânzio de. *O Modernismo na poesia cearense: primeiros tempos*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995, p.15.

⁶ *Ibidem*, p. 81.

⁷ LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, p.73.

A atuação dos intelectuais nos mecanismos do Estado Novo, por interesse do próprio Getúlio Vargas⁸, no desejo de realizar uma unidade orgânica brasileira, aumentará o engajamento destes, pois nem todos aprovarão os ideais do regime, interferindo com maior calor na política, mesmo em campos opostos.⁹

As tensões e disputas entre os vários segmentos de intelectuais e o Governo continuariam por todo o período do Estado Novo, o que acarretaria, já na década de 1940, na criação da Associação Brasileira de Escritores, em busca de sua autonomia em 1942, e no I Congresso Brasileiro de Escritores, em 1945, cujo principal debate intelectual girava em torno da democracia.¹⁰

Todos esses pontos acima citados tiveram relevância nas atitudes dos jovens intelectuais de Fortaleza, que, a sua maneira, passaram a seguir a corrente vinda do sul. Desse modo, serão pensados aqui os intelectuais a partir da definição mais estreita apontada por Sirinelli, baseada na noção de “engajamento na vida da cidade como ator, testemunha ou consciência.”¹¹ O conceito de geração também será estudado levando em consideração as análises de Sirinelli (2006) que o entende por meio de marcos temporais e fatores culturais

Portanto, por meio do que foi até aqui apresentado, esta dissertação pretende analisar o meio intelectual da capital cearense e sua relação com o poder e a política, tendo em vista uma articulação com o que ocorria simultaneamente nos grandes centros culturais do país, para buscar compreender a pretensão de autonomia daquela nova geração no processo de formação de um campo intelectual e mesmo literário aos moldes do que fora definido por Bourdieu (1996), onde de acordo com o grau de autonomia, maior seria a concentração de forças simbólicas no interior do campo.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2016), no ambiente historiográfico em geral, os estudos acerca dos intelectuais ainda são bem recentes, o que faz com que alguns conceitos relacionados a esse estudo sejam aplicados de forma questionadora, como, por exemplo os de intelectuais criadores e mediadores, além de “pequeno mundo” – todos discutidos por Sirinelli, como apontado por Gomes (1991). Tais conceitos permitem observar as disputas, visões de mundo e circulações de ideias, dentro de um grupo, gerido por redes de sociabilidade.

⁸ VELLOSO, Monica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.153

⁹ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

¹⁰ *Ibidem*, p.97.

¹¹ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 243.

Outros trabalhos que ajudam a compreender melhor esse assunto e são de essencial valor para o estudo, são aqueles de Sérgio Miceli (2001), Christophe Charle (2000), Daniel Pécaut (1990) e Ana Teresa Martinez (2013).

Por outro lado, se tratando da realização de congressos de escritores no Brasil, tal como, especificamente no Ceará, as dissertações de Felipe Lima (2010) sobre o I Congresso Brasileiro de Escritores, de 1945, e de Plauto Alves (2015) acerca do I Congresso Cearense de Escritores, de 1946, além da monografia defendida por Thiago Nobre (2013) sobre a consolidação do campo literário em Fortaleza na década de 1940 e o de Maria Auxiliadora Farias sobre o Grupo Clã (2003). Lima analisa o Congresso nacional através tanto da ordem política, quanto econômica e profissional, enquanto Alves destaca o engajamento intelectual e Nobre e Farias, cada um à sua maneira, observam as relações sociais que acarretariam no surgimento da Revista *Clã*.

Porém, para embasar esta pesquisa, a realização do diálogo com as fontes históricas é fundamental e, aqui, serão utilizadas desde periódicos de grande circulação na capital cearense no período em questão, como *O Povo*, *Correio do Ceará*, *Unitário* e *Gazeta de Notícias* e suas seções de literatura, além do principal meio impresso dessa nova geração estudada, a Revista *Clã*. Foram utilizadas ainda livros de memórias e biografias, além do Almanaque do Ceará e, principalmente dos Anais do I Congresso Cearense de Escritores, fonte principal desta pesquisa.

Este trabalho, então, se propõe a se perguntar e analisar qual era o conceito de intelectual para os escritores congressistas e qual o papel destes para o mundo naquele momento? As transformações sociais, econômicas e políticas da época influenciaram nas atitudes dos intelectuais frente ao congresso? Qual a situação do mercado de livros e do ambiente literário em que viviam e se estes faziam eco às falas dos intelectuais? E de que maneira a trajetória destes, tal como seus contatos permitiram que estes alcançassem o lugar social que se encontravam durante os anos 1940?

Dessa maneira, o primeiro capítulo apresenta o I Congresso Cearense de Escritores, ponto alto das atividades intelectuais da nova geração da década de 1940 e, a partir de tal evento, se desenrola uma análise de Fortaleza, tanto social, política e cultural, de modo que se tome consciência da situação da capital cearense quando da formação do grupo e das preparações para o congresso. Esse capítulo ainda discorre sobre alguns dos intelectuais que mais contribuíram na realização da reunião.

No segundo capítulo são analisados a formação do grupo composto pela nova geração, sua primeira tentativa de expor seus ideais para um público mais amplo e, assim, alcançar seus

direitos através do I Congresso de Poesia do Ceará, além da idealização do I Congresso Cearense de Escritores.

Por fim, o último capítulo explora as discussões manifestadas durante o I Congresso Cearense de Escritores, salientando as teses debatidas a partir dos três temários propostos para o evento: do trabalhador intelectual diante da literatura, diante de seu meio e diante do mundo.

2 ASPECTOS DE FORTALEZA (1942 – 1946): CONFLITOS, TRANSFORMAÇÕES E LETRAS

2.1 A reunião no Palácio do Comércio

Na noite de 7 de setembro de 1946, no Salão Nobre do Palácio do Comércio, em Fortaleza, alguns escritores de variados pontos do Ceará se reuniram para a sessão de abertura do I Congresso Cearense de Escritores, organizado pela Associação Brasileira de Escritores (ABDE) – seção Ceará, com o apoio de diversas instituições e grupos artísticos e culturais do estado, como o Instituto Histórico, Geográfico, Antropológico do Ceará, a Academia Cearense de Letras, a Casa de Juvenal Galeno, a Academia de Letras do Ceará e o Clube de Literatura e Arte.

Entre os congressistas presentes estavam os ficcionistas Braga Montenegro, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Moreira Campos; os poetas Sidney Neto, Antonio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Aluizio Medeiros; o teatrólogo Eduardo Campos, além de Antonio Martins Filho, Henriqueta Galeno, Dolor Barreira e Raimundo Girão. A solenidade de abertura foi presidida pelo General Onofre Muniz Gomes de Lima, comandante da 10ª Região Militar e contou com a presença de Moacir Teixeira de Aguiar, representante do Interventor Federal, do desembargador Faustino de Albuquerque, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, do desembargador Abreu de Vasconcelos, do Tribunal de Apelação e do monsenhor Otávio de Castro, representante do arcebispo metropolitano.

Este foi o segundo congresso preparado pelo mesmo grupo de escritores que mais tarde ficariam conhecidos como Grupo Clã na década de 1940. O primeiro, batizado de I Congresso de Poesia do Ceará, de 1942, mais centrado no desenvolvimento da literatura do Ceará, não teve o sucesso esperado e nem mesmo teve suas teses debatidas como pretendiam. Contudo, seus criadores não desistiram após ele e, anos mais tarde decidiram voltar a realizar um outro, de aspecto mais formal e visando ao estudo de novos problemas, que não haviam sido pensados anteriormente. A proposta do I Congresso Cearense de Escritores levava em consideração debates que eram inerentes ao período, em que o Estado Novo havia chegado ao fim, assim como a Segunda Guerra Mundial.

Como indicado anteriormente, o Congresso de 1946 contou com a presença de altos escalões do governo, assim como do exército, da justiça e da Igreja Católica. Certamente essas figuras foram convidadas para oferecer maior prestígio e visibilidade ao congresso, tendo em vista as posições sociais e políticas dos convidados, o que, no campo simbólico, poderia validar

as intenções dos congressistas, inclusive àquelas relacionadas à não cooperação do Estado com a arte.

Outro convidado para as reuniões do Congresso (apesar de não poder comparecer à Sessão inaugural)¹² foi o escritor Orígenes Lessa, cuja presença foi importante para a afirmação do evento, por este ser não só o representante da ABDE nacional¹³, como também pelo seu renome entre o público leitor brasileiro. Em uma entrevista cedida ao *Correio do Ceará*¹⁴, Lessa aponta uma das principais características desse congresso, que seria a mobilização do maior número de escritores, não importando “a sua côr política ou o seu genero literario”, em defesa de um interesse comum a todos: a conquista de interesses no meio literário nacional. As palavras de Lessa não tocam apenas nos gostos e desgostos sobre os gêneros literários de cada escritor, mas, inclusive, no viés político que tal Congresso propõe levantar. A questão da defesa da democracia, por exemplo, havia sido uma das principais bandeiras da ABDE no Congresso do ano anterior, em São Paulo. E, devemos lembrar que, nesse mesmo ano de 1946, estava sendo formulada a quarta Constituição republicana brasileira, logo após anos de ditadura. Diz ainda Lessa:

Entre os nossos objetivos e entre as conquistas que seguramente surgirão do presente Congresso, que reúne a flôr da intelectualidade cearense, está a dignificação da profissão de escrever, tão mal compreendida por muitos. Essa dignificação, claro, não depende simplesmente de congressos. Depende principalmente de cada um de nós. Ou assume cada um uma consciência viva de sua responsabilidade e nos convencemos de que o nosso dever não é apenas “escrever”, ou não conseguiremos dar dignidade á nossa profissão, ou melhor, não estaremos á altura dela.

Logo, pode-se observar, nas palavras de Orígenes Lessa, a importância da organização do congresso para os escritores cearenses e, por sua vez, brasileiros, ressaltando a importância desse intelectual na sociedade de então. Mas quem seriam esses escritores? Ou mesmo o que ele chama de “fina flor da intelectualidade cearense”? Em que trabalhavam? Eram jornalistas, advogados, professores, ou apenas aqueles que se dedicavam à escrita de um livro? E estes escritores seriam todos de uma só geração, mesmo com ideias diferentes, não permitindo, assim, escritores ditos passadistas? Para o congressista Gastão Justa, por exemplo, o escritor seria aquele que produz qualquer gênero de trabalho intelectual, desde a crônica até o estudo artístico

¹² Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 10/09/1946. p.1. Segundo matéria do periódico, Orígenes Lessa passou por atrasos de voos durante sua viagem.

¹³ A sede nacional da Associação Brasileira de Escritores localizava-se no Rio de Janeiro.

¹⁴ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 10/09/1946. p.1

e científico¹⁵, o que explicaria, em parte, a presença de médicos, professores nas sessões e o uso intercambiável, por parte dos congressistas, dos termos “escritor” e “intelectual”.

Por sua vez, o idealizador do encontro, Antônio Girão Barroso, na Sessão Inaugural, seguindo as palavras de Lessa, diz que

Pela primeira vez, na história da terra calcinada, escritores velhos e moços, postos de lado todos os preconceitos de idade e de orientação literária ou artística, vão-se reunir numa assembléia ampla, com o só objectivo de discutir fraternalmente os seus problemas. ¹⁶

Portanto, dentre os principais motivos para a realização desse congresso estavam as discussões acerca do desenvolvimento do trabalho dos escritores, visando a seu aperfeiçoamento, a divulgação de suas obras, os incentivos às publicações, assim como o papel do mesmo diante da literatura, do seu meio ambiente e em face do mundo¹⁷. Os congressistas também propunham um debate sobre o direito autoral e a atuação do que foi por eles chamado de escritor de Província. Fran Martins, presidente da Comissão Organizadora do Congresso, ao falar dos escritores cearenses ali presentes, declarou que eles tinham consciência de que eram apenas escritores de Província e como tais, deviam se congregar em defesa de seus direitos em relação à literatura nacional, para almejar os direitos de todos os escritores brasileiros: amparo, compreensão, acatamento e liberdade.¹⁸ Mas a situação da literatura no Ceará de então era crítica a tal ponto que, mesmo com o desenvolvimento de Fortaleza, sua capital, os escritores não conseguiam conquistar um espaço nas editoras e livrarias?

Além disso, as falas dos presentes, como o próprio Fran Martins e Girão Barroso, levando em consideração o período pós-1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo no Brasil, insistiam em declarar que o congresso era um “debate amplo e democrático de todos os problemas que interessam mediata ou imediatamente aos escritores”¹⁹ do Ceará, reunindo intelectuais que haviam sido adversários no passado²⁰, ou mesmo de interesses antagônicos.

Com princípios baseados na mudança do meio literário no estado, assim como no país, os idealizadores do encontro, com destaque àqueles que faziam parte do Clube de Literatura e Arte (CLÃ), eram contrários ao que chamavam de beletrismo como maneira de expressão

¹⁵ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 129.

¹⁶ *Ibidem*, p.21.

¹⁷ *Ibidem*, p.18.

¹⁸ *Idem*. p 19.

¹⁹ *Idem*, p.10.

²⁰ Stenio Lopes, por exemplo, era um rival do grupo que organizou o Congresso de 1946, durante o I Congresso de Poesia, em 1942. AZEVEDO, Sâncio de. *Literatura Cearense*. Academia Cearense de Letras, Fortaleza: 1976, p.428.

artística e intelectual. O mesmo beletismo difundido por instituições que apoiaram o I Congresso Cearense de Escritores, como a Academia Cearense de Letras e a Casa de Juvenal Galeno.²¹

Entretanto, algumas das propostas e atitudes do congresso realizado em Fortaleza, em setembro de 1946, não eram exclusivas daquele evento. Seguindo o caminho de vários intelectuais do país, no período conturbado de então, que exigiam um posicionamento dos escritores e claro, estímulo e condições para publicação, os congressistas cearenses se espelharam, especialmente, no I Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela ABDE, entre 22 e 27 de janeiro de 1945, na cidade de São Paulo. O I Congresso Brasileiro de Escritores propunha o reconhecimento da autonomização profissional do ofício do escritor, dos incentivos públicos, da melhoria nas remunerações em seus trabalhos de tradução (também abordado nas reuniões em Fortaleza, mas muito mais debatido em São Paulo) e a criação de uma lei precisa a respeito dos direitos autorais²². Ainda sob o calor dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial e realizado durante o Estado Novo, o Congresso de 1945 possuía um maior caráter político, questionando os regimes antidemocráticos, o poder de Getúlio Vargas, a situação política do país e exigindo a volta da legalidade e do sistema eleitoral mediante sufrágio universal²³. O papel do intelectual, nesse momento, alcançava uma dimensão diversa daquele homem de letras dominante entre finais do século XIX e início do XX. O ideal do intelectual na sua torre de marfim²⁴, cedia lugar à exigência de uma atuação mais efetiva. Salientava-se sua participação no esteio da reconstrução do mundo destruído pela guerra e pelo totalitarismo, ressaltando seu papel diante da população e da defesa dos princípios de liberdade e democracia.

Os ideais desse Congresso realizado em São Paulo, em 1945, puderam se desenvolver através do país por meio dos núcleos da ABDE em vários estados do Brasil. A Associação Brasileira de Escritores foi criada em 1942, no Rio de Janeiro, e buscava discutir os supracitados propósitos a respeito do ofício de escritor brasileiro – que, como já visto, não dizia respeito apenas ao trabalho com a escrita, especificamente. Por sua vez, a organização da seção da ABDE no Ceará se deu em 1945, sob a presidência de Fran Martins após o fracassado I

²¹ Depoimento de Antônio Girão Barroso in SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de história oral*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996, p. 158.

²² NETTO, Raymundo. *Centro: o “coração” malandro*. Fortaleza: Secultfor, 2014, p. 158.

²³ CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p.138.

²⁴ VELLOSO, Monica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.151.

Congresso de Poesia do Ceará, de 1942.²⁵ Foi através dessa organização no Ceará que o círculo de integrantes do Grupo Clã, buscou levar adiante o projeto de desenvolvimento e valorização das letras locais em modo nacional, com a criação das Edições Clã, da realização do I Congresso Cearense de Escritores, em 1946 e que culminará na publicação da Revista Clã no mesmo ano de 1946.

No entanto, antes de se adentrar especificamente nos debates e teses discutidos pelo I Congresso Cearense de Escritores, assim como o que foi falado sobre ele e suas propostas, é de interesse e importância tomar conhecimento da situação da cidade de Fortaleza no período em questão, especialmente entre os anos de 1942 e 1946 (anos de realização do I Congresso de Poesia do Ceará e do I Congresso Cearense de Escritores, respectivamente), assim como seu meio literário e cultural e, por sua vez, os intelectuais daquele congresso de setembro, afinal, uma análise do ambiente cultural, político e social é de utilidade para se pensar a realização de tais congressos, pois as ações dos intelectuais refletem sobre seu tempo.²⁶

2.2 Fortaleza: modernização e guerra nos anos 1940

Entre as décadas de 1930 e 1940, a cidade de Fortaleza conheceu importantes transformações políticas, econômicas e culturais. Assim, as diversas mudanças pelos quais havia passado a capital cearense tornavam-na, aos padrões da época, um ambiente propício para o desenvolvimento de um ideal de moderno, de modo que a cidade apresentava uma imagem bastante diferenciada do que havia sido até então.²⁷ O seu centro urbano passou a ser procurado pelos seus cafés e restaurantes, assim como pelos cinemas, locais estes considerados símbolos da modernidade.²⁸

Os cinemas, que já existiam em Fortaleza durante as décadas de 1910 e 1920, eram locais de entretenimento e interação social nos anos 1930 e 1940, inclusive, alcançando maiores audiências com o desenvolvimento do efeitos sonoros nas exhibições. Dessa maneira, através da mídia cinematográfica que foi, por vezes, veiculado um ideal de progresso, sobretudo aquele baseado nos avanços técnicos e no consumo, difundidos principalmente pelo estilo de vida estadunidense, bastante propagado então. Tal ideal enraizou-se em Fortaleza, fazendo com que

²⁵ NETTO, Raymundo. Op. Cit., p. 156.

²⁶ SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.) *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 14.

²⁷ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Rumores*. A paisagem sonora de Fortaleza. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2006, p. 26.

²⁸ *Ibidem*, p. 26.

alguns de seus cidadãos o visse como inspiração para a cidade que almejava a civilidade e o moderno.

Destarte, a modernização de Fortaleza seria econômica, social e culturalmente associada à maneira de ser da sociedade dos Estados Unidos, bastante divulgada pelos filmes nos cinemas. Contudo, esses desejos seriam alavancados a partir da década de 1940, especialmente durante os anos de conflito da Segunda Guerra Mundial, pois, após a entrada dos Estados Unidos no confronto, em fins de 1941 com o ataque japonês no Pacífico, tal situação só tendeu a aumentar.

À medida que a participação norte-americana na guerra se intensificava, cada vez mais esta se aproximava do Brasil. A influência dos Estados Unidos sobre a região vinha sendo aprofundada como uma forma de tornar mais efetiva a Doutrina Monroe (1823) que estabelecia a primazia dos Estados Unidos nos assuntos regionais. A partir de 1941 as pressões sobre os países do continente para assumir uma posição pro aliados adquiri contorno de urgência decisiva. Por outro lado, por mais que o governo estadunidense estivesse interessado em manter o continente americano exclusivamente sob sua guarda e em busca de apoios que garantissem a vitória dos Estados Unidos e seus aliados na guerra, o governo brasileiro não pretendia deixar de lado sua neutralidade que permitia ganhos comerciais de ambos os lados beligerantes. No entanto, a situação passa a ser diferente a partir de meados de 1942.

O ano foi um divisor de águas para o país.²⁹ Em 1942 o governo varguista abandona sua posição de flerte com as potências do eixo, principalmente no que concerne às contradições de seu discurso político.

Ainda no primeiro semestre daquele ano, o Brasil havia rompido relações diplomáticas com os países do Eixo³⁰, mas após o ataque alemão aos navios mercantes nacionais Anibal Benévolo, Araraquara, Araras, Baependi e Itagibe em águas brasileiras em agosto de 1942, não apenas a posição do governo mudou como a população foi para às ruas protestar e pedir por um verdadeiro apoio do Brasil contra a Alemanha. Em Fortaleza, foram montadas as chamadas “pirâmides de metal” pela população que buscava ajudar os aliados na guerra com utensílios metálicos e no dia 18 de agosto de 1942, ocorreu na capital cearense o que ficou conhecido como “quebra-quebra”, um protesto contra os ataques alemães aos navios brasileiros e, por conseguinte, à unidade nacional, tão defendida pelo Estado Novo. Nessa represália, lojas e outros estabelecimentos comerciais fortalezenses que possuíam alguma relação com italianos,

²⁹ CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estadismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 134.

³⁰ AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001, p.177.

alemães ou japoneses foram invadidas, depredadas, assaltadas e incendiadas, como a Casa Veneza e A Pernambucana. Cidadãos com nomes ou sobrenomes estrangeiros que lembrassem os países fascistas também foram atacados. A Guerra havia chegado ao Brasil e, por conseguinte, em Fortaleza.

Em 31 de agosto de 1942, poucos dias após o “quebra-quebra” em Fortaleza, o Brasil entra em estado de guerra contra o Eixo³¹ e nesse ínterim são realizados os chamados Acordos de Washington, entre os Estados Unidos e o Brasil. Os acordos firmados com um propósito de cooperação de defesa do Hemisfério Ocidental e baseado em um princípio pan-americano idealizado pelos Estados Unidos, propunha que o Brasil fornecesse minérios, borracha e bases militares em troca do desenvolvimento siderúrgico e industrial brasileiro com benefícios estadunidenses. E foi, principalmente, por meio desses acordos, que a capital cearense passou a viver, com maior proximidade, as tensões do conflito mundial.

Antes mesmo de firmados os Acordos de Washington, os norte-americanos já estavam interessados em construir bases militares no nordeste brasileiro, o que culminou, em seguida, com a criação de bases em Natal e Fortaleza. Na capital do Ceará foi montada uma base no Campo do Pici, ainda no ano de 1942 e, em seguida, outra chamada Cocorote, em 1943, nas proximidades do Alto da Balança. Com isso, os fortalezenses passaram a conviver com a presença de soldados dos Estados Unidos na região, mas não apenas com isso: pequenos dirigíveis do exército estadunidense sobrevoavam a cidade para a patrulha da costa cearense³², foram fixados horários de recolhimento dos habitantes de Fortaleza e a proibição de iluminação pública nas regiões do centro e do litoral fortalezense após as 22 horas, houve racionamento de papel e gasolina, paralização do uso de veículos. No mesmo período ocorreu mobilização de soldados cearenses para lutar no conflito, assim como a ida de trabalhadores cearenses - sobretudo daqueles advindos à capital do estado devido a seca de 1942 - logo chamados de soldados da borracha para a Amazônia, por meio do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) para a extração do látex necessário para a indústria da guerra.

Ainda no período de guerra, Fortaleza presenciou as festas promovidas pelos soldados estrangeiros, assim como o surgimento de grupos como o Circle of English Conversation e das sedes locais do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e da Sociedade Amigos da América, que contava com a participação de Plínio Pompeu, Luís Mendes, Stélio Lopes de Mendonça e

³¹ AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). Op. Cit., p.180.

³² Depoimento de José Barros Maia in SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de história oral*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996, p. 204.

Elpídio Gladstone. Logo, a capital do Ceará, viu a propagação do *American way of life* em seu meio, bastante impulsionado pela então política da boa vizinhança norte-americana, que propunha uma aproximação dita amistosa com os países da América Latina tanto econômica quanto cultural. Apesar de ter sido instaurada durante a década de 1930, foi durante a Segunda Guerra Mundial que essa política ganhou força. No período, a chamada política da boa vizinhança era caracterizada como um sinônimo de pan-americanismo e, assim, da mesma maneira agia a imprensa ao intercambiar os termos.

A dificuldade de importação de filmes europeus para os projetores de Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial, somada à política de aproximação dos Estados Unidos, que fazia uso constante do cinema como seu principal meio de veicular seus ideais³³, a presença de cidadãos americanos na cidade e, sobretudo, o interesse de alguns grupos cidadãos de se modernizar, fizeram com que novos hábitos e costumes passassem a ser difundidos como práticas necessárias na capital cearense. Nos periódicos fortalezenses, os discursos publicitários relacionavam produtos novos, raramente vistos pelos moradores da cidade, com a provável vitória dos aliados na guerra, com a democracia estadunidense e com o progresso baseado no consumo.³⁴ Assim a democracia estadunidense salvaria o mundo da ameaça nazista e Fortaleza voltava-se cada vez mais para um estilo de vida baseado no consumo e no progresso técnico³⁵, do modelo de modernização norte-americano³⁶. Tal estilo perdurou após o fim do conflito e a cidade cresceu continuamente para deixar de ser, o que consideravam um ambiente provinciano.

Mas além da Segunda Guerra Mundial que muito influenciou a sociedade, a política e a economia da capital do Ceará, os anos 1940 foram bastante dinâmicos para nos meios artísticos e culturais da cidade, com o desenvolvimento e surgimento de novos grupos artísticos e novas áreas de interesse e atuação da cultura, como o I Salão de Abril, inaugurado em 19 de abril de 1943 e promovido pela União Estadual de Estudantes e organizado por Aluízio Medeiros, Raimundo Ivan e Antônio Girão Barroso³⁷ e a Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, de agosto de 1944 e formada por pintores, desenhistas e escultores cearenses, como Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Aldemir Martins que se juntaram ao grupo do Centro Cultural de Belas Artes, de 1941, que foi encabeçado por Mario Baratta, Gerson Faria, Expedito Branco, João

³³ TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000, p.21.

³⁴ SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002, p.56

³⁵ Ibidem, p. 83

³⁶ TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit. 2000, p.95.

³⁷ ESTRIGAS, Arte Ceará: Mário Baratta: o líder da renovação: Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004, p.19.

Maria Siqueira. Desse modo, como nas artes plásticas, a literatura também ganhou um novo semblante durante o período da guerra, mas ainda assim com vários embates para alcançar os objetivos esperados pela mais recente geração de literatos no Ceará, especialmente de Fortaleza.

2.3 As seções literárias nos jornais em Fortaleza

Seguindo um ponto de vista literário da década de 1940 no Ceará, especialmente em Fortaleza, Sânzio de Azevedo, declara que as realizações na literatura de então caracterizaram-se pela definitiva implantação do movimento modernista no estado, após as experiências nos anos 1920 e 1930³⁸ com a publicação do livro de poesia *O Canto Novo da Raça* (1927), de Jáder de Carvalho, Mozart Firmeza, Franklin Nascimento e Sidney Neto, assim como dos suplementos *Maracajá* e *Cipó de Fogo*. Além dos já citados autores do Canto Novo da Raça, destacaram-se na época Filgueiras Lima, Mário Sobreira de Andrade, Rachel de Queiroz, Demócrito Rocha, Paulo Sarasate e João Jacques³⁹.

No entanto, ainda segundo Azevedo, “cessado o impacto dos primeiros instantes, continuaram uns versejando à nova maneira, mas outros vindos de correntes anteriores, voltavam aos seus alexandrinos⁴⁰”, demonstrando assim que, mesmo escritores que se diziam modernistas, não seguiam algumas das propostas do movimento, ou denotando a existência de passadistas no meio literário local. Ou seja, em meados dos anos 1930, o movimento modernista havia sofrido um certo enfraquecimento de seus valores e propostas do “período heroico”, sendo esse momento superado, porém, já na segunda metade da década de 1940⁴¹. Dirá Dolor Barreira, no I Congresso Cearense de Escritores, em 1946, que esta seria a “verdadeira renascença literária, soerguendo as nossas letras da espécie de modorra que as quebrantara dos modernistas para cá”.⁴²

Entretanto, o embate literário de escritores de estilo modernista no meio literário fortalezense não seria apenas contra modos de escrita vistos como retrógrados. O alcance de suas obras até os leitores ainda teria como adversários vários outros estilos dos mais variados gêneros, que estavam obtendo êxitos editoriais no período, além de um caminho tortuoso que era preciso percorrer até a publicação da obra.

³⁸ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. p.427.

³⁹ *Ibidem*, p.379

⁴⁰ *Ibidem*, p.427.

⁴¹ *Ibidem*, p. 427.

⁴² *Afirmção (Anais do I Congresso Cearense de Escritores)*, Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.30.

De acordo com alguns escritores do Ceará de então, como Braga Montenegro e os irmãos Antônio Martins Filho e Fran Martins, o estado que dera ao Brasil grandes nomes e obras literárias⁴³ não possuía um ambiente propício para o desenvolvimento das letras, pois nele faltavam estruturas que permitissem a adequada impressão, divulgação e visibilidade para as obras dos escritores do Ceará.

A falta do estímulo necessário para a publicação de autores cearenses era um ponto de discussão bastante ressaltado pela geração de escritores em busca de afirmação no campo literário de Fortaleza. Já no início de 1940, a revista *Valor*, órgão dirigido por Antônio Martins Filho, trazia na capa a declaração de que

“Valor” surgiu para refletir o momento brasileiro nas ciências, nas letras e nas artes. Não tem programa político nem defende interesses particulares. Pretende, sim, estimular os que carecem de estímulo, orientar os que necessitam de orientação, difundir o que precisa ser difundido. É uma publicação do Ceará para o Brasil e tem uma grande finalidade: reconhecer os valores.⁴⁴

Portanto, observa-se que Martins Filho, por meio de *Valor*, procurou viabilizar (de acordo com o trecho sem defender interesses particulares) uma maior circulação dos trabalhos de seus conterrâneos cearenses, que “necessitam de orientação”. A revista era editada na Editora Fortaleza, também de propriedade de Martins Filho e, nas palavras deste, anos mais tarde, “Com a Editora iniciei uma fase muito produtiva para a história literária do Ceará”⁴⁵, o que ressalta o papel da editora como um local de encontro de intelectuais e de suas ideias. Assim, a revista trazia em suas páginas textos de diversos escritores locais, inclusive de gerações diferentes, como José Valdevino, Florival Seraine, Antônio Girão Barroso e os irmãos de Martins Filho, Fran Martins e Martins D’Alvarez.

Contudo, a afirmação de Antônio Martins Filho acerca da importância de sua editora para o desenvolvimento das letras no Ceará e dos trabalhos de escritores locais, deve ser analisada simultaneamente com um artigo intitulado “Observações em torno do negócio de livros”, que o próprio Martins Filho escreveu para o Almanaque do Ceará de 1941, do qual era seu diretor, em parceria com Raimundo Girão. Em certo ponto do artigo, o autor escreve sobre as decisões tomadas em meio ao que sua editora deveria publicar:

Porisso, não se admirem quando eu rejeitar os originais de um livro de versos ultrapiramidal, para dar preferência à publicação de um álbum de craques futebolísticos ou outra coisa qualquer ao sabor da época [...] lembrem-se de que a

⁴³ Assim fala Dolor Barreira durante o I Congresso Cearense de Escritores. *Afirmação (Anais do I Congresso Cearense de Escritores)*, Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 31.

⁴⁴ Revista *Valor*. Fortaleza, número 15, abril de 1940, p. 1.

⁴⁵ MARTINS FILHO, Antonio. *Memória histórica: Personalidade do Povo*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991, p.77.

indústria de livros é um negócio como outro qualquer, no qual o escopo de lucro deve sempre ocupar o primeiro plano⁴⁶.

Desse modo, apesar do esforço e princípios sobre a divulgação e as oportunidades dadas aos escritores do Ceará, além da importância dos conselhos e debates do círculo que se formou em sua editora no início dos anos 1940, Martins Filho demonstra que, inclusive para ele, o negócio do livros era “como outro qualquer”, assim, as contradições ficam evidenciadas em suas próprias palavras, ou seja, as editoras e gráficas existentes em Fortaleza, em sua maioria, buscavam manter-se com uma atividade rentável, o que acabava indo de encontro à perspectiva de estímulo aos escritores locais, que por não disporem de recursos para publicação e propagandas, acabavam sendo pouco conhecidos nacionalmente.

No entanto, o trecho de Antônio Martins Filho, salienta ainda no que estava interessada a população local, e um livro de versos ultrapiramidal parecia não estar na relação. Em grande parte, essa situação deve-se à substituição de importação de bens culturais, que nos anos em questão, com a aproximação dos valores e estilos dos Estados Unidos no Brasil, transformou os gostos dos leitores brasileiros, logo, as editoras pretendiam lançar no mercado nacional o que mais lhe garantisse sucesso nas vendas, sobretudo, o romance. Desta forma:

A poesia, a crítica e a história literárias são os gêneros mais publicados pelas pequenas editoras ou pelos próprios autores, ao passo que os livros didáticos e as obras de ficção são os gêneros que propiciam os maiores índices de lucratividade e que por isso mesmo favorecem, nem que seja de modo indireto a concentração de recursos no setor editorial.⁴⁷

A concentração nos gêneros ficcionais pelas grandes editoras, a aceitação pelo público e o espaço ocupado por esses livros no mercado literário, possibilitaram o aumento dos romances nas livrarias, visto que estes possuíam uma comercialização mais segura.⁴⁸ Tal aceitação e venda também pôde ser vista em Fortaleza em meados da década de 1940, um período em que, de acordo com *O Povo*, nunca se leu tanto na cidade, em uma matéria publicada no dia 08/01/1945, intitulada “Os livros mais vendidos no Ceará no ano de 1944”, o autor – de nome não revelado - escreve que:

Fortaleza é uma das cidades do norte do Brasil onde mais se lê. Isto é uma verdade que salta nos olhos de quem se dar ao trabalho – ou prazer – de visitar qualquer uma de nossas livrarias, de 15 em 15 dias. Verificará então o observador que, no breve espaço de tempo de duas semanas, muitos volumes, dos mais diversos gostos literários, terão desaparecido das vitrinas. O povo levou-os para casa. Gente de todos os pontos da cidade, de todas as alturas intelectuais, e níveis sociais, ginásianos, acadêmicos, médicos, advogados,

⁴⁶ *Almanaque do Ceará 1941*, Fortaleza, 1940. p. 63.

⁴⁷ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p.156.

⁴⁸ *Ibidem*, p.159.

comerciantes (até os bromis da Esquina do Pecado, meu Deus, estão lendo romances de amor!) frequentam as livrarias e namoram os compêndios. Uma sede de leitura muito grande vai aumentando cada vez mais no espírito do povo cearense. Hoje em dia, em Fortaleza, lê-se como jamais se leu em tempo algum, pois assim nos atestam os algarismos da venda de livros. E o fato, na sua eloquência, vem justamente contrariar os “snobs” de cultura falsa que se orgulham de ser gramaticais e que vivem empanturrados de auto-suficiência. Estes que levam o tempo a falar mal dos jovens da nova geração [...], esses gramaticais intoleráveis continuam a dizer que a mocidade está perdida, que a mocidade não estuda e só se preocupa com futebol, como se nesse rol pudessem ser incluídos todos os moços. É exato que a grande maioria não lê e não se interessa pelos problemas sociais e políticos. Há realmente, uma parte indiferente da mocidade, e nós temos exemplos típicos disso, aqui no Ceará. Mas há também a outra parte, a menor, é verdade, que estuda, que se interessa pelas coisas sérias. No impressionante movimento livresco que ora se opera no Ceará, Zé Edésio e Alaor, pai e filho, são duas figuras de prôa. Foram eles que incentivaram de algum modo o gosto pela leitura entre nós. Foram eles que iniciaram a vulgarização de certas obras culturais em Fortaleza.⁴⁹

Logo, por meio desse trecho, podemos ter um pequeno relance sobre as práticas de leitura e venda de livros em Fortaleza, além de uma noção do mercado literário da cidade. De acordo com ele, pessoas de diversos níveis de conhecimentos e de todos os pontos da capital, estavam lendo e se interessando, assim, por problemas sociais e políticos (bastante destacados pelo autor ao longo de seu texto), mesmo uma minoria de jovens defendida pelo autor, como uma geração de importância para o futuro por se interessarem por temas sérios, que são renegados por um grupo autossuficiência intelectual. O trecho também ressalta o papel das livrarias de Fortaleza, em especial a Casa de Jornais e Revistas de José Edésio de Albuquerque e a J. Alaor de Albuquerque e Cia, de Alaor de Albuquerque, por estas se tornarem pontos importantes e bem frequentados na capital cearense e, conseqüentemente por difundir ideias e informações para diversos grupos da cidade. Segundo o autor, José Edésio costuma abrigar “gente madura, [sendo] enxertado pela turma moça, dinâmica e idealista”⁵⁰ enquanto Alaor “é ponto de gente moça, temperado pela experiência um tanto severa dos homens maduros”, fazendo com que nesta exista “um pouquinho de entusiasmo moço no círculo de intelectuais maduros, e um bocadinho de cabelos grisalhos flutuando no ambiente agitado dos rapazes”⁵¹ Mas, seguindo adiante, a matéria ainda fala a respeito das outras livrarias de Fortaleza, que, apesar de não possuir uma livraria grande, tem pequenos estabelecimentos livreiros que concentram leitores de diversas classes sociais⁵²: no período em questão, havia em Fortaleza,

⁴⁹ Jornal *O Povo*. Fortaleza: 08/01/1944, 3ª seção, p.4.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

além das livrarias de Edésio e Alaor, a Comercial, a Aequitas, a Gurgel, a Humberto, a José de Alencar, a Imperial, a Quinderé e a Morais⁵³, todas elas concentradas nas proximidades da Praça do Ferreira e, de acordo com a matéria d’*O Povo*, todas sempre movimentadas.

No entanto, a matéria ainda possui muitos outros pontos que merecem ser observados: por exemplo, mais adiante em seu texto, o autor passa a analisar os gêneros e a listar os livros mais vendidos, através de um balanço feito nas livrarias fortalezenses. Primeiramente, acerca dos gêneros, fala o autor:

Queríamos saber quais os assuntos que despertam mais curiosidade da parte dos nossos intelectuais e do povo em geral. Verificámos então que o cearense está lendo tudo. Compendios, cultura geral, filosofia, sociologia, antropologia, questão social, crítica, ensaio, tudo é absorvido. Mas o povo não esqueceu absolutamente o romance, o conto e a poesia, os quais ocupam um lugar dileto no coração dos homens e das mulheres, apesar da tormenta que o espírito agressivo de Hitler ateou no mundo. A verdade, entretanto, é que o assunto mais ansiosamente devorado pelo público leitor é aquele que se prende á propria convulsão social e política que abala a espécie humana.

Assim, depois de salientar que o leitor fortalezense possui os mais diversos gostos literários, tal como interesse nos livros que abordam temáticas relevantes de caráter político e social, provavelmente relacionados ao desenvolvimentos dos cursos superiores na capital cearense⁵⁴, o autor nos fala dos livros que dão título à matéria, ou seja, os mais vendidos no ano de 1944 em Fortaleza. Portanto, antes de mais nada, seja melhor esclarecer que o que o autor chama de “livros que tratam sobre problemas sociais e políticos”, que são bastante lidos pelo fortalezense e indicados pelo texto, são romances-reportagens que falavam acerca de eventos da Segunda Guerra Mundial, muito populares na época e considerados por alguns, como um avanço na maneira de se escrever um romance. Diz o texto d’*O Povo* que a leitura dessas obras é “um prestígio indiscutível, que mostra claramente quanto o homem comum se interessa pelo seu destino sobre a terra, destino que está sendo jogado na barricada universal dos campos de batalha”⁵⁵. São citados, então, como destaque de importância e vendas do ano de 1944, os livros *O Aliado Esquecido* de Pierre Van Paassen (segundo a matéria, o maior sucesso de 1944 no mercado livreiro do Ceará), *Estes dias tumultuosos*, também de Van Paassen, *O Poder Soviético*, do deão de Canterbury Hewllet Johnson e *A Queda de Paris*, de Ilya Ehrenburg.

⁵³ *Almanaque do Ceará de 1947*, Fortaleza, 1946, p. 234.

⁵⁴ Em 1940 havia no Ceará, quatro escolas de ensino superior: as Faculdades de Direito, Odontologia, Farmácia e Agronomia. Diz ainda Moreira Campos que “nos anos 30/40, nós tivemos aqui uma grande universidade, [...] que foi o Seminário. O Seminário foi responsável pela formação de grandes figuras, não só do clero, como para a cultura literária. CAMPOS, Moreira. In: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de história oral*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SCULT-CE, 1996, p.50.

⁵⁵ *Jornal O Povo*. Fortaleza: 08/01/1944, 3ª seção, p.4.

Além destes, outros quase trinta livros são citados, deste modo, em um patamar inferior aos livros de problemas sociais e políticos estão, dentre outros, os brasileiros *São Jorge de Ilhéus* e *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, *Gato Preto em Campo de Neve*, de Erico Veríssimo, além de *Último Trem de Berlim*, *Divina Dama*, *Rebecca*, *Eu fui o médico de Hitler* e *Por quem os sinos dobram*, além de outros romances policiais, investigativos, de aventura e de guerra, e livros que foram adaptados ao cinema hollywoodiano. De acordo com Sérgio Miceli, nesse período, o público leitor brasileiro passou a ser atraído pelos romances de caráter serial, policial⁵⁶ e de aventuras, em grande expansão no mercado literário anglófono⁵⁷, o que vai gerar o supracitado processo que Miceli chama de substituição de importação de bens simbólicos e culturais, pois em uma época em que a cultura norte-americana passa a ser difundida com maior incidência que a europeia, os sucessos de vendas no Estados Unidos passam a ser vistos pelo mercado brasileiro de bens culturais como viáveis êxitos. Segundo Miceli:

a lista de autores estrangeiros que ostentam os recordes de vendas [...] inclui figuras consagradas em companhia de expoentes nos chamados gêneros “menores”, segundo os padrões de legitimidade literária então dominantes. Esse consórcio encontra sua razão de ser tanto nas demandas que fazem as novas categorias de leitores [...] como nas mudanças dos critérios que passam a informar as decisões dos editores quanto às obras a serem importadas e traduzidas. Os livros de aventuras, os romances policiais, os idílios de amor improvável no estilo “flor de laranjeiras” e as biografias romanceadas eram os gêneros de maior vendagem: as obras do criador de Tarzan, os romances épico-históricos de Alexandre Dumas e Rafael Sabatini, os folhetins de Charlie Chan, as obras de Disney, Lee Falk, as novelas açucaradas de M. Delly, Bertha Ruck, as biografias edificantes de Maurois, Emil Ludwig, Paul Frischauer, as histórias de detetive de E. Wallace, Horler, Rohmer, os manuais de viver que difundiam as receitas norte-americanas em todos os domínios do estilo de vida concentraram boa parcela dos investimentos editoriais [...] Em meio às novas condições resultantes da crise de 1929 e, mais adiante, em virtude da impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxam-se os laços da sujeição cultural. A nova correlação de forças no plano internacional ensejou nas condições de dependência dos países periféricos mudanças de peso, que não se limitaram à troca da sede hegemônica, os Estados Unidos em lugar da Europa. A importação de bens culturais subsistiu, mas com feições distintas do que ocorria na República Velha. Doravante, em vez de venderem as edições originais de obras estrangeiras, os editores adquirem os direitos de tradução das obras, vale dizer, a produção destinada ao mercado interno acaba suplantando a produção estrangeira diretamente importada na língua original.⁵⁸

⁵⁶ Interessante observar os textos acerca dos romances policiais em jornais, onde são exaltados os prazeres da leitura, por exemplo uma resenha sobre o livro *Luar assassino* de Walther Schultz, publicado em *O Povo* de 04/08/1941, p. 3: nela o autor (não divulgado), diz que o livro é “uma novela policial absorvente, cujo enredo intrincado é capaz de apaixoná-lo [o leitor] a tal ponto que abandonará todos os seus afazeres, ansioso por desvendar o mistério e conhecer o desfecho da história”.

⁵⁷ MICELI, Sérgio. Op. Cit. p.147

⁵⁸ *Ibidem*, p.147.

No mercado do livro do Brasil, mesmo com a influência cultural e simbólica norte-americana, que permitia, com certa facilidade, a publicação de diversos gêneros ficcionais traduzidos, no entanto o número de escritores nacionais que eram lançados no período, ainda era superior ao de escritores estrangeiros, Miceli diz que “a quantidade de títulos novos e reedições nacionais foi sempre maior do que a de traduções [...] para cada 2,5 livros de autores estrangeiros eram lançados em média 7, 5 livros de autores nacionais”⁵⁹, portanto, muitos escritores nacionais eram lançados no mercado, mas as vendas, em sua maioria vinha das obras que eram traduzidas, dos trabalhos dos “einentes escritores internacionais” como sugerido na matéria d’*O Povo* citada acima.

A observação através do levantamento realizado pelo autor da matéria “Os livros mais vendidos no Ceará no ano de 1944” por meio das livrarias de Fortaleza, mais o trecho de Sérgio Miceli sobre a substituição de importação de bens possibilita, inclusive, um paralelo entre os escritos e o debate acerca das obras estrangeiras vendidas em Fortaleza realizado no I Congresso Cearense de Escritores, em 1946. O congressista Mario Baratta, em certo momento da reunião, diz que há uma “chusma de traduções” que cobrem as livrarias de Fortaleza e que esta é “resultado dos altos lucros que as editoras obtêm do trabalho mal remunerado dos trabalhadores”⁶⁰, em seguida comenta: “Para evidenciar quanto pesa em nosso mercado livreiro a tradução, basta que se note que todas as novelas de genero policial, publicadas em nosso país, são traduzidas.”⁶¹ Portanto, a partir das falas de Baratta, podemos notar que a questão das obras traduzidas não se resume apenas, a uma difusão simbólica e cultural, ou mesmo visando ao lucro por parte das editoras, pois a declaração do congressista aborda outros embates a ser travados, pelos escritores do Brasil, como o mau pagamento ao escritor tradutor, a visibilidade dos trabalhos dos escritores brasileiros nas livrarias diante da literatura estrangeira e mesmo a qualidade dessa literatura bastante em voga e que interessam mais aos leitores, se levarmos em conta o já citado texto publicado n’*O Povo*.

De fato, para termos uma ideia dos movimentos literários de Fortaleza na década de 1940, a observação das seções de resenhas e crítica literária nos periódicos da capital cearense torna-se de inestimável valor, pois através das páginas de jornais fortalezenses de grande circulação, como, por exemplo *O Povo*, *Unitário*, *Correio do Ceará* e *Gazeta de Notícias*, consegue-se perceber o processo de divulgação de obras na cidade e por meio das críticas

⁵⁹ MICELI, Sérgio. op. Cit.148.

⁶⁰ *Afirmção (Anais do I Congresso Cearense de Escritores)*, Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.81.

⁶¹ *Ibidem*.

positivas e indicações presentes nos textos dessas seções podemos fazer uma avaliação dos livros que por aqui chegavam.

Primeiramente, é interessante notar a quantidade de títulos publicados por autores nacionais que aparecem na crítica dos principais jornais fortalezenses durante o início da década de 1940, possibilitando, assim, relacionar o número de livros ali divulgados com o a média divulgada por Miceli acerca das publicações de escritores nacionais e internacionais. Entre os autores brasileiros, podemos citar Erico Veríssimo, Orígenes Lessa, José Lins do Rego, Graciliano Ramos Jorge Amado, incluindo cearenses como Rachel de Queiroz (*Três Marias*), Maria Duarte (*Poemas e Cantico dos Meus Sentidos*), Martins D'Alvarez (*O Norte Canta*), Carlyle Martins (*Ânfora de Estrelas*), J. de Figueiredo Filho (*Renovação*), Fran Martins (*Mundo Perdido e Estrela do Pastor*) e Eduardo Campos (*Águas Mortas*, editado pelas Edições Clã). Por outro lado, entre os autores estrangeiros apareciam Agnes Smedley (*GeGente da Terra*), J. H. Wallis (*Um retrato de mulher*), John dos Passos (*Paralelo 42*), H. A. Calahan (*De volta a Ilha do Tesouro*), Erle Stanley Gardner (*Um delegado em apuros*), Maurice Dekobra (*Príncipe ou palhaço?*), A. J. Cronin (*A Cidadela*), dentre outros, pois a lista segue muito além, se levarmos em conta, os autores do Brasil, mesmo porque alguns dos escritores internacionais aparecem com um livro apenas, mas, as vezes, com vários textos sobre esse mesmo livro.

Logo, pode-se observar, que apesar de apresentarem em suas páginas textos que tratem das publicações nacionais, os jornais analisados aqui, ainda ressaltam os trabalhos estrangeiros, mesmo que a qualidade do livro seja duvidosa.

Abdias Lima, que costumava escrever sobre livros para os jornais *Gazeta de Notícias* e *O Povo*, ao escrever sobre o romance *Represália*⁶², de Ethel Vance, diz, logo no início de seu texto, que “não sabemos mesmo porque a Livraria Martins transplantou para nosso idioma esse volume”. Desgostoso com a publicação de *Represália*, Lima reclama que “há tantas obras importantes para traduzir”, porém o autor chega a dizer que o livro não é desinteressante, sendo, inclusive, um bom romance, contudo, com defeitos visíveis, como o tema fraco e superficial, com falta de exploração, além de personagens irresolutos e frios. Em suas palavras, “o leitor não se transporta para o lugar de ação e não tem qualquer reação emocional”. Assim, por meio do texto de Abdias Lima, não só observamos a questão da tradução das obras estrangeiras no Brasil, mas também o papel do jornal em divulgá-las e produzir uma opinião sobre elas. As críticas de Lima, por exemplo, de acordo com João Luiz Lafetá⁶³, dificilmente seriam enquadradas como críticas, visto que mais se tratavam de um resumo mais algumas opiniões

⁶²Jornal *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 09/03/1944, p.4.

⁶³ LAFETÁ, João Luiz. 1930: A crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000,p.44.

do escritor com o intuito de apresentar e entreter o leitor do periódico acerca da literatura que estava fazendo sucesso no Ceará, no Brasil e no mundo, algo presente nos jornais brasileiros desde as primeiras décadas do século XX. Diz Lafetá que

Se havia àquela época [...], entre a maioria dos escritores que comentavam os livros surgidos, qualquer intenção de *crítica*, esta ficava apenas na intenção. Antes de se fazer o exame crítico do texto ou mesmo das ideias de um autor, era preciso informar ao público de que tratava o livro, que tipo de pessoa era o autor, quais suas opiniões e atitudes. A informação jornalística recai normalmente na paráfrase do livro examinado, nas digressões abundantes a propósito de qualquer assunto, e se transforma então em *noticiário*. De outro lado, pode recair afinal no mero exercício de estilo por parte do crítico, que na realidade está menos interessado em escrever sobre a obra que simplesmente em escrever. Nessa intransitividade do escrever o objeto desaparece e, nesse caso, a crítica se transforma em literatura, em *crônica*. Exemplos do primeiro caso são as dezenas de páginas de João Ribeiro, que muitas vezes se limitava ao puro resumo do conteúdo do livro, fornecendo dessa maneira uma notícia pormenorizada ao provável leitor interessado. No segundo caso situam-se escritores como Humberto de Campos ou Medeiros e Albuquerque, para quem a crítica ou os comentários aos livros da semana eram mero pretexto para o exercício de uma literatura leve, digestiva, “de jornal”. É claro que muitas vezes observações críticas mais pertinentes surgiam em meio ao palavrório com que se encham as colunas. Aparecem juízos corretos sobre a composição de um romance ou sobre o estilo de um poeta, discussões interessantes sobre a ideologia de determinado escritor. Mas são observações que, afinal, afloram, quase naturalmente e de modo que diríamos até inevitável, tratando-se de homens que se ocupavam diariamente [...] da literatura.⁶⁴

Portanto, os textos de Abdias Lima para os jornais do período (e não somente dele, mas também alguns outros cujos nomes não são revelados) sejam mais uma mistura de colunismo ou noticiário, com crônica, não uma crítica em definitivo, mesmo com leves pinceladas dos elementos que compõem uma verdadeira crítica, nos padrões de Lafetá. Dessa maneira, o colunismo literário de Lima, na *Gazeta de Notícias* e n’*O Povo*, possibilita ao leitor dos periódicos tomar conhecimento básico (às vezes, expondo informações importantes para a trama, inclusive) e se tomar interesse, procurá-los nas livrarias, com base nas sugestões do que foi lido anteriormente.

Alguns dias antes de sair na *Gazeta* o texto sobre *Represália*, Lima publicou um sobre *O segredo de Bela Palmers*, de Renée d’ Antillac, com tradução de Maria Amélia Ramos, e que, de acordo com o colunista, visava “as moças que não querem saber de filosofia, de páginas que remexem com a inteligência”⁶⁵. Dias depois⁶⁶, ao abordar sobre uma biografia intitulada *Lutero*,

⁶⁴ LAFETÁ, João Luiz. Op. Cit. pp 44-45.

⁶⁵ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 20/02/1944, p. 2.

⁶⁶ *Ibidem*, 12/03/1944, p. 1 do suplemento dominical.

do historiador francês Funk-Brentano, Abdias Lima escreve que, fazendo uso de sua imparcialidade, o autor do livro estuda os fatos que levaram Lutero e a Alemanha ao protestantismo, tornando esta uma “obra indispensável”, pois, para Lima, a figura do reformista, mesmo sendo extraordinária, desafiava a Roma “inspirado pelo diabo, a quem via vez por outra” e que havia produzido dois “frutos malditos” ao mundo: a Reforma e o Nazismo. Lima ressalta que o nascimento do nazismo estivera diretamente relacionado com o sentimento da Reforma, pois esta estimulava “as arrogâncias da raça germânica, com seus sonhos mórbidos de domínio universal” e o ideal de uma grande Alemanha.

Em contrapartida ao que publicou sobre *Lutero*, onde relaciona a reforma protestante ao nazismo, definindo-os como frutos malditos que trazem malefícios para o mundo, Abdias Lima ao escrever sobre *A Fazenda*, de Louis Bromfield⁶⁷, nos diz que o romance recebeu muitos aplausos da crítica literária norte-americana, sendo este, em seguida descrito com alguns pormenores, ao que no final, o colunista sugere que após a leitura do citado romance, seja aconselhável buscar um outro que tenha como cenário os Estados Unidos, com seus arranha-céus de mais de cem andares e uma sociedade desenvolvida. E assim, as empreitadas culturais e simbólicas oriundas dos Estados Unidos podem ser exemplificadas nos grandes jornais fortalezenses, pois, a partir do momento em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo, em 1942, a ordem que existia no mercado de livros no Brasil modifica-se e não só nesse meio literário. Essa modificação também pode ser notada nas seções de literatura nos jornais de Fortaleza.

É perceptível nas páginas de jornais como *O Povo* e *Correio do Ceará* vários títulos de autores estrangeiros nas seções literárias, e outros mais saindo do prelo. Como já afirmamos anteriormente, a dificuldade da importação de livros impressos em outros países no começo da década de 1940 devido a Segunda Guerra Mundial estimulou o uso da tradução por parte das editoras⁶⁸ e a entrada dos Estados Unidos no conflito intensificou essa prática.

Como dito anteriormente, após 1941, os laços entre Brasil e Estados Unidos se estreitaram bastante com o desenvolvimento da política da boa-vizinhança. E nesse mesmo período, podemos destacar intelectuais influentes no Brasil, participando de uma missão literária norte-americana, como Orígenes Lessa – que trabalhava na Divisão de Imprensa do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) - e o tradutor Antônio Barata. Outro tradutor importante e ressaltado nas matérias é Erico Veríssimo, servindo como consultor editorial e tradutor de livros de sucesso nos Estados Unidos publicados pela Livraria Globo de

⁶⁷ Ibidem, 29/06/1944, p. 2.

⁶⁸ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985 320.

Porto Alegre, maior editora em número de publicações de livros anglo-americanos traduzidos no Brasil, na época. Veríssimo foi um personagem importante no processo de americanização; na verdade, pode ser considerado um “agente duplo” cultural. O gaúcho estava envolvido tanto no processo de divulgação da literatura norte-americana no Brasil quanto no de divulgação da literatura brasileira nos Estados Unidos. Assim como Erico Veríssimo, o ficcionista Orígenes Lessa serviu como um emissário da aproximação Brasil-Estados Unidos, em um intercâmbio cultural.⁶⁹

Textos sobre esse projeto podiam ser encontrados nas seções literárias dos periódicos fortalezenses. No suplemento literário do *Unitário* de 21/02/1943, Orígenes Lessa fala de uma conversa que teve com Sinclair Lewis – autor muito traduzido à época - acerca do Brasil, onde o diálogo entre os dois passa a tratar do intercâmbio cultural. Lewis propõe uma maior aproximação do Brasil com os Estados Unidos e, para ele, a melhor maneira seria por meio dos romances, que mostram mais de um país do que um livro de viagem, permitindo, assim, uma melhor visão. “Por isso acha Sinclair Lewis que um intercâmbio de traduções das obras primas do romance brasileiro e do romance americano viria prestar um serviço inestimável a boa compreensão e a aproximação dos nossos povos.”⁷⁰ Lessa continua, em textos seguintes, a apresentar outros autores e livros norte-americanos, sempre destacando a ideia de aproximação dos dois países.

Mas tal ideia já estava em prática por algum tempo, como demonstra uma matéria em *O Povo*, de 19/08/1941. Nela, outro autor cujo nome não é divulgado diz que:

Já está produzindo os melhores resultados a “política da boa vizinhança” em que tanto se tem empenhado o presidente Franklin Roosevelt, no intuito de fazer cada vez mais estreitas e cordiais as relações entre os Estados Unidos e os demais países do continente. Um desses resultados, o que nos beneficia mais de perto, está no interesse que as realizações brasileiras vem despertando na grande República Americana [...]. Prova do que estamos afirmando é que se pode deduzir da atenção toda especial que ali se veem dispensando á literatura brasileira. Os livros de nossos escritores já tem seu lugar nas mostras das livrarias novaiorquinas [...] E o publico de Nova Yorque, de Chicago [...] já se interessa pelos nossos autores, já percorre seus romances, as suas obras de ensaio ou de erudição. Não se contenta, porém, com isso. Quer mais: quer conhecer nossos escritores, quer saber de sua vida íntima, quer desvendar alguma coisa [...]. E isso mesmo, como se vê, é prova de que a literatura brasileira está, enfim, penetrando o mercado norte americano, com possibilidades de ali conquistar um lugar de relevo em futuro que, certamente, será bem proximo.⁷¹

⁶⁹ TOTA, Antonio Pedro, op. cit, p.56.

⁷⁰ Jornal *Unitário*. Fortaleza, 21/02/1943, p. 5.

⁷¹ Jornal *O Povo*. Fortaleza, 19/08/1941, p 3.

Portanto, vê-se que se buscava o sucesso da política da boa vizinhança nos próprios Estados Unidos, tal como da divulgação das obras de escritores brasileiros publicados por lá, que tentavam conquistar um lugar de relevo em um futuro próximo. Eduardo Campos também acreditava no projeto de intercâmbio e o que ele seria capaz de proporcionar: “Com a guerra, houve uma maior aproximação com o mercado livreiro americano. Isso foi bom sinal. Podemos ser editados fora do país e participar de outros movimentos literários de repercussão⁷²” Tal ação, será criticada mais tarde por Rachel de Queiroz que questiona o processo de intercâmbio cultural literário⁷³, visto que, de acordo com ela, “os renomados livros brasileiros” são adaptados e transformados em best-sellers de leitura simples pelos editores norte-americanos, o que não acontece do ponto de vista contrário, além do fato de que chegam mais traduções de livros vindos para o Brasil do que vice-versa.

Logo, é visível que alguns dos livros indicados nas resenhas são aqueles que divulgavam o estilo de vida norte-americano ou os chamados “livros do filme” (romances vendidos no Brasil com a legenda “livro que deu origem ao filme”): como *Sargento Imortal*, que é apresentado na *Gazeta de Notícias* de 09/04/1944 como em processo de adaptação hollywoodiana⁷⁴. Em 1º/07/1942, *O Povo* resenhou o livro *Famílias da América*, de Karl Schrifgiesser, um livro de biografias sobre as grandes famílias dos Estados Unidos, informando que se tratava de “um livro que ensina a triunfar na vida, e a fazer fortuna⁷⁵”. Uma biografia de Henry Ford, de Upton Sinclair, foi resenhada em 14/05/1941 n’*O Povo* como um livro que mostrava como uma pessoa era capaz de subir na vida e que se tratava de um trabalho que milhares ansiavam ler, sendo indicado “para todos os povos”⁷⁶. Ainda em 1941, em outra matéria d’*O Povo*⁷⁷, seu autor destaca que os escritores norte-americanos estavam tomando o lugar antes ocupado pelos autores franceses na preferência do público brasileiro e em seguida, indica o livro *Fim do Mundo*, também de Upton Sinclair como uma leitura “altamente valiosa para quem quiser compreender a evolução dos Estados Unidos a partir da guerra de 1914.”

Conseqüentemente, a partir de 1942, as seções e colunas literárias do *Correio do Ceará*⁷⁸ passaram a divulgar livros como *Eu, Claudius Imperador*, de Robert Graves, *A Lagoa Azul*, de H de Vere Stacpoole, *Flor Escuro*, de John Galsworthy, *A Enseada do Francês*, de Daphne Du Maurier, *Apenas Uma Tempestade*, de Granville Hicks, *Semente de Dragão*, de

⁷² LIMA, Abdias. *Falam os intelectuais do Ceará*, Fortaleza: Imprensa Oficial, 1946, p. 120.

⁷³ Jornal *O Povo*. Fortaleza, 10/12/1947, p.3.

⁷⁴ Jornal *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 09/04/1944, p 1 do suplemento dominical.

⁷⁵ Jornal *O Povo*. Fortaleza, 01/07/1942, p.4.

⁷⁶ *Ibidem*, 14/05/1941, p.7.

⁷⁷ *Ibidem*, 01/11/1941, p.6.

⁷⁸ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 25/06/1942, p.5.

Pearl S. Buck, *A Lua se Esconde*, de John Steinbeck., *Comande meus Sentimentos*, de Clare Jayne, *A Rocha e o Vento*, de Vivien Bretherton, *Islândia* de Austin Win Wrigth e *Relembro Christine*, de Oscar Lewis, exemplificado em uma matéria intitulada literatura yankee onde são apresentadas obras escritas em inglês e que estavam vendendo bem nas principais cidades norte-americanas, como Boston, Chicago, Nova York e São Francisco. Como, à época, o *Correio* fazia parte dos Diários Associados, uma rede de meios de comunicação comandada por Assis Chateaubriand, o que era publicado em Fortaleza também era veiculado por outros jornais pelo país, fazendo com que o livro fosse divulgado e indicado como um sucesso de vendas na capital federal e no sul do país, alcançasse igualmente a região nordeste do Brasil e possibilitasse, assim, um maior êxito editorial.

Mas, as seções literárias foram além com sua divulgação dos ideais sociais e culturais estadunidenses: O jornal *O Povo*, por exemplo, fez uma edição especial de dezesseis páginas no dia 4 de julho de 1942, homenageando e ressaltando os valores democráticos da grande nação americana para com o seu continente e com o mundo. Mas chama atenção o fato de que essa mesma edição contenha entre suas páginas um suplemento literário inteiramente dedicado aos Estados Unidos, com textos de escritores brasileiros: “Prosa e versos de Antônio Garrido, Filgueiras Lima, João Jacques, Rachel de Queiroz, Carlos Maul, Castro Alves, Ronald de Carvalho e outros”, como é descrito em um anúncio do jornal do dia anterior⁷⁹. E o mesmo pode ser visto nos suplementos literários do mesmo jornal entre agosto e outubro de 1943, pois durante esses meses, matérias que não tinham relações com a literatura, exaltando o papel dos Estados Unidos como aliados naturais do Brasil e a democracia estadunidense como uma salvação para o mundo. Contudo, em 25/09/1943, a terceira página do suplemento trazia matérias que tratavam exclusivamente dos Estados Unidos, e dessa vez, discutindo um pouco de literatura com os textos *A vida de Thomas Jefferson*, por Luiz Monterosa, *A história dos Estados Unidos*, de Augusto de Almeida Filho e *Segredos da vida editorial americana*, por Afrânio Coutinho. Em 1945, por sua vez, o mesmo periódico publica na seção *Literatura de Ontem e Hoje*, uma matéria de Augusto de Almeida Filho intitulada *O perigo do niponismo*, onde a única relação com a literatura surge na primeira linha: “A guerra teve a virtude de chamar a atenção dos leitores brasileiros para os problemas internacionais.”⁸⁰ Algo parecido foi escrito por Abdias Lima na *Gazeta de Notícias*⁸¹, mas dessa vez ao tratar do livro *Adeus Japão*, de Joseph Newman. Lima diz que o livro fala sobre “a louca ação do Japão de madeira e papel”

⁷⁹ *O Povo*. Fortaleza, 03/07/1942, p.3.

⁸⁰ *O Povo*. Fortaleza, 13/01/1945, p.3.

⁸¹ *Gazeta de Notícias*. Fortaleza, 03/02/1943, p. 2.

em atacar os Estados Unidos, ao que no final do texto, o colunista agradece à Editora Panamericana por ter traduzido a obra, fazendo, assim, um “belo serviço às letras pátrias e á causa da santa liberdade.” Entretanto, havia também algumas exceções.

Antes de mais nada, deve-se ressaltar o fato que a Divisão de Imprensa e Publicações que servia como uma espinha dorsal do Escritório Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, segundo Tota⁸², era responsável de “difundir ‘informações’ positivas sobre os Estados Unidos, por intermédio de uma rede de comunicação mantida pelo OCIAA, em estreita colaboração com os países do continente”, sendo avisado aos divulgadores que não seria uma boa política apresentar por aqui meios que reproduzissem uma outra imagem da realidade estadunidense que não fosse positiva. Além do fato de o próprio Office espionar os grandes jornais brasileiros.

No entanto eram publicadas nos jornais de Fortaleza matérias que, apesar da existência do OCIAA, mostram um lado diferenciado dos Estados Unidos. Em um texto intitulado *A Outra América*⁸³, Leonardo Arroio escreve sobre a nova geração literária norte-americana, onde seus intelectuais estão constantemente preocupados com temáticas sociais, possibilitando “que se olhassem os Estados Unidos de maneira diferente, sem aquela aureola de grandiosidade lendária com que o cinema e os ‘romancezinhos de enrêdo’ costumavam apresenta-los aos nossos olhos menos acostumados aos fatos dramáticos da evolução de um país”, desviando a imagem dos problemas causados por tal evolução. Arroio destaca ainda os problemas e inquietações estadunidenses captadas por autores como John Steinbeck, Sinclair Lewis e John dos Passos, que mostram ao mundo a miséria e a brutalidade dos Estados Unidos. Por fim, o autor diz que é justamente por meio desses romances que se consegue uma aproximação entre as Américas, ao mostrarem uma outra América, através de uma “missão fraternal”.

Os textos escritos sobre os livros de Steinbeck nas páginas dos jornais, são aqueles que realmente divergem em vários pontos dos outros que abordam livros norte-americanos, por exemplo o que fala sobre *Ratos e Homens*⁸⁴, romance traduzido por Erico Veríssimo, em que o autor da matéria declara, logo no primeiro parágrafo que “com apenas dois personagens principais, John Steinbeck compõe uma história altamente impressionante, na qual pinta com cores vivas a tragédia dos trabalhadores rurais em certas regiões dos Estados Unidos”. Antonio Barata, ao escrever sobre o lançamento de *As vinhas da ira*⁸⁵, afirma que o romance causou polêmicas por suspeitas de inverdades e impatriotismo, destacando ainda, que o livro “não é

⁸² TOTA, Antonio Pedro. Op. Cit., p.55.

⁸³ Jornal *O Povo*. Fortaleza, 17/07/1943, p.3.

⁸⁴ *Ibidem*, 25/09/1940, p.4.

⁸⁵ *Ibidem*, 26/09/1940, p.4.

uma obra que deva ir para a mão de menores e senhoritas. Trata-se de um livro cru sobremodo realista e vasado numa linguagem que não pode ser classificada de salão”, mas que mesmo assim, “de todos os romances norte-americanos ultimamente editados no Brasil, nenhum tem a importancia extraordinaria de *As vinhas da ira*”. Assim, Steinbeck e a nova geração vão pela contramão em meio a enxurrada de publicação estrangeiras, traduzidas ou não, divulgadas pelos periódicos fortalezenses.

Desse modo, através das seções literárias de alguns jornais de Fortaleza, pode se perceber que a presença dos livros norte-americanos aumenta, sendo esta, como vemos, parte de uma política de aproximação, que direta ou indiretamente traz prejuízos ao escritor cearense e, assim como as interseções entre aqueles que escreviam no Ceará. Apesar das reclamações de alguns escritores locais quanto à sua posição nesse cenário de dificuldades no ambiente literário, grande parte das críticas e das resenhas dos jornais exaltavam os livros traduzidos, continuamente incentivando a leitura deles. Algumas dessas críticas eram elaboradas por escritores cearenses, que, nas palavras dos congressistas de 1946, não se importavam com seus conterrâneos⁸⁶, e que, por vezes, viam o modelo americano como o ideal para o futuro das pessoas.⁸⁷

2.4 Fortaleza e as letras (1942-1946)

No entanto, em meio à enorme quantidade de divulgações e indicações de livros estrangeiros, ainda existia a possibilidade de encontrar textos sobre escritores cearenses nos jornais, como, por exemplo, nas páginas do *Unitário*, que nos textos de Adonai de Medeiros, Yaco Fernandes e Artur Eduardo Benevides, ressaltam o papel e o valor da literatura no Ceará, ao dar destaque às publicações de Isabel Inah Frota Pessoa, Eduardo Campos, Carlyle Martins, Maria Duarte, Fran Martins e J Alberto de Melo.

Porém, mesmo assim, havia, entre os próprios escritores do Ceará, suas divergências quanto ao estilo literário praticado por outros. Congresso de 1946, o poeta Cruz Filho, por exemplo, salienta que a literatura tanto no Ceará, quanto no país inteiro estava passando por uma decadência no período em questão. Nas palavras de Cruz Filho:

Não é das melhores a minha impressão geral a respeito da atual literatura ou literatice brasileira [...]. Como a arte é, em geral, a expressão do espírito da sociedade em determinada época historica, surgiu, naturalmente, dessa “desforra mental”, o futurismo, o cubismo, o unanismo, o super-realismo, o

⁸⁶ *Afirmção (Anais do I Congresso Cearense de Escritores)*, Fortaleza: Edições Clã, 1947, p 201.

⁸⁷ No entanto, é interessante perceber, que em raras ocasiões, tanto críticos quanto autores compartilhavam a mesma página em um suplemento literário.

dadaísmo, a música sem melodia, tudo quanto, enfim, sob a denominação generica de “modernismo” [...] Nasceu assim, também um tanto por espirito de imitação, a literatura brasileira atual, a pintura portinaresca, a música idiota, a cançoneta estúpida, o samba africanizado, oriundos os três últimos dos ínfimos BASFONDS sociais. É esta a fisionomia geral de nossa moderna literatura, sem que isto signifique a inexistência de prosadores e poetas novos de altanado porte [...] Quanto á literatura cearense de nossa época, direi apenas que, a par de uma ou outra mediocridade enfezada, há atualmente entre nós belos e ágeis espíritos dotados de talento e boas letras, capazes de redimir os nossos créditos literários dos danos porventura causados por aqueles. [...] Demais, a falta regular de comunicações e a perda de contato direto com os acontecimentos costumam originar certa literatura suspeita em que entra, sem dúvida, o condimento de quanta cabotinagem podem imaginar medíocres escritores apressados para a exploração da papalvice publica.⁸⁸

Desse modo, além de apontar a entrada de vários gêneros literários no Brasil com a Segunda Guerra Mundial, o poeta critica fortemente o estilo literário em ápice na década de 1940, denotando que o conjunto que ele denomina como modernismo traz prejuízos para diversas demonstrações culturais do Brasil. Ele, no entanto, acredita que dentre os literatos locais, alguns ainda sejam capazes de paralisar o estilo de escrita modernista. Para Pedro de Aratanha, um professor de línguas entrevistado por Abdias Lima no livro *Falam os intelectuais do Ceará*, “a poesia passadista, que é poesia, é como a pérola na concha. A que se diz modernista, é a concha vazia, cascalho.”⁸⁹ Aratanha destaca ainda que “a atual literatura brasileira não impressiona”, fazendo coro ao que foi apontado por Cruz Filho.

Porém, o embate de estilos e gerações era visto como algo de infrutífero e inútil para o teatrólogo Eduardo Campos, pois para ele, no período em questão existe um “choque bem vivo de duas gerações” que não seria capaz de produzir algo de útil, a não ser que ambas trabalhassem juntas em um “movimento unificador.”⁹⁰

Por sua vez, para o cronista e ficcionista Braga Montenegro, a situação da literatura no Brasil e, por sua vez do Ceará, sofre de outro mal que não a feiura ou deformação nos estilos de escrita de alguns escritores de sucesso. Para esse escritor (mais tarde congressista de 1946), o problema deve-se, especialmente, às questões de publicação, pois a literatura no Ceará carece de estímulos:

No Ceará, áparte alguns movimentos literarios de grande significação, sem duvida, a literatura permanece em constante estado de apatia. Não há editoras, não há revistas adequadas nem jornais que mantenham suplementos literarios bem dirigidos. E por não haver clima favorável ás letras, o intelectual em nosso meio[...] se estiola á falta de estímulo e cede lugar á subliteratura, hoje mais que nunca tripudiante e avassaladora.⁹¹

⁸⁸LIMA, Abdias. Op. Cit.. pp. 11-15

⁸⁹ Ibidem, p. 18.

⁹⁰ Ibidem, p. 121.

⁹¹ Ibidem. p. 29.

Portanto, Braga Montenegro enfatiza, assim, os mesmos pressupostos levantados por Antônio Martins Filho, ao problematizar a ausência de estímulos editoriais que permitissem aos novos escritores do estado alcançar um posto e mesmo manter-se no campo literário fortalezense, reestruturando o que alguns atestavam como um momento de letargia nas letras do Ceará e, por sua vez, de Fortaleza.

Também, vale relevar o ponto de vista do estudioso em sociologia e geografia Joaquim Alves, o mais velho dos membros daqueles que fundariam o Grupo Clã e, inclusive, participante do I Congresso Cearense de Escritores. A fala de Joaquim é afirmativa quanto a certa decadência literária em Fortaleza, mas, por outro lado, toca na importância das possibilidades e estímulos para os escritores locais, além de respaldar o papel de uma nova geração de autores:

Estamos em uma fase de franca evasão literaria, o que explica a reedição de escritores que predominaram em gerações anteriores; no entanto isto não quer dizer que as gerações que respondem pela vida mental do Brasil, estejam paradas. Há um movimento intenso em todos os setores do pensamento. A Poesia, o Romance, o Teatro, tudo se movimenta para oferecer ao Brasil uma produção da inteligencia que corresponda ao desenvolvimento cultural do País. No Ceará temos de reconhecer que a vida literaria está em função das atividades economicas dos que trabalham intelectualmente. Mesmo assim, os que se encontram com responsabilidade intelectual, procuram realizar o possível, para que sejam mantidas as tradições de inteligencia de que goza o cearense. Cremos na capacidade de trabalho dos moços que escrevem e, ainda mais, cremos na imaginação criadora de cada um, para que possam apresentar páginas mais brilhantes do que os que fizeram a gloria da geração da última década do seculo passado, cujo brilho se estendeu até as primeiras décadas do atual.⁹²

Em vista dos vários pontos citados acima, como a situação das letras no Ceará, a implementação do modernismo, os embates de gerações, as dificuldades de se publicar e divulgar obras escritas por autores locais, os efeitos da Segunda Guerra Mundial e da aproximação norte-americana e da literatura estrangeira, além de uma incipiente ensejo de mudanças políticas, pode-se compreender e analisar com maiores detalhes algumas queixas e teses que serão levantadas durante os dois mais importantes congressos de intelectuais cearenses, ocorridos em Fortaleza no período, afinal a relação da cidade com as práticas culturais da década de 1940 demonstra uma atmosfera de reivindicações, lutas e negociações⁹³, além de um caráter político notável, evidente durante os anos da Segunda Guerra Mundial e aquele que o sucedeu.

⁹² LIMA, Abdias. Op Cit., p. 39.

⁹³ SILVA FILHO, Antônio Luiz da. Prefácio. In: VIANA JÚNIOR, Mário Martins; BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva (Orgs.). Fortaleza sob Outros Olhares: Cultura & Cidade. Coleção História Social, v.4. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p.11

Assim, em meio a essa Fortaleza que buscava se construir como cidade moderna e a um espaço literário em passos de desenvolvimento na capital cearense, um grupo de jovens intelectuais passou a se reunir em torno de um ideal de revitalizar, ou mesmo assegurar a proeminente literatura do estado. Buscavam lugar no campo intelectual fortalezense, por vezes se autodenominando “os novos”⁹⁴, estavam Eduardo Campos, Antônio Girão Barroso, Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares, Aluízio Medeiros, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, dentre outros.

Para o estudo da literatura cearense muitos desses jovens intelectuais ficarão conhecidos como membros do Grupo Clã, que, de acordo com alguns de seus membros⁹⁵, nasceu em 1942. Segundo Fran Martins, este não fora criado intencionalmente para se tornar um grupo⁹⁶. Seguindo essa ideia, continua Martins declarando que esses jovens agiam “espontaneamente, inconformados, com ou sem razão, rebeldes, mesmo sem uma causa aparente para a rebeldia, sobretudo libertos de preconceitos ideológicos ou literários, cada um trabalhando em seu ofício segundo suas próprias tendências.”⁹⁷ Em todos textos escritos posteriores à década de 1940, os intelectuais do grupo ressaltam a convivência pacífica de várias ideias e visões de mundo dentro do mesmo círculo. Artur Eduardo Benevides, por exemplo, diz que o grupo dedicou-se exclusivamente ao prestígio e ao “soerguimento” da literatura cearense no Brasil, não discutindo jamais política ou religião, com o intuito de manter a integridade deste, salientando inclusive que “Aluízio Medeiros, que foi comunista, dava-se maravilhosamente com Mozart Soriano Aderaldo, católico praticante.”⁹⁸

Apesar das declarações de Benevides de que as discussões de caráter ideológico não tivessem espaço entre os debates do grupo, Otacílio Colares, por sua vez, diz que “É válido destacar que os de Clã não foram especificamente poetas e ficcionistas isolados; cedo, todos eles denotaram uma forte consciência [...] político-social em termos altos.”⁹⁹ Desta maneira, se seguirmos o que dizem seus membros, o grupo possuía um forte viés político, que, no entanto, estava centrado no papel do artista e da arte.

Mozart Soriano Aderaldo e o próprio Otacílio Colares argumentam que a consciência política dos intelectuais que mais tarde formariam o Grupo Clã era advinda da “sacudidela” que

⁹⁴ Depoimento de Antônio Girão Barroso in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza*: Depoimentos de história oral. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996, p.131.

⁹⁵ Como Eduardo Campos, Fran Martins e Antônio Girão Barroso

⁹⁶ Revista Clã, Fortaleza, nº 28, dezembro 1982, p. 15.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*, pp. 10-11.

⁹⁹ *Ibidem*, p.17.

a Segunda Guerra Mundial deixara nos pensamentos daqueles “moços tantalizados”¹⁰⁰. Vale apontar que, como já dito anteriormente, o Brasil vivia uma ditadura e, mesmo assim, o conflito mundial era o que mais preocupava a mente desses jovens escritores.

Anos mais tarde, o ficcionista Moreira Campos, outro integrante do grupo, dirá que a consciência social e política no meio intelectual daquele período se desenvolveu a partir dos valores difundidos pela Revolução Comunista de 1917, que influenciou, por conseguinte, o Romance de 30.¹⁰¹ Ainda de acordo com Moreira Campos, o chamado Romance de 30¹⁰² (com as obras de José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado) e a poesia moderna (Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade) foram a inspiração para a renovação almejada por aqueles jovens.

Diz ainda que no princípio “Como todo jovem revolucionário, renovador, ali nós destruíamos os ídolos: Castro Alves, José de Alencar, porque queríamos coisa nova. Coisa própria da mocidade!”¹⁰³ Assim, para o ficcionista, tal renovação e busca por essa “coisa nova”, inicialmente seriam parte de uma vontade juvenil de se mostrar diferente e mesmo superior quanto às gerações de escritores anteriores, por vezes presos ao “beletrismo”¹⁰⁴. O contato, então, com os escritores modernistas brasileiros fez, de acordo com Moreira Campos, as “coisas se corrigirem”¹⁰⁵, permitindo que esses jovens intelectuais tivessem maior proximidade com a literatura de caráter social do Romance de 30. A partir de então, a dita renovação ganhou ares de literatura engajada com o social, com a busca de uma literatura modernista cearense mais próxima daquela praticada no restante do país. Segundo Sânzio de Azevedo¹⁰⁶, até aquele momento, o que era chamado de modernismo cearense versejava à nova maneira mas ainda com vestígios de escrita de correntes anteriores. Os jovens, deste modo, buscavam uma

¹⁰⁰ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 27, março de 1981, p.17.

¹⁰¹ Depoimento de Moreira Campos in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 59.

¹⁰² Moreira Campos, ao tratar do que ele chamou de Romance de 30, cita obras e autores do que ficou conhecido como corrente regionalista do modernismo brasileiro, em que, segundo Afrânio Coutinho, seus expoentes, durante a década de 1930, faziam uso especialmente da ficção para abordar a denúncia social, expondo mazelas e situações próprias de fora do eixo Rio-São Paulo, principalmente do Nordeste, “tornando os seus romances verdadeiros documentários ou painéis descritivos da ‘situação’ histórico-social”, constituindo, por vezes, uma “literatura *engagée*, de participação política, no sentido de ‘expor’ as mazelas do estado vigente como premissa à necessária transformação revolucionária. Muitos desses escritores tornaram-se até militantes políticos.” COUTINHO, Afrânio. *Literatura no Brasil*, vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986, p.278.

¹⁰³ Depoimento de Moreira Campos in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 58.

¹⁰⁴ Depoimento de Antônio Girão Barroso in: *Ibidem*, p. 129.

¹⁰⁵ Depoimento de Moreira Campos in: *Ibidem*, p.58.

¹⁰⁶ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p.427.

literatura renovada quanto a escrita modernista no Ceará em relação àquela praticada até então, se inspirando em uma arte mais engajada socialmente.

Mas Moreira Campos também não descarta a importância de livros estrangeiros para as atividades e ideias daqueles que formariam o grupo, mencionando as obras de James Joyce, André Gide, Ernest Hemingway, William Faulkner e Marcel Proust, afirmando que estes tiveram muita influência nos jovens escritores em Fortaleza.¹⁰⁷ Os livros desses autores, segundo Moreira Campos, eram conseguidos nas livrarias da capital cearense, especialmente na Livraria Edésio, instalada na Praça do Ferreira, seu dono, José Edésio de Albuquerque, inclusive, possuía uma editora.

José Edésio havia sido uma figura importante para a evolução intelectual daqueles jovens. O artista plástico Mário Baratta, outro partícipe do futuro Grupo Clã, destaca o papel do livreiro para o grupo, declarando que este vendia edições dominicais de jornais em espanhol, em que, além de terem contanto com a literatura internacional, como Virginia Woolf, Franz Kafka e James Joyce, aprendiam um novo idioma. De acordo com Baratta, “Edésio era para nós como aquele homem que garante o feno, a aveia e a alfafa aos cavalos que vão correr. Ele foi o padeiro do pão nosso de cada dia, vendendo fiado uma cultura que ele mesmo talvez não entendesse”¹⁰⁸. Antônio Girão Barroso diz ainda que Edésio “às vezes dava jornais para a gente.”¹⁰⁹ Portanto pode-se sugerir que, a partir das declarações de Mário Baratta e Moreira Campos, a livraria de José Edésio servia como um ponto de cultura entre aqueles intelectuais.

Outro integrante do grupo que destacou a importância de Edésio foi Antônio Martins Filho, que declarou que este “merece destaque especial, na memória histórica da literatura cearense, pelos inestimáveis serviços que prestou aos homens de letras, ao longo das décadas de 30 e 40.”¹¹⁰ Martins Filho, manteve considerável proximidade com Edésio nesse período, pois o primeiro mantinha uma editora comprada em 1938, a Editora Fortaleza, e procurou o livreiro, segundo suas palavras, para oferecer-lhe serviços em prol da divulgação de jovens escritores¹¹¹. Foi através dessa parceria que *Alguns poemas*, primeiro livro de Antônio Girão Barroso fora publicado, ainda em 1938.

Antônio Martins Filho, nascido no Crato em 1904,¹¹² percorreu com a família várias cidades do Ceará até trabalhar no comércio maranhense, na cidade de Caxias, onde escreveu

¹⁰⁷ Depoimento de Moreira Campos in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 58

¹⁰⁸ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 27, março de 1981, p 26.

¹⁰⁹ Depoiment in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 127.

¹¹⁰ MARTINS FILHO, Antônio. *Memórias – maioridade*, Tomo I. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993, p. 219.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 220.

¹¹² AZEVEDO, Sânzio de, Op. Cit., p..443.

para alguns periódicos locais. Ainda nessa cidade, Martins Filho teve contato com a política se afiliando ao Movimento Integralista, em 1933, e tornando-se Chefe Municipal do Núcleo, até desilidir-se com o movimento pouco tempo depois, segundo suas memórias, ao tomar conhecimento da exacerbada “ânsia pelo poder a curtíssimo prazo” do grupo em uma viagem ao Ceará¹¹³.

Alguns anos mais tarde, Martins Filho formou-se pela Faculdade de Direito do Piauí em 1936 e chegou em Fortaleza em 1937. Na capital cearense, por indicação de seu irmão, Fran Martins (à época secretário da Imprensa Oficial), conseguiu um emprego como professor de Economia e Estatística do Curso Pré-Jurídico do Liceu do Ceará (mesmo este não tendo as capacidades necessárias para o mesmo¹¹⁴) onde lecionou para Antônio Girão Barroso e Aluizio Medeiros. Participa então de constantes visitas ao Café Globo, um dos locais da intelectualidade de Fortaleza e lá conhece Silveira Marinho que o vende a Editora Fortaleza.

Foi na Editora Fortaleza, segundo Martins Filho, que este conheceu Raimundo Girão¹¹⁵, “Bacharel e Doutor em Direito, membro do Tribunal de Contas do Estado [...], o qual já havia exercido as funções de Prefeito Municipal de Fortaleza”, além de membro do Rotary Club da cidade e do Instituto do Ceará. Assim, devido sua amizade com Girão, Martins Filho conseguiu ampliar mais sua rede de relações, que já era considerável devido seu emprego no Liceu do Ceará.

Com o apoio de Raimundo Girão, Martins Filho tornou-se sócio do Rotary Club de Fortaleza, ampliando assim seus contatos com comerciantes e empresários da cidade e em 1942, membro do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará principal centro da intelectualidade de então. Raimundo Girão e Martins Filho ainda organizaram em parceria o livro *O Ceará*, com intuito de apresentar ao público uma imagem mais moderna do estado, em 1939 e a direção do *Almanaque do Ceará*, publicação do Instituto do Ceará, nos primeiros anos da década de 1940. Os dois, além de Eduardo Henrique Girão, também dividiram um escritório de advocacia no Palácio do Comércio.

Martins Filho, em seguida, tornou-se parte do corpo docente da Faculdade de Direito do Ceará, em 1943, proprietário da Academia de Comércio Padre Champagnat, em 1940 e membro da Associação Cearense de Imprensa, também em 1940, época em publicava sua revista, *Valor*, lançada em fevereiro de 1938, dita divulgadora de trabalhos de escritores,

¹¹³ MARTINS FILHO, Antônio, Op. Cit., pp.131- 132. Escreveu ainda Martins Filho que “O tempo que, com a melhor boa fé, dediquei à Ação Integralista Brasileira só não foi totalmente perdido porque, a partir de então, comecei a fazer uma análise mais aprofundada e objetiva da cultura política em nosso País”.

¹¹⁴ Ibidem, p. 208.

¹¹⁵ Ibidem, p.214.

literatos e cientistas locais. Segundo Martins Filho, “ a Editora Fortaleza e, principalmente, a revista *Valor* foram o ‘Abre-te Sésamo’ para a minha entrada nas altas rodas culturais do Ceará, nas quais conquistei espaço, de maneira gradativa e constante.”¹¹⁶ No entanto, Antônio Martins Filho ainda salienta que a revista e, principalmente, sua editora não foram significativas apenas para si mesmo ao dizer que “a Editora Fortaleza passou a ser ponto obrigatório de reunião da intelectualidade de Fortaleza.”¹¹⁷ No entanto, há questionamentos acerca desse papel de vulto que o próprio Martins Filho dá à sua editora¹¹⁸

O irmão mais novo de Martins Filho, Fran Martins, nascido em Iguatu em 1913, também seguiu um caminho próximo do primeiro. Entretanto, enquanto Martins Filho se ocupava em atividades no Maranhão e Piauí, instalando-se em Fortaleza somente em 1937, Fran Martins acomodou-se na capital cearense em 1930. A família dos Martins, baseada nas atividades comerciais, raramente concentrava-se por muito tempo em uma localidade, especialmente, devido a problemas financeiros¹¹⁹. Fran Martins, sendo um dos mais novos filhos da família e nascido durante o momento de crise de seu pai, transferiu-se de cidade diversas vezes desde seu nascimento: Barbalha e Crato, em 1915, Lavras da Mangabeira poucos anos depois, retorno ao Crato, em 1919, Caxias, estado do Maranhão por volta 1925, retorno ao Crato, mais uma vez, em fins da década de 1920, e enfim, Fortaleza, em 1930.

Porém, sai da capital cearense em 1932 para cursar a Faculdade de Medicina do Recife, sem levar o curso adiante devido a problemas financeiros¹²⁰. Regressa a Fortaleza e em 1933 consegue uma vaga na Faculdade de Direito do Ceará, concluída em 1937. Durante este período em que esteve na Faculdade de Direito, Fran Martins participou do Centro Estudantil Cearense, frequentado também por Antônio Girão Barroso, tornou-se funcionário da Secretaria da Imprensa Oficial, além de publicar seu livro de contos *Manipuera* (1934) e o romance *Ponta de Rua* (1937) lançado pela Editora Pongetti de São Paulo.

Depois de formado, Fran Martins continuou a publicar seus trabalhos: *Poço dos Paus* (1938) foi lançado pela Editora Edésio e *Mundo Perdido* (1940) pela Vecchi, do Rio de Janeiro. Ainda em 1940 filia-se, assim como seu irmão, ao Rotary Club. Passa a escrever para suplementos literários e seções de literatura em periódicos de outros estados. Em 1941 afasta-se da Imprensa Oficial para tornar-se diretor do Departamento Estadual de Imprensa e

¹¹⁶ MARTINS FILHO, Antônio. Op. Cit., p. 223.

¹¹⁷ Ibidem, p. 222.

¹¹⁸ RODOLFO, Renato. *De autor a editor: a trajetória de Martins Filho e as relações entre intelectuais e Estado no Ceará (1937-1955)*. XXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia, 2017, p. 10.

¹¹⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo. *Fran Martins*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004, p. 19.

¹²⁰ Ibidem, pp. 23-24.

Propaganda, o DEIP, importante órgão público subordinado à Interventoria Federal chefiada por Menezes Pimentel.¹²¹ O DEIP tratava-se de um órgão filiado ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e fiscalizava a atuação de manifestações públicas, panfletos, textos publicados em jornais, livros e a situação educacional no Ceará a partir das recomendações do Estado Novo¹²². Fran Martins era, assim, um intelectual que concentrava um poder político de peso para as atividades artísticas/intelectuais no estado. Em 1942, toma parte da secretaria da Associação Cearense de Imprensa e passa a lecionar na Academia Comercial Padre Champagnet, de posse de seu irmão Martins Filho.

Apesar de anos mais tarde ser nome de respeito no desenvolvimento do Grupo Clã¹²³, Fran Martins evoca Antônio Girão Barroso como a pessoa que realmente fez com que aquela geração seguisse o rumo que tomou. E assim, como os Martins, Antônio Girão Barroso fora um intelectual com uma forte rede de relações que desempenhou papéis na promoção das mais diversas artes no Ceará, seja na literatura, dramaturgia, cinema ou artes plásticas.

Antônio Girão Barroso nasceu em Araripe, no Ceará, em 1914, de família classe média, filho de um funcionário dos Correios e Telégrafos¹²⁴ que, devido a sua profissão, mudava-se de cidades com frequência, tendo a família então morado em Recife, Olinda, Aracati, Fortaleza, Lavras da Mangabeira, Icó (entre 1920 e 1925) e Iguatu, onde o pai do escritor participava de diversas solenidades festivas, fúnebres e literárias¹²⁵. Foi ainda em Iguatu que Antônio Girão Barroso aprendeu a “chamada arte tipográfica”¹²⁶, de acordo com suas memórias, sendo chefe de oficina de uma tipografia da cidade, além de editar alguns jornaizinhos com *O Progresso*, *O Lábaro* e *A Metralha*.

Girão Barroso passou a viver definitivamente em Fortaleza em 1929 e em 1930 foi admitido no Liceu do Ceará, à época dirigido por um primo de seu pai, Hermínio Barroso, onde conheceu, dentre outros, o futuro médico Newton Gonçalves e Mozart Soriano Aderaldo. Em 1932 matricula-se no curso de perito contador da Escola de Comércio da Fênix Caixerai,

¹²¹ LEAL, Ângela Barros. *Fran Martins: O escritor e o mundo*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014, pp.44-45.

¹²² “Em vários estados, o DIP possuía órgãos filiados (os DEIPs) que estavam subordinados ao Rio de Janeiro. Essa estrutura altamente centralizada iria permitir ao governo exercer eficiente controle da informação, assegurando-lhe considerável domínio em relação à vida cultural do país.” VELLOSO, Monica. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 158.

¹²³ AZEVEDO, Sânzio de. In: MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. *Clã: Trajetória do modernismo em revista*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004, p. 8.

¹²⁴ BARROSO, Oswald (org.) *Um certo contato com a lua: Antônio Girão Barroso - Poesia e vida*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, p.208.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ Depoimento de Antônio Girão Barroso in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 130.

concluído em 1938, ano em que inicia seu curso Pré-Jurídico no Liceu do Ceará e torna-se amigo de Aluízio Medeiros, “seu duplo”¹²⁷, que fazia o mesmo curso.

Nesse período, Antônio Girão Barroso trabalha como tipógrafo para o jornal *Diário da Manhã*, onde conhece o já distinto escritor modernista Mário Sobreira de Andrade¹²⁸, com quem começa uma amizade, colabora como redator da *Folha Estudantil*, do Centro Estudantil Cearense, do qual fazia parte, de Cultura, do Clube de Estudos Complementares do Liceu, além da *Fênix*, órgão da Fênix Caixerai. Escreve também para a *Gazeta de Notícias*, *O Povo* e *O Estado* e para a revista *Valor*, de Martins Filho. Lança duas revistas de um número só, a primeira intitulada *Letras*, em 1936, em parceria com Manoel Albano Amora, em que contribuiram jovens escritores da época, como Florival Seraine, Sinó Pinheiro e Aurélio Mota¹²⁹ e a segunda, *Movimento*, quando de seus estudos na Fênix. Após deixar o *Diário da Manhã*, passa a trabalhar na Imprensa Oficial¹³⁰, como revisor, à mesma época em que Fran Martins por lá trabalhava. Em 1938 por meio da parceria entre a Editora Edésio e a Editora Fortaleza, de José Edésio e Martins Filho, respectivamente, é publicado seu primeiro livro *Alguns Poemas*.

Também, de acordo com suas memórias, passou a fazer parte da Aliança Nacional Libertadora (ANL) com alguns colegas por volta de 1933, até se desligar pouco tempo depois ao perceber que “estava errado”, pois a ANL “seria uma projeção em termos legais do PCB [Partido Comunista Brasileiro]”¹³¹.

Em 1940 Antônio Girão Barroso ingressa na Faculdade de Direito do Ceará, que concluirá em 1944, tendo como professores, dentre outros, Dolor Barreira, Andrade Furtado, Eduardo Girão e Magdaleno Girão Barroso, seu próprio irmão. Nesse ínterim, a convite de João Calmon, passa a trabalhar nos Diários Associados, detentores no estado do *Correio do Ceará* e do *Unitário* e em 1941, em parceria com Aluízio Medeiros e Otacílio Colares, prepara um volume de poesia intitulado *Triângulo de Poesia*, que é enviado para o I Congresso de Poesia de Recife¹³², que será sua inspiração para a realização de um evento parecido no Ceará. No decorrer do ano, de acordo com Girão Barroso, a “trinca” do *Triângulo* juntar-se-á a outros poetas e prosistas “novos” como Artur Eduardo Benevides e Eduardo Campos, além de pintores como Aldemir Martins, Mário Baratta e Antônio Bandeira, com apoio de um intelectual da

¹²⁷ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28, dezembro de 1982, p.38.

¹²⁸ Depoimento de Antônio Girão Barroso in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit., p. 131.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ BARROSO, Oswald (org.). Op. Cit., p. 283.

¹³¹ Depoimento de Antônio Girão Barroso in: SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit p.148.

¹³² Revista *Clã*. Fortaleza, nº 27, março de 1981, p.7.

geração anterior, Mário Sobreira de Andrade¹³³. Anos mais tarde, dirá Antônio Girão Barroso: “Dizem que eu fundei e afundei muitas associações”¹³⁴

O fato é que, por meio de uma observação na vida desses três “novos” intelectuais, percebe-se que estes, em sua maioria não eram oriundos da capital cearense (Braga Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo, Joaquim Alves, Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides), além de possuírem uma instrução em ensino superior, especialmente em Direito (Aluizio Medeiros, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra, Mario Baratta, Moreira Campos). De acordo com Antônio Girão Barroso, sua escolha pela Faculdade de Direito deveu-se por ser o único curso, na época, que exigia da pessoa muito da escrita,¹³⁵ no entanto, o mesmo declarou que tanto os estudantes, quanto os professores da Faculdade “tinham uma atuação muito grande em vários eventos, inclusive políticos ligados a reivindicações da população.”¹³⁶

A atuação dessa nova geração e sua sociabilidade iniciada na década de 1930 (momento em que a juventude do Ceará encontrava-se diante de diversas ideias por aqui defendidas por vários grupos divergentes, como aqueles interessados à Aliança Nacional Libertadora ou aos movimentos católicos e integralistas) ganham maiores contornos quando da participação desta em órgãos públicos e em importantes meios de imprensa em Fortaleza. Seus encontros, por vezes, aconteciam nos barzinhos, em livrarias (Livraria Aequitas, Livraria Imperial, Livraria Humberto, Livraria Gurgel e a já citada Edésio) e em cafés próximos à Praça do Ferreira, como o Café Édén, o Café Globo e o Café do Comércio, onde “havia muitas reuniões. A turma ia conversar, os poetas novos e antigos”¹³⁷, nos dizeres de Girão Barroso. Foi nas conversas desse jovem grupo em 1942, em um café, que surgiu a ideia de realizar no Ceará, algo próximo daquilo feito em Pernambuco em 1941, no I Congresso de Poesia de Recife.

¹³³ Revista *Clã*. Fortaleza, nº 27, março de 1981, p.7.

¹³⁴ BARROSO, Oswald (org.) Op. Cit., p.273.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 205.

¹³⁶ SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. Op. Cit. p. 121.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 125.

3 DO PRIMEIRO DOS CONGRESSOS ÀS PORTAS DO SEGUNDO

3.1 O congresso fracassado do ano da desgraça e suas propostas

Em 23 de maio de 1942¹³⁸, um grupo de treze intelectuais, inseridos no meio das letras e das artes, formado por Mario Sobreira de Andrade, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Sinésio Cabral, Braga Montenegro, Milton Dias, João Clímaco Bezerra, Mário Baratta, Antonio Bandeira, Mileno Silva Thé, Otacílio Colares, Antonio Girão Barroso e Aluizio Medeiros reuniu-se, nas palavras do próprio Medeiros, em “uma sala tumular” “sob os olhares assustados de graves retratos de mortos de cem anos atrás”¹³⁹ e do olhar duvidoso de Thomás Pompeu de Souza Brasil no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará na primeira reunião preparatória para a realização do I Congresso de Poesia do Ceará.

A ideia para tal congresso surgiu a partir de uma conversa de café¹⁴⁰ de Antonio Girão Barroso, tendo por base o I Congresso de Poesia de Recife, ocorrido na capital pernambucana meses antes. O Congresso do Ceará seria então uma reunião de debate sobre a arte no estado, sua poesia, prosa, teatro e artes plásticas (todas poesias, com versos ou sem eles), além da situação do artista e do homem de letras. Nessa primeira reunião preparatória, de acordo com o poeta Aluizio Medeiros - considerado por seus colegas como o cronista oficial do congresso - , Girão Barroso propôs que este tivesse temáticas acerca do romance, da poesia, da música, do cinema, da crítica, das artes plásticas, do folclore, das artes populares e do teatro¹⁴¹. Enfim, um debate artístico em sentido mais amplo.

Aluizio Medeiros, autor de alguns poemas de caráter social, ficou encarregado de escrever acerca das reuniões preparatórias – ocorridas em alguns sábados entre os meses de maio e julho de 1942 - que moldariam o vindouro Congresso de Poesia do Ceará. Em suas oito crônicas permeadas de certo humor e ironias, o poeta apresenta as ideias, questionamentos e propostas a serem encaradas e debatidas durante o congresso por aqueles que ali estavam presentes.

Nas crônicas de Aluizio Medeiros vale destacar o modo como os intelectuais são apresentados. Chama atenção de quem as lê, a ênfase na ocupação que exercem como intelectuais e artistas. Por exemplo, Antonio Girão Barroso mencionado como o professor de

¹³⁸ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28, dezembro de 1982, p. 15.

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p.427.

¹⁴¹ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28, dezembro de 1982, p. 16.

poesia, Otacílio Colares é o poeta, Artur Eduardo Benevides e Eduardo Campos são os teatrólogos, Antonio Bandeira e Mario Baratta são os pintores, João Clímaco Bezerra é o folclorista, Mario Sobreira de Andrade é o nortista, João Jacques é o tetrarca, dentre outros¹⁴². Deste modo, é através do papel intelectual que o cronista oficial apresenta o futuro congresso, como um ambiente de desenvolvimento para as letras e artes em geral no Ceará do período, pois ali estarão pessoas de estilos, gêneros, ideias e atitudes diferentes. Na terceira reunião preparatória, inclusive, Medeiros escreve que aquele “salão de tendências misturadas parece o Brasil” e assim, desejava o cronista, devia ser o congresso: uma reunião de vários pensamentos e correntes, mas que se mostrassem unidos a favor de algo em comum.

Desse modo, o congresso seguiria, a princípio, as diretrizes propostas nas reuniões preparatórias, ou seja, os temas que seriam apresentados: a discussão de textos, o debate sobre os direitos autorais, assim como o da criação de uma editora de ação no estado e uma melhor organização entre os escritores, tendo em vista, especialmente, o que consideravam um precário cenário para o incentivo da literatura no Ceará de então. Logo, para esse grupo, considerava-se que seria necessário ter a participação de escritores já conhecidos, tais como Jáder de Carvalho, Mário Sobreira de Andrade e Filgueiras Lima, além do apoio de instituições como o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, a Associação Cearense de Imprensa e a Academia de Letras do Ceará. O grupo acreditava que assim conseguiriam a devida credibilidade entre vários intelectuais cearenses e na imprensa.

Chamado de protetor do grupo por Antonio Girão Barroso¹⁴³, o escritor, professor e editor Antonio Martins Filho, dedicaria uma edição especial de sua revista *Valor* para a divulgação do Congresso. O mesmo, sendo um participante do campo intelectual da Fortaleza de então, poderia conseguir contatos com membros do próprio Instituto do Ceará e da Associação Cearense de Imprensa. Da mesma maneira, Girão Barroso, que escrevia para alguns jornais fortalezenses, poderia encontrar espaços nos mesmos para a divulgação do evento.

Assim, em meados de julho e nos primeiros dias de agosto de 1942, o I Congresso de Poesia do Ceará ganhou as páginas de alguns jornais da capital cearense, como *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias* e *Unitário*. Algumas matérias buscavam divulgar e discutir o que seria esse encontro de intelectuais do Ceará, as maiores figuras locais e o que realmente abordaria tal congresso. Em 1º de agosto de 1942, o *Correio do Ceará* publica um texto sobre o que esperar de tal reunião que se iniciaria mais tarde daquele mesmo dia:

¹⁴² Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28, dezembro de 1982, p. 15.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 20.

Logo que foi lançado – e isto aconteceu há mais de dois meses – parecia uma brincadeira ou blefe. Seria possível que os poetas do Ceará realizassem um Congresso de Poesia? E se o Congresso fosse efetivado qual seria o seu programa? Quais as teses seriam apresentadas? Eram perguntas lançadas aos quatro cantos dessa Fortaleza irrequieta e bisbilhoteira. A primeira notícia sobre o Congresso apareceu num rodapé do CORREIO DO CEARÁ. [...] Todos comentavam a idéia dos poetas. Uns faziam rasgados elogios. Outros criticavam-na de maneira barbara. Existem também os que não diziam nada os que ficavam entre as duas primeiras correntes, aguardando o manifesto do conclave. [...] A leitura do manifesto constitui – pode-se dizer – a maior atração da abertura do certamen. É um documento que está sendo aguardado com indescritível ansiedade pois o mesmo indicará o rumo que deverão tomar os congressistas.¹⁴⁴

Desse modo, além de questionar vários pontos referentes ao tema do Congresso de Poesia e apresentar quem seriam os seus ilustres convidados (o Intereventor Menezes Pimentel, o poeta Filgueiras Lima e a pianista Maria Alice Almeida, que realizaria um número musical), o texto do periódico expõe a existência de opositores, declarando, inclusive, que comentários desfavoráveis ao evento haviam sido publicados pelo *Unitário* de Fortaleza e pelo *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro. Tais comentários, logo em seguida, culminariam na proposta de organização, no Crato, interior do Ceará, de um outro congresso, este chamado de “Congresso sem poesia”. A proposta deste parte, sobretudo, dos críticos do I Congresso de Poesia do Ceará e sua discordância se devia às circunstâncias políticas mundiais do momento. A Guerra Mundial exigia, segundo diziam, um esforço de mobilização e luta antifascista. Não era o momento de dissipar forças em torno de discussões poéticas, afinal, por todo o país comícios e mobilizações eram feitas em defesa da paz.

Alguns anos mais tarde, Antonio Girão Barroso lembrará do I Congresso de Poesia do Ceará, relacionando-o com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e, por conseguinte ao Congresso sem Poesia:

Em relação à deflagração da II Guerra Mundial, estava havendo aqui na época, em 42, o I Congresso de Poesia do Ceará. Como estava em sinal de guerra (o Brasil não tinha ainda declarado guerra aos países do Eixo), Stênio Lopes, Quixadá Felício e outros fizeram no Crato, um negócio chamado Congresso Sem Poesia. Achavam que estava errado fazer, em tempo de guerra, congresso de poesia.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Jornal Correio do Ceará, Fortaleza, 01/08/1942, p. 6.

¹⁴⁵ Depoimento de Antônio Girão Barroso in SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de história oral*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996, p.154.

Como dito anteriormente, nesse ano de 1942 o Brasil, ao aderir à guerra apoiando os aliados, assumia oficialmente uma posição em defesa da democracia e luta antifascista. A repercussão dessa mudança política pôde ser sentida na sociedade como um todo através de diversas manifestações, debates etc. Vale destacar que em janeiro de 1942 realizou-se no Rio de Janeiro a III Reunião de Consulta dos Ministros de Relações Exteriores convocada por Washington logo após o bombardeio de Pearl Harbor em dezembro de 1941. Dessa reunião saem os acordos de cooperação dos países latino-americanos no esforço de guerra. Os jornais de Fortaleza vão, portanto noticiar e apelar à população para colaborar com o governo brasileiro na efetivação das medidas necessárias ao esforço de guerra. Em Fortaleza foram instaladas duas bases militares como fruto desse acordo. As estimativas são de que foram aproximadamente 50 mil militares americanos que circulavam pela cidade.¹⁴⁶

Mas a relação do Congresso de Poesia com a Guerra de então não se resumiu apenas à criação de um Congresso sem Poesia. Este seria apenas mais um obstáculo para aqueles que planejavam o encontro de Fortaleza. O “ano da desgraça” - como se refere Aluízio Medeiros ao ano de 1942 – no Ceará também fora marcado por uma seca, que o Governo Vargas utilizara como uma estratégia para enviar retirantes à Amazônia no que ficou conhecido como Batalha da Borracha.

Tanto a guerra já sentida no estado, quanto a seca que forçava moradores do interior a se tornarem retirantes eram pautadas como assunto de maior importância pelos congressistas do Crato, que declaravam que a discussão a respeito de poesia ou da literatura nessas circunstâncias seriam secundárias, senão veleidades intelectuais. Alexandre Arrais, prefeito da cidade caririense, apoiado pelo jornalista Quixadá Felício e por outros intelectuais locais como Arsênio Flecha, Figueiredo Filho, Padre Leopoldo Fernandes, Luiz Maia, Paulo Botelho e José Stênio Lopes propuseram um congresso democrático a ser realizado nos dias 14 e 15 de agosto, sem “diletantismo literário” ou “misérias orfeônicas”, com “intenção social de servir a coletividade”¹⁴⁷, visando amparar a pobreza do estado. A crítica vinda do Crato era voltada à alienação do grupo fortalezense em contraste as misérias que afligiam o Ceará. Contestando a validade do I Congresso de Poesia, o Padre Leopoldo Fernandes em um texto exclusivo para o *Correio do Ceará* escreve

Vamos também realizar aqui, na metrópole caririense, o nosso Congresso, á semelhança do que se está fazendo em Fortaleza. Com a diferença de nome e de finalidade, apenas. Já não é pouco [...]. Nós, os do Crato, mais simples, mais modestos, mais sertanejos, e também mais apertados pelas dolorosas

¹⁴⁶ FREIRE, C. Renato Araújo. *O quebra-quebra de 1942*. Um dia para lembrar. Dissertação de mestrado, UFC, Fortaleza, 2012, p. 39

¹⁴⁷ *Jornal Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 08/08/1942, p. 2.

dificuldades deste duplo terror que nos fustiga e nos ameaça – a sêca e a guerra – queremos um congresso, mas um congresso sem musas e sem cantores, sem palmas e sem flores, sem discursos que torturam e versos que enfadavam [...] não é um conclave de estéreis discussões, e muito menos a reunião de bons amigos que querem que a vida seja aquilo que eles enxergam através de hipotéticas reformas literárias. [...] O espírito de sacrifício, de abnegação, de bondade e de ternura, não se firma nunca nos conclaves literários, principalmente quando esses são poéticos¹⁴⁸

Leopoldo Fernandes ainda critica que esses rapazes, certos funcionários públicos e outros sem competência alguma com a arte poética de Fortaleza estavam perdendo o tempo diante de palmas ruidosas enquanto sofria o povo do Ceará, pois, de acordo com este, a finalidade do Congresso sem Poesia é humanitária e baseada na caridade cristã.

No entanto, no mesmo jornal, na coluna imediatamente ao lado do que foi escrito pelo sacerdote, foi publicado um texto sem autor divulgado intitulado “Congressos”, que sugere que, apesar de se mostrarem com fins distintos, ambos congressos contemporâneos parecem se complementar, afinal, as duas atitudes, de alguma maneira, visavam as melhores consequências ao Ceará,¹⁴⁹ um desenvolvendo a cultura, o pensamento crítico e as letras na terra, enquanto o outro levava adiante a caridade e importância da humanidade em olhar para aqueles que sofriam.

Assim, nas palavras de Aluizio Medeiros, os congressistas de poesia haviam enfrentado “a odiosa enxurrada de ataques que vinham daqueles que procuravam fazer blague com o Congresso”, tendo assim que “trabalhar num ambiente de franca hostilidade.”¹⁵⁰ Além disso, a guerra já era assunto entre os congressistas fortalezenses mesmo durante as reuniões preparatórias em julho¹⁵¹ e nesse mesmo momento, o grupo foi acusado de quintacolonismo.¹⁵²

Porém, em meio as críticas, na noite do dia 1 de agosto de 1942, se deu, enfim, a sessão de instalação do I Congresso de Poesia do Ceará no Theatro José de Alencar, aparentemente seguindo o que fora discutido nas reuniões preparatórias e divulgado pela imprensa, como o relatado mais tarde em memórias e documentos. O mesmo fora aberto pelo Interventor Federal, Francisco Menezes Pimentel, enquanto o poeta Filgueiras Lima lera um discurso de abertura,

¹⁴⁸ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 14/08/1942, p.2.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ MEDEIROS, Aluizio. *Crítica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956, p.43.

¹⁵¹ *Ibidem*.

¹⁵² Quinta coluna foi um “termo cunhado durante a guerra civil espanhola e usado para designar aqueles que, em Madri, apoiavam as quatro colunas que marchavam contra o governo da Frente Popular Republicana do presidente Azaña. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi utilizado para referir-se àqueles que agiam sub-repticiamente num país em guerra, ou em vias de entrar na guerra, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo. Na Europa esses indivíduos também eram chamados de colaboracionistas.” Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AAEraVargas1/glossario/quinta_coluna. Acesso em 30/10/2018.

ressaltando o papel da poesia e do poeta naquele momento conturbado: “A poesia que o instante universal requer é a de aproximação, de presença no real, da participação do real, porque hoje [...] os poetas, ou são a voz da humanidade, ou não são verdadeiramente poetas”¹⁵³. Eduardo Campos, por sua vez, acabaria com o suspense da mídia ao ler, de costas para a plateia, o manifesto do Congresso, escrito por Mário Sobreira de Andrade.

Seguindo o padrão de vários movimentos artísticos do século XX¹⁵⁴, o Congresso de Poesia do Ceará revelou, enfim, ao público suas intenções por meio de um manifesto, que, em seu texto, apresentava a definição do evento além de questionar a situação da arte no Brasil e no mundo e o papel desta na defesa da liberdade.¹⁵⁵ No manifesto, o poeta Mário Sobreira de Andrade destaca a necessidade de uma “grande poesia nacional e própria, exaltadora da nossa condição cívica, étnica, amorosa, idealista e evolucionar”¹⁵⁶, que deveria ser uma obra de arte brasileira, sem interferências e aceitações dos desagregadores modelos estrangeiros de caráter duvidoso e de fórmulas antiquadas na escrita. No entanto, a defesa dessa poesia nacional assemelhava-se a várias propostas de movimentos modernistas de décadas anteriores,¹⁵⁷ o que denotava uma certa continuidade de ideias pela geração dos novos intelectuais de Fortaleza. Contudo, apesar de importar-se mais com a situação da literatura do Brasil, em vez de centrar-se no ambiente cearense, o manifesto ainda abre espaço para convocar seus congressistas a deixarem de lado suas “atitudes estáticas” e protestarem por meio de seu ofício como escritores contra os regimes autoritários e antidemocráticos.

Não obstante, muito alardeado em meados de 1942 por alguns jornais fortalezenses como *Gazeta de Notícias* e *Correio do Ceará*, as notícias sobre o Congresso foram tornando-se escassas diante da iminente participação brasileira na Segunda Guerra Mundial após ataques alemães a navios brasileiros. Quando as reuniões eram tratadas, o foco dos textos estava, por vezes, concentrado na polêmica entre o congressos de Fortaleza e do Crato, sendo, de acordo com a *Gazeta*, essa polêmica recorrente nas sessões plenárias do Congresso de Poesia.

Em meio a uma matéria sobre a segunda sessão plenária¹⁵⁸, ocorrida no salão nobre do Palácio do Comércio, em que foi debatido a situação do teatro no Brasil e alguns poemas lidos, o supracitado jornal destaca que nela fora

¹⁵³ CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima. *Filgueiras Lima*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p.47.

¹⁵⁴ HOBBSAWM, Eric. *Tempos Fraturados*. Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 18.

¹⁵⁵ NOBRE, Thiago da Silva. “*Geração moça desta gleba*”: Movimento intelectual de Clã e a consolidação do Campo Literário de Fortaleza na década de 40. Fortaleza, 2013. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História – Universidade Estadual do Ceará), Fortaleza – CE, 2013, p.40.

¹⁵⁶ *Ibidem*.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.41.

¹⁵⁸ *Jornal Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 05/08/1942, p. 3.

levantada a seguinte pergunta: O Congresso deve ou não tomar conhecimento dos comentários contra sua existência? Todos se manifestaram a respeito [...] [E chegou-se] a seguinte conclusão: O Congresso tomará uma atitude de silêncio como um protesto eloquente contra as xaropadas dos Quixadá e Cia. – matou um dos congressistas.

No entanto, a proposta do congressista sem nome revelado sobre o silêncio parece ter sido ignorada, pois, dias depois, a *Gazeta*¹⁵⁹ escreve que

Otacílio Colares, num interessante comentário respondeu às críticas daqueles que, como o sr. Quixadá Felício e outros satélites do Crato não quiseram compreender a verdadeira significação desse importante conclave. Porque, sejamos sinceros, o “congresso sem poesia do Crato” não passa de uma blague. Sim, uma mera brincadeira de homens despreocupados, que ainda não conseguiram penetrar no misterio da poesia. Até agora, a “farsa” do sr. Quixadá Felício não apresentou objetivo algum. Eles estão, isso sim, é lançando improperios aos intelectuais desta pacata cidade. O Congresso daqui, pelo menos, apontará o verdadeiro roteiro da literatura e da arte cearenses. O de lá, no fim da festa, terá arranjado o prolongamento de uma “operação medica mais ou menos difícil.”

Logo, vê-se, através dessa polêmica que a necessidade do Congresso de Poesia é potencialmente artística, mas, este ao ser confrontado pelos seus críticos do sul do estado, é levado a seguir um caminho que não poderia apenas tangenciar o debate político, chegando ao ponto de se proclamar a favor da “luta do homem de pensamento contra a escravidão dos povos livres pelas potências totalitárias”¹⁶⁰. Porém, segundo alguns congressistas, como Antonio Girão Barroso e Aluizio Medeiros, o congresso, pelo seu contexto não tinha como fugir de suas críticas e do debates referentes especialmente à guerra e a situação do país, portanto, cedo ou tarde, a política e o papel do escritor de então fariam parte das discussões das reuniões.

Assim, o I Congresso de Poesia do Ceará acabou por ganhar definitivamente um caráter político e mais engajado, discutindo o papel do intelectual e das artes na sociedade e sua ação diante de um mundo em destruição, como é dito no manifesto do congresso, escrito por Mário Sobreira de Andrade¹⁶¹. Dessa maneira, segundo o cronista oficial, em um texto escrito em 1948¹⁶²,

o Congresso foi uma luta aberta, heroica e sem tréguas, luta digna de nós mesmos que desejávamos afirmar, marcar a nossa presença numa época que não permitia vacilações criminosas, que não comportava a irresponsabilidade do silêncio. A guerra chegava aos mais distantes recantos do mundo, repercutia no mais íntimo dos homens, pois estavam em jogo princípios fundamentais da condição humana, já conquistados uns, outros em vias de ser

¹⁵⁹ Jornal *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 15/08/1942 .p. 3

¹⁶⁰ Idem, 05/08/1942, p. 3.

¹⁶¹ MEDEIROS, Aluizio. *Crítica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956 , p. 47.

¹⁶² Ibid, p. 42. O texto trata-se de um discurso pronunciado por Medeiros na sessão de instalação do II Congresso de Poesia do Ceará, em setembro de 1948.

alcançados no combate de milênios de todos os povos. A guerra estava aqui mesmo. Estava dentro de nós. Não podíamos portanto ficar indiferentes, cada um pensando em si mesmo, nos seus problemazinhos, fazendo soliloquios infrutíferos, porque os ventos estavam carregados de gritos extortantes, de imprecções dolorosas, de lancinantes exclamações, os ventos traxiam o pavor da guerra. Tínhamos que auxiliar a luta que se desenrolava sangrenta contra o amordaçamento das liberdades... da liberdade criadora, da poesia. Como poderíamos contribuir nós – intelectuais - , nós – poetas -, se não confirmando a supremacia da inteligência sôbre a brutalidade da fôrça, se não mostrando a pujante vitalidade da poesia num mundo que morria? A simples realização do Congresso, o livre debate dos problemas da poesia, já representavam decisivos passos nos caminhos das nossas definições e até mesmo das nossas soluções em íntima correspondência com o coletivo que estava a inundar a alma de todos nós. [...] O Congresso era uma afirmação de luta contra todas as formas de gestapo, contra as “culturas” de campo de concentração, contra o arbítrio, a violência e a opressão.

O poder de engajamento do escritor e o papel da poesia e da arte em geral, de acordo com Aluízio Medeiros, contra a situação desoladora do mundo faz eco ao trecho de um texto lido por Antônio Girão Barroso durante a segunda reunião preparatória para o congresso e registrado por Medeiros em suas crônicas¹⁶³. Segundo o cronista, Antônio Girão Barroso havia lido que

“é preciso, pra que haja verdadeira poesia, que essa verdade ultrapasse a verdade do poeta, a verdade individual, e tenha valor humano, valor que interesse à coletividade em conjunto ou cada um dos seus indivíduos; verdade que sirva, de qualquer forma, de iluminação, de deslumbramento, de descobrimento”.

O papel do intelectual engajado e sua obra ainda permearia Aluízio Medeiros e seus colegas, sendo um tema fundamental nos congressos vindouros. Porém, apesar de todos os esforços para a realização de um evento grandioso, com o avançar das discussões sobre o Brasil e a Guerra, o interesse da mídia em relação ao congresso caiu de tal modo que, em alguns dias o mesmo foi esquecido (provavelmente a mesma coisa aconteceu com o Congresso sem Poesia) e o quebra-quebra de 18 de agosto de 1942 em Fortaleza enterrou o congresso de tal maneira, que a falta de interesse nele (inclusive por parte de seus congressistas) resultou em seu encerramento espontâneo, sem uma sessão solene ou conclusões declaradas. No entanto, por mais que o desalento tenha tomado conta de Aluízio (a quem uma única sessão do congresso foi de agrado, no caso, a inaugural) e de outros congressistas, para os próprios ele não fora um completo fracasso.

Antes de seu problemático desfecho, o I Congresso de Poesia do Ceará, após sua sessão inaugural, vai, aos poucos perdendo seu ar solene, se deslocando de local para local durante a

¹⁶³ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p. 18.

realização de suas reuniões. Do Theatro José de Alencar para o Salão Nobre do Palácio do Comércio e deste para salas do Instituto do Ceará, para casas dos congressistas e locais de trabalho de alguns destes. Por exemplo, no dia de sua última reunião precocemente encerrada, a sessão estava ocorrendo nos altos da Rotisserie¹⁶⁴, onde funcionava o ateliê do pintor Mario Baratta¹⁶⁵. A não fixação nos locais de encontros e de reuniões, ausência de uma sede, será outro ponto de destaque, pois transformará o Congresso em um simples grupo de debates, aliás tal nomadismo será uma característica dessa nova geração.

Falando acerca da sessão inaugural do I Congresso de Poesia, Aluizio Medeiros escreveu que ela “foi uma sessão que me deixou encabulado e meio decepcionado, pois ela não foi diferente em nada às muitas sessões literárias realizadas em Fortaleza. Mas nem por isso desanimei. O Congresso mesmo era depois dali.”¹⁶⁶ E assim, de acordo com alguns congressistas, certo tempo depois da sessão de abertura, os efeitos do congresso surgiram e desenvolveram-se, mas não de imediato.

Porém, é válido acrescentar que o I Congresso de Poesia do Ceará, com todos seus altos e baixos, marcou a vida de alguns dos escritores do que mais tarde formariam o Grupo Clã. A importância desse primeiro encontro é reiterada por Fran Martins em *A semente*, texto publicado na revista Clã número 28, de 1982, em comemoração aos quarenta anos desse congresso. De acordo com este texto, afirmava-se que o Ceará precisava de um “estímulo artístico e cultural.” Era necessário, segundo alguns escritores citados por Martins, como Antonio Girão Barroso, Mário Sobreira de Andrade e Eduardo Campos, a criação de ateliers, teatros e principalmente editoras. Esses escritores queixavam-se da carência ou falta de meios de divulgação dos seus trabalhos, uma vez que, para eles, as editoras no Ceará eram deficientes em vários aspectos, como o da publicação e distribuição, enquanto aquelas do restante do país publicavam preferentemente os autores renomados nacionalmente e escritores estrangeiros. Essa insatisfação, inclusive, foi uma das tônicas centrais no Congresso de escritores que seria realizado quatro anos mais tarde.

3.2 O Encontro no Mondubim.

Como dito por Fran Martins e Aluizio Medeiros, de acordo com aquela nova geração, a importância do Congresso não se centrava nas suas sessões, mas sim naquilo que viria em

¹⁶⁴ BARROSO, Oswald (Org.). *Um certo contato com a lua: Antonio Girão Barroso – Poesia e Vida*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014, p. 286.

¹⁶⁵ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p.10.

¹⁶⁶ MEDEIROS, Aluizio. *Crítica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956, p.45.

seguida a ele¹⁶⁷, o que é reiterado na edição de número 28 da *Revista Clã*, de 1982, apresentando um conteúdo com o título “Quadragesimo ano ou como começou o movimento de Clã”.

Nessa edição está *A semente*, texto de Fran Martins, já citado, as crônicas de Aluizio Medeiros e três discursos, de Mário Sobreira de Andrade, Eduardo Campos e Antônio Girão Barroso. Tais discursos foram proferidos no que Mozart Soriano Aderaldo chamou de “convescote de Mondubim”¹⁶⁸, ocorrido dois meses após o fim do I Congresso de Poesia do Ceará, em homenagem a Antônio Girão Barroso, que havia retornado de uma estada no Rio de Janeiro.

Após a realização do Congresso de Poesia, Antônio Girão Barroso, como membro do Centro Estudantil Cearense, em companhia de outros colegas do Centro foi ao Rio de Janeiro para participar do V Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE)¹⁶⁹ e durante esse período na capital federal, Girão Barroso conheceu Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ribeiro Couto, Oswald de Andrade, Jorge de Lima e Manuel Bandeira.¹⁷⁰

Seu retorno (trazendo consigo livros da capital para seus amigos) é comemorado, então, em um sítio de propriedade da família de Manuel Eduardo Campos, no Mondubim, com um almoço ao meio dia com a participação, além do próprio Eduardo Campos, de seu primo, Artur Eduardo Benevides, Antonio Bandeira, Aluizio Medeiros, Mário Sobreira de Andrade, Estrigas e Aldemir Martins. Para Eduardo Campos aquele foi o momento fundamental para o surgimento do Grupo Clã para aqueles jovens¹⁷¹, mesmo contestado por outros, como Mozart Soriano Aderaldo, que diz que o mesmo já existia por volta de 1939, mas sem caráter definido¹⁷². Fran Martins, no entanto, declarou que eles não tinham intenção alguma de criar um grupo¹⁷³. Porém, todos os três concordam com a importância desse encontro no Mondubim, Mário Sobreira de Andrade, inclusive, diz que tal almoço foi parte de um plano de Eduardo Campos para um debate e melhor entendimento do grupo após o dito fracasso do Congresso de Poesia.

Incentivador daqueles jovens intelectuais¹⁷⁴ e expoente dos primeiros passos do movimento modernista cearense na década de 1930, Mário Sobreira de Andrade, até então conhecido como Mário de Andrade do Norte, era visto por aqueles jovens como uma espécie de liderança do grupo. Por mais que não tenha participado ativamente do I Congresso de Poesia

¹⁶⁷ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p. 7; MEDEIROS, Aluizio. *Critica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956, p.45.

¹⁶⁸ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 27. Fortaleza, março de 1981, p.19.

¹⁶⁹ BARROSO, Oswald (org.) Op. Cit., p.140.

¹⁷⁰ Ibidem, p.281.

¹⁷¹ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 27. Fortaleza, março de 1981, p.10.

¹⁷² Ibidem, p.13.

¹⁷³ Ibidem, p. 15.

¹⁷⁴ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976, p.393.

do Ceará por questão de doença, ele fora um dos maiores apoiadores do plano de Antônio Girão Barroso para a realização do mesmo, escrevendo inclusive o manifesto lido por Eduardo Campos na sessão inaugural. Portanto, durante o almoço de 26 de outubro de 1942¹⁷⁵, Andrade reconhece a importância dos “pantagruélicos” planos do grupo, além de sua própria atuação no meio deste:

Sem a alma prevenida, contudo fiéis, neste particular, à nossa formação, tomemos alguma deliberação que satisfaça, depois deste churrasco, à fome de projetos do nosso Manuelito, como ele, generosa e abundantemente, está satisfazendo aos intuitos pantagruélicos de alguns de nós. Vamos fazer uma editora, um clube, um atelier, um teatro – tudo com o sinete da mocidade impávida e ardorosa de vocês e com uma certa dose de minha já risonha experiência...¹⁷⁶

Os projetos para aquele encontro de Manuelito, apelido de Eduardo Campos, a que se refere Mário Sobreira de Andrade, seriam aqueles de levar a cabo algumas das propostas aparentemente debatidas no I Congresso de Poesia, que visavam o amadurecimento do meio artístico cearense, com direito a estabelecimentos que permitissem tal desenvolvimento. Eduardo Campos, durante o almoço, é categórico ao afirmar que aquele encontro será o estopim para, enfim, por em prática seus principais anseios levantados em agosto daquele ano.

Em todo caso, levemos daqui, de tão encantador convívio, de poucas horas é verdade, a certeza de que amanhã é o dia marcado para o início, ou mais solenemente, para o lançamento fundamental de nossas idéias que vão conhecer o terreno real para onde devem marchar todos os empreendimentos. E teremos o Teatro, a Editora, e a nossa amizade alicerçada mais uma vez.¹⁷⁷

Assim, é alimentada com mais vigor a ação de criar uma editora que entendesse a situação das letras e do escritor local, permitindo seu amplo crescimento como ator no cenário intelectual do Ceará; de um teatro digno para o povo, uma vez que o Theatro José de Alencar, principal de Fortaleza, era, de certo modo, restrito à parte da população e mesmo para algumas encenações; e de um ateliê, onde os pintores do estado pudessem trabalhar com dignidade, visto que a maioria realizava seu ofício em locais diminutos, além de não possuir um espaço dedicado para a exposição de suas telas.

Por sua vez, o discurso de agradecimento de Antônio Girão Barroso, acentua a importância do grupo para a efetivação desse interesse coletivo, que, a seu modo, uniu

¹⁷⁵ Apesar de muitos, como Fran Martins, Antônio Girão Barroso e Mozart Soriano Aderaldo, referirem a data como 26 de outubro, Eduardo Campos, em seu discurso realizado no dia, depois transcrito e publicado, diz que o almoço ocorreu em 25 de outubro. Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p.31.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 36.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 32.

gerações¹⁷⁸ (em referência a Mário Sobreira de Andrade), além de salientar o crescimento do vínculo de amizade entre este e outros jovens intelectuais como Aluízio Medeiros, Fran Martins, Eduardo Campos e Mário Baratta (uma ausência sentida naquele evento) naquele ano de 1942.

É certo pensar que o convescote não foi de pronto efetivo, assim como o Congresso de Poesia meses antes, mas o trabalho continuado ali iria criar um rumo efervescente que, por sua vez, alçaria as atividades da nova geração. Assim, logo no ano seguinte, surge a Edições Clã, com o folheto *Três Discursos*¹⁷⁹, no caso, os três discursos apresentados no Mondubim. O grupo editorial continuaria sua atividade ainda naquele ano com o livro de contos *Águas Mortas*, de Eduardo Campos, que foi, de certo modo, elogiado pela crítica literária da imprensa local. Em 1946 saíria aquele que é considerado o livro inicial do movimento modernista da Clã, *Os Hóspedes*, livro de poemas escrito por Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares, Aluízio Medeiros e Antônio Girão Barroso. A Edições Clã não possuía uma tipografia própria, usando por vezes o maquinário do Instituto do Ceará e a da Editora Fortaleza.

Ao mesmo tempo em que fora criado a Edições Clã, nascia o Clube de Literatura e Arte Moderna (também chamado de Clube de Literatura e Arte), a partir de mais uma ideia de Antônio Girão Barroso. O clube, como de costume, não possuía uma sede fixa e, segundo João Climaco Bezerra, reunia-se “sempre em lugares ambulantes e imprevisos. Ora no Escritório de Advocacia do Prof. Olavo Oliveira, [...] ora no velho atelier de Baratta e, mais tarde, na água-furtada da esquina da Guilherme Rocha com General Sampaio, na Praça José de Alencar.¹⁸⁰” Suas atividades abordavam a leitura de livros, trocas de exemplares e debates acerca da arte de então. À época, como diz Antônio Girão Barroso, houve quem confundisse o Clube com a Editora, o que, em seguida, seria mais problemático com o advento da Revista *Clã* em dezembro de 1946.

Dessa maneira, em pouco mais de um ano, haviam sido criados em Fortaleza, um clube de leitura e uma editora que atendesse aos propósitos daquela nova geração. O teatro, para tristeza de Eduardo Campos, contudo, não saiu do papel, o mesmo não pode ser dito em relação ao ateliê. É verdade que ele não nasceu como o esperado, mas o sucesso inicial garantiu sua existência.

¹⁷⁸ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p.40.

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Moreira Campos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p.54

¹⁸⁰ BARROSO, Oswald (org.) Op. Cit., p.196.

Ao retornar a Fortaleza em outubro de 1942, Antônio Girão Barroso, no ano seguinte, funda a União Estadual dos Estudantes (UEE), que era uma entidade independente da UNE (sendo apenas ideologicamente próximo à UNE, segundo Girão Barroso). É através dessa entidade que será criado o I Salão de Abril, um evento de exposição de artes plásticas.

Os artistas plásticos viam naqueles jovens escritores interesses e ideias próximas acerca da arte e do papel de artista, Gilmar de Carvalho, inclusive, diz que “o Clã (Clube de Literatura e Artes) teve dois atestados de nascimento: um do sítio dos Firmeza, em Mondubim, outro do escritório do Baratta, no edifício Diogo”¹⁸¹.

Os artistas plásticos também estiveram presentes nas reuniões do Congresso de Poesia, como foi apontado acima no texto de Fran Martins, visto que, para Antônio Girão Barroso, as artes plásticas eram uma forma de poesia.

Em 1941 surge o Centro Cultural de Belas Artes em Fortaleza, a primeira entidade de artes plásticas na capital, do qual faziam parte os já citados Mario Baratta, Aldemir Martins, Antonio Bandeira e Raimundo Cela, dentre outros. Assim como os escritores que criaram o I Congresso de Poesia buscavam uma editora, um teatro para desenvolver suas atuações, o mesmo ocorria com os artistas plásticos que procuravam apoio nos seus trabalhos e espaço para que estes pudessem acontecer, o que permitiu uma aproximação entre esses grupos. Diz Fran Martins que a luta dos escritores para um atelier se devia ao fato de que este

seria um lugar onde os artistas plásticos poderiam trabalhar mais à vontade pois no momento o ponto de encontro maior de todos era o acanhado atelier do pintor Mario Baratta, localizado nos altos de um cinema, depois numa esquina familiar, causando incômodos morais às famílias da vizinhança porque lá, pela primeira vez nesta terra, ao que se saiba, havia modelos vivos que, por pouco dinheiro posavam nuas para os outros artistas – modelos que eram, dizia-se, mulheres da vida.¹⁸²

Mas além disso, segundo Mario Baratta, a importância da criação do atelier ganhava força em meio aos escritores devido a uma

mesma estética subjacente [que] liga os poemas de Antonio Girão Barroso, os sonetos de Otacílio Colares e as pinturas de Aldemir Martins [...] Então as forças dos dois grupos confluíram numa estética com o clima, com a cultura e as inquietações daqueles anos.”¹⁸³

Baratta era um defensor de uma arte moderna no Ceará e via nos colegas escritores lampejos dessa mesma visão artística: em que o artista não devia ter apenas um relacionamento

¹⁸¹ CARVALHO, Gilmar de. In ESTRIGAS. *Arte Ceará: Mário Baratta: O líder da renovação: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará*, 2004, p.9.

¹⁸² Revista *Clã*, Fortaleza, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982, p.8.

¹⁸³ Revista *Clã*, Fortaleza, nº 27. Fortaleza, março de 1981, p. 26.

com a artes, mas também com o seu meio¹⁸⁴. Mario Baratta nasceu no Rio de Janeiro e veio para Fortaleza na década de 1930, formando-se mais tarde na Faculdade de Direito do Ceará e, durante esse período, fez amizade com outros pintores da cidade, dentre os quais o já conhecido Raimundo Cella, assim como com escritores como Antonio Girão Barroso, através do Centro Estudantil.¹⁸⁵ Para Mario Baratta, o artista do século XX devia sempre produzir sua arte pensando no seu meio, para ele, no caso dos artistas plásticos, a mensagem estética do artista deve ser vista e recebida por todos, a arte deve ser feita visando especialmente ao que chama de homem-massa, orientada para a educação deste.¹⁸⁶ Logo, para o pintor, tanto os artistas plásticos, quanto os escritores deviam se preocupar com o povo e com o papel do artista na manutenção da democracia no mundo e no desenvolvimento social, o que, por conseguinte, necessitaria de um apoio efetivo, por parte de poderes governamentais para alcançar seus objetivos, pois, segundo ele, “a arte não se pode ser meio de vida no Brasil e muito menos no Ceará”.¹⁸⁷ Ressaltando a importância do trabalho do artista e deste poder se manter por meio de suas obras.

Porém, o Centro Cultural passa a sofrer problemas financeiros por falta de apoiadores e investimentos e fecha suas portas logo em seguida. O resgate das artes plásticas no Ceará ocorre com o apoio da União Estadual dos Estudantes e o lançamento do I Salão de Abril, em 1943¹⁸⁸. No ano seguinte surge a Sociedade Cearense de Artes Plásticas, tendo a frente Fran Martins, que conseguiu com o prefeito de Fortaleza, investimentos, mobiliários e uma sala de exposição¹⁸⁹. A SCAP passaria ainda por alguns problemas nos meses seguintes, mas suas atividades continuariam relevantes no decorrer dos anos, inclusive participando do I Congresso Cearense de Escritores, em 1946, com exposições de pinturas, além disso, o pintor Mário Baratta, inclusive, seria um dos mais destacados congressistas de 1946, com a apresentação de duas teses suas.

Mas o que possibilitaria a realização desse congresso no ano de 1946, seria a vinculação desses novos intelectuais à Associação Brasileira de Escritores (ABDE), surgida em 1942, na capital federal, como uma instituição que servisse como defensora dos direitos dos escritores e de suas publicações, além de promover uma missão democrática destes em oposição ao Estado Novo vigente.

¹⁸⁴ ESTRIGAS. Op. Cit., p 15.

¹⁸⁵ Ibidem

¹⁸⁶ Ibidem p.49

¹⁸⁷ Ibidem, p 31

¹⁸⁸ BARROSO, Oswald (org.) Op. Cit., p. 140.

¹⁸⁹ ESTRIGAS. Op. Cit., pp. 30-31.

Em 1945, meses após a ABDE realizar em São Paulo o Congresso Brasileiro de Escritores, Fran Martins decide enviar um pedido de adesão e criação de uma seção da instituição no Ceará, visto que este acreditava que os princípios da ABDE vinham de encontro aos ideais discutido pelo grupo fortalezense desde o I Congresso de Poesia do Ceará.

O pedido de criação foi, então, aceito pelo presidente da Associação à época, Sérgio Buarque de Holanda, que escreve para Fran Martins:

Tendo assumido os trabalhos da ABDE e na qualidade de presidente provisório do Conselho Federal [...] quero testemunhar ao prezado confrade a satisfação com que os colegas do Rio receberam a notícia do belo movimento iniciado pelos escritores cearenses, sem espírito de “coterie”, animados no sentido de renovação cultural e na defesa dos interesses de classe. Outra coisa, em verdade, não aspiram, os dirigentes da ABDE. Fico aguardando os resultados dos trabalhos cometidos à comissão encarregada de elaborar o regimento interno da seção cearense na base dos estatutos da nossa Associação. Assim que esteja definitivamente organizada a seção do Ceará, peço que seja eleito um representante do mesmo no Distrito Federal, afim de participar do Conselho Federal, que esperamos reunir em meados de junho.¹⁹⁰”

Após a aprovação e aceitação das diretrizes do Rio de Janeiro, foi enfim criada, a Associação Brasileira de Escritores – Seção Ceará, sob a presidência de Fran Martins, sem sede prévia, reunindo-se no Salão Nobre do Instituto do Ceará.

3.3 Preparações

Segundo Fran Martins, foi durante uma reunião da Associação Brasileira de Escritores – Seção Ceará, ocorrida no salão nobre do Instituto do Ceará (onde havia acontecido, inclusive, as reuniões preparatórias para o Congresso de Poesia de 1942), três anos após a criação da ABDE-Ceará, em 1946, que a ideia para um Congresso de Escritores no Estado foi proposta.¹⁹¹ O “fazedor de congressos¹⁹²” Antonio Girão Barroso, naquela tarde de julho, havia divulgado a ideia de produzir um Congresso a semelhança àquele que aconterá em 1945, em São Paulo para aqueles que estavam reunidos ali: Cruz Filho, Mario Baratta, João Clímaco Bezerra, Aluísio Medeiros, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Sidney Neto, Braga Montenegro, Fran Martins, Stenio Lopes e Martins Filho.

¹⁹⁰ LEAL, Ângela Barros. *Fran Martins: O escritor e o mundo*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014, p. 56.

¹⁹¹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.3.

¹⁹² BARROSO, Oswald (org.) Op. Cit., p.285.

Fran Martins relata que a ideia foi de pronto aceita por aquele grupo, pois, nas palavras do mesmo, eles estavam necessitando de algo que “modificasse um pouco a monótona paisagem intelectual da província”. Pois, ao seu ver, mesmo que em seu estado vivessem artistas de destaque, a literatura e as artes em geral não estavam no patamar próprio a estas no Ceará, dito uma província, um local distante dos grandes centros, das metrópoles, em que as ideias intelectuais prosperavam. Um *congresso* de escritores, organizado á maneira dos *congressos* nacionais da ABDE de 1945 e o vindouro de 1947, era visto como uma opção de certa forma segura de alcançar o sucesso de suas propostas, tanto no meio literário quanto social. Um *congresso* com organização responsável, para que este não seguisse o rumo do Congresso de 1942. Por mais que alguns participantes dissessem que aquelas reuniões no ano da desgraça produzissem certas melhorias para suas queixas, os mesmos continuavam receosos do fracasso do conclave que almejavam, portanto, era imperativo que este não mostrasse ao público mais uma caminhada sem rumo e sem fins.

As preparações para aquela reunião que seria então de interesse geral, começaram pouco tempo após a aprovação da ABDE do estado (que em seu interior incluía os também membros do Clube de Literatura e Arte) e do Instituto do Ceará, que acolhia as reuniões da associação, apoiou mais um outro congresso. Em seguida o apoio do Instituto do Nordeste, da Casa Juvenal Galeno e sua Ala Feminina, da Academia de Letras do Ceará, da Academia Cearense de Letras, da União de Moços Católicos, da Academia de Estudos e Letras de Sobral e do Centro de Ciência e Filosofia foram conseguidos. Mas, não foram apenas de sociedades intelectuais que os membros da ABDE conseguiram apoio. Tanto o governo estadual quanto o municipal disponibilizaram verbas para a realização do futuro congresso e o Palácio do Comércio, sede da Federação das Associações de Comércio e Indústria do Ceará, foi arranjado como local dos encontros.

Desse modo, juntou-se em torno do congresso diversos nomes da literatura do Ceará, “velhos” e “moços”, tal como nomes vindos da política, dos poderes religiosos e militares, do comércio e da justiça local. Os contatos dos escritores com várias instituições do estado permitiram com que vários representantes de instituições do Estado fossem convidados, fazendo com que tanto os congressistas se aproximassem deles, quanto a sociedade fortalezense tomasse conhecimento das ações destes em meio aos renomados da elite da capital cearense, o que foi bastante ressaltado por periódicos da cidade, como o *Correio do Ceará*, ao tratar da sessão inaugural do congresso em 7 de setembro¹⁹³, em que destaca a “seleta assistência” do

¹⁹³ Jornal *Correio do Ceará*. Fortaleza, 09/09/1946, p. 2.

evento. Destaca-se que ao contrário do Congresso de 1945 de São Paulo, os intelectuais aqui atrelavam o evento às esferas do poder, revelando claramente uma submissão do emergente campo intelectual ao campo do poder.

Em uma entrevista dada ao *Correio do Ceará*¹⁹⁴, dias antes da sessão de instalação, Antonio Girão Barroso expôs a importância do Congresso como resposta para aqueles que duvidavam da realização do mesmo.

Enfim, vamos ter nestes próximos dias o Congresso de Escritores. Quando a idéia foi lançada, não faltaram alguns espiritos menos confiantes e mesmo pessimistas para dizer que ele era muito difícil de ser levado a bom termo, que não seria bem compreendido no Ceará, pois aqui não medram certos frutos. E o Congresso era um deles. Ora, argumentavam esses desconfiados impertinentes, a que vem esse congresso, quais os seus objetivos, se na nossa pobre terra os problemas são antes de tudo economicos? E outros argumentos que tais. Precisamente por isso, por todos esses motivos, poderíamos contra-argumentar, é que o conclave do dia 7 tem a sua razão de ser, pois ele não será uma reunião de literatos prontos a brilhar em cada sessão, mas, muito ao contrario, uma assembléia de discussões objetivas em torno dos problemas de ordem social e economica que afetam os escritores. Será, digamos, um congresso *imediatista* [...] este dagora é essencialmente positivo, prático. Por ai se vê claramente a razão maior que fez o nucleo local da Associação Brasileira de Escritores, numa atitude que diz muito bem da sua orientação atual, voltado como está para a defesa dos interesses dos seus associados, conchamar todos os intelectuais do Estado para a realização do seu primeiro congresso, marco, sem duvida, de outras tantas iniciativas de importancia para o proprio Ceará. Devemos fazer finco-pé nesse congresso, afim de, daí por diante, jamais abandonarmos o terreno das reivindicações justas, dando ao homem de letras de nossa terra mais possibilidades de realização, pela efetivação inclusive de seus direitos de autor. Nesse assunto, muita coisa há a fazer ainda. Depois do congresso, porém, é provavel que as coisas por esse lado sigam um rumo novo e decisivo, através de algumas providencias que a ABDE tomará, tendo em vista as conclusões a que chegarem os congressistas. Uma das teses a serem discutidas, segundo soube, versará com muita objetividade sobre o problema dos direitos autorais entre nós, e outros serão em torno do amparo ao escritor de província, apontando-se em ambos os casos soluções que, estou certo, merecerão unanime apoio, pelo menos nos pontos mais importantes. São assuntos, esses, de maior interesse, pois não se pode admitir mais, no Brasil inteiro, que o escritor viva da boa vontade (ou da má vontade) dos editores. E o Congresso é, de si mesmo, uma reação a tal estado de coisas. Questões outras, como o da liberdade de criação e de pensamento, serão do mesmo modo objeto de discussão, e naturalmente os intelectuais do Ceará [...] hão de firmar também a sua intransigente posição de defesa de uma coisa e de outra, como aliás sugeria há poucos dias, em carta para os organizadores do Congresso, o brilhante escritor paulista Sergio Milliet. Sem a necessaria liberdade – é evidente – como poderá siquer existir o escritor? [...] O Congresso tambem velará por ela, a sagrada liberdade.

¹⁹⁴ Jornal *Correio do Ceará*, Fortaleza, 05/09/1946, p. 2.

Ao final da entrevista, o autor pede a presença na sessão inaugural daqueles que não acreditam na empreitada. No entanto, entre as declarações sobre a importância do evento para os seus participantes, assim como para a sociedade, através do que ele chama de luta pela liberdade, problemática no mundo de então, vê-se nas palavras de Girão Barroso, um propósito ligeiramente diferente daquele congresso em que se baseavam. É certo que no I Congresso Brasileiro de Escritores havia a preocupação com os direitos autorais e com a divulgação de obras, mas ele dava um amplo foco no debate político da censura de obras e no papel do regime ditatorial do Estado Novo. É claro que a ditadura já havia se encerrado quando da realização do congresso no Ceará, mas o país ainda se encontrava em rumo incerto, com uma nova Constituição a ser instaurada, portanto, é notável as peculiaridades das reuniões que se dariam em Fortaleza, sempre salientando a situação do escritor local.

Em uma entrevista ao *Unitário*¹⁹⁵, o então futuro congressista Stenio Lopes declara que a questão dos direitos autorais será a mais importante a ser debatida no congresso. No entanto, o próprio Stenio Lopes (que fora contrário ao Congresso de Poesia de 1942), na entrevista, mostra-se receoso com o evento vindouro, mesmo criticando aqueles que, em oposição, dizem que o congresso não passará de uma simples reunião de um clube que procura aparecer.

Não acredito que o Congresso resolva de golpe os problemas que nos preocupam, como não creio que todo o resultado conseguido se resuma nas bonitas conclusões que os “ANAI” hão de publicar. Aliás, para mim, o maior fruto do Congresso será incutir nos escritores cearenses maior noção de responsabilidade no momento presente, em face da situação brasileira, quando todos nós – intelectuais ou não – somos chamados a cooperar para a solução da crise que nos avassala. [...] A verdade é que há um grupo de gente moça que está trabalhando. Não digo que esteja sempre certa, mas o seu esforço e boa vontade são claros e palpáveis. Não está vendo o surto editorial que vem acontecendo há dois ou três meses? [...] Pela primeira vez no Ceará se reúnem em torno de um mesmo objetivo entidades como o Inst. do Ceará, a Casa Juvenal Galeno, a Academia de Letras, ao lado das agremiações dos “novos”: Associação Brasileira de Escritores e Clube de Literatura e Arte. Desta reunião há de sair decerto alguma coisa útil.

Aqui se observa, que mesmo preocupado com os direitos autorais, o papel do intelectual no seu meio também é visto como um ponto decisivo de debate no congresso, segundo Lopes, o que será reiterado por Antonio Girão Barroso em seu discurso já na sessão de instalação diante daqueles ali reunidos. Em meio a declarações de que aquele congresso seria diferente por contar com várias pessoas com um objetivo claro em comum, Girão Barroso pronuncia acerca do papel político do intelectual de então.

Porque o nosso será um congresso antes de tudo reivindicatório, no qual, se a tanto for preciso, ergueremos muito alto a nossa voz, afim de que ela chegue até

¹⁹⁵ Jornal *Unitário*, Fortaleza, 05/09/1946, p. 6.

os poderes públicos, para que eles, de posse das verdades que formos salientando aqui, sintam em toda a sua profundidade, a honestidade, a exactidão dos nossos propósitos. Creio que, nesta altura dos acontecimentos do mundo, e do Brasil, particularmente, não existe problema maior do que o da formação de élites culturais, sérias e corajosas, capazes de, pela sua ação á frente do povo e dos govêrnos, dar afinal uma orientação nítida, democrática e sadia aos movimentos políticos e sociais, sem o que, parece-me, estaremos apenas protelando as soluções que virão de qualquer maneira, inclusive pela violência. O intelectual, o homem de cultura, que está perto dos problemas do seu tempo apenas pelo estudo, deve sair ao campo, como fazem os políticos profissionais, e ser um político ele também.¹⁹⁶

Assim, o I Congresso Cearense de Escritores passa a ser definitivamente, nas palavras de seus participantes, um conclave em que a arte e política seriam discutidas de modo a se trabalhar, então, o papel do escritor de então, dando prioridade àqueles do próprio Ceará.

No entanto, apesar, de ter como “escopo” central a questão dos direitos autorais, a organização do temário do Congresso divide-se na compreensão do papel do escritor em face da literatura, em face do meio e em face do mundo.¹⁹⁷ No primeiro tema, seriam debatidos, por exemplo, a chamada arte pela arte e as traduções; no segundo, o escritor de província, os estímulos a estes, divulgações e direitos autorais; no terceiro, por sua vez, as relações entre escritores e a política, o papel dos governantes e dos escritores na reconstrução do mundo.

Desse modo, após a realização da Sessão Solene Inaugural, com participação, inclusive da SCAP, com uma exposição em uma das salas do Palácio do Comércio, e da Sessão de eleição da mesa diretora, com a escolha de Antônio Martins Filho (o grande patrocinador, que até conseguira os investimentos públicos para o evento) para presidente das reuniões seguintes, se iniciam os debates no I Congresso Cearense de Escritores.

¹⁹⁶ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 22.

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 9.

4 A AFIRMAÇÃO

4.1 O intelectual em face da literatura

Como ficou salientado na sessão inaugural do I Congresso Cearense de Escritores, o protocolo do evento abria um espaço para que pudesse ser discutida a literatura, mesmo que não fossem debatidos, recitados ou lidos textos literários¹⁹⁸ (como havia acontecido em 1942, com o Congresso de Poesia). O temário do intelectual em face da literatura foi definido por Fran Martins ao declarar que o escritor jamais seria capaz de fugir da literatura,¹⁹⁹ afinal seria impossível “fugir o efeito da causa”, portanto um congresso de escritores sem abordar a escrita seria algo inimaginável. Desse modo, os congressistas discorrerem e defenderiam insistentemente que uma renovação literária só poderia advir com um melhor amparo e desenvolvimento da atividade de escrita e uma reflexão sobre o papel político do escritor. A chamada “objetividade” do congresso em abordar assuntos considerados “mais sérios” para aquele momento assegurava que seus participantes, com “espírito elevado”, abordassem a discussão sobre o escritor em face da literatura “estudando processos de criação, mas jamais procurando defender a excelência das [...] produções.”²⁰⁰

Logo, através desse espaço de discussões e de um consenso sobre os tipos de problemas que deviam ser agendados no debate do Congresso, três eixos podem ser destacados aqui, pois neles se pautaram as falas dos escritores: as discussões estéticas; as temáticas da escrita; e o papel e os problemas da literatura no mundo contemporâneo. Estas questões, ainda que inter-relacionadas, foram abordadas com maior ou menor ênfase, nas teses apresentadas por Eduardo Campos, Cruz Filho, Antônio Girão Barroso, Joaquim Alves e José Valdivino. Cada um dos congressistas que se dedicou a esse assunto, abordou um ponto distinto, não se concentrando apenas no que estava sendo produzido no Ceará, expandindo suas abordagens para além das fronteiras do estado.

O renomado poeta Cruz Filho, em seu trabalho apresentado durante a Quarta Sessão Plenária intitulada *Indicação a respeito do vigente “Acôrdo Ortográfico” luso-brasileiro*²⁰¹, debruçou-se no acordo ortográfico vigente no Brasil a partir de 1945, por vezes, apresentando um ar nacionalista notável em seu texto divulgado. O poeta declarou que a mudança na ortografia brasileira era algo injusto, inaceitável e ignorante por parte de quem o aprovou, sendo uma forma da Academia Brasileira de Letras e o Governo Federal darem total poder a Portugal

¹⁹⁸ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.20.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p.19.

²⁰⁰ *Ibidem*, p.20.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 194.

nas decisões de escrita do português utilizado no Brasil, subjugando assim as letras brasileiras, impondo palavras próprias do português americano ao modelo ortográfico europeu, o que em vez de facilitar a comunicação entre os países, dificultou-a, especialmente para os brasileiros. O autor critica, inclusive, a escolha de literatos e não de filólogos para a formulação do acordo e salienta, por fim, as dificuldades na escrita por qual passarão aqueles que dela fazem uso, assim como a estranheza na leitura. Deste modo, Cruz Filho pede que a seção cearense da ABDE apele àquela do Rio de Janeiro para que a lei seja revogada.

Saindo do debate puramente ortográfico, Antônio Girão Barroso, em sua primeira tese no Congresso, apresenta sua visão acerca da *Poesia Antiga e da Poesia Moderna*²⁰². Segundo o autor, sua tese é um simples “trabalho sobre poesia, para debater o problema do verso moderno e do verso antigo.”²⁰³ De acordo com o poeta, àquele tempo, existia certa desconfiança quanto ao papel da poesia dita moderna e sua imagem como arte, assim como um pensamento adverso acerca desta por parte daqueles que defendiam a poesia moderna em oposição à denominada antiga. Assim, apesar de apresentar tal problema, o autor não esclarece nominalmente quem são aqueles que usam tais terminações para a denominação da poesia.

No entanto, em seu texto, Girão Barroso rapidamente menciona Olavo Bilac e Raimundo Correia como representantes de uma poesia antiga, enquanto Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes e o chileno Pablo Neruda seriam autores da poesia moderna. Os exemplos dados por Girão Barroso, no entanto, não se configuram à sua ideia de poesia antiga e moderna, pois, para ele, tais denominações problemáticas só fazem sentido histórico, de modo que permitem localizar as variadas poesias no tempo.²⁰⁴

Logo, Antônio Girão Barroso defende a ideia de que a discussão entre poesia antiga e moderna é inútil, pois, para o mesmo, tal problema não existe²⁰⁵, ou seja, todas são poesia (sem qualquer definição), “a poesia é uma só: a legítima”²⁰⁶, basta a arte apresentar “elementos de poesia”, o que, de certo modo, se aproxima do que havia sido proposto no I Congresso de Poesia, onde, para seus criadores, especialmente o próprio Girão Barroso, as variadas artes são todas poesias. Os elementos de poesia, segundo o autor, seriam a expressão sentimental adequada do poeta, além de sua parte incomunicável para alguns leitores, pois para o mesmo, “a poesia não se entende, se sente”²⁰⁷. Continua Girão Barroso declarando que alguns escritores

²⁰² *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.213.

²⁰³ *Ibidem*.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 216.

²⁰⁵ *Ibidem*.

²⁰⁶ *Ibidem*.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 217.

(sem citar nomes) levam sua suposta poesia a um hermetismo terrível,²⁰⁸ sem nenhum sentimento, impossibilitando, desse modo, qualquer apreço por parte do leitor. O autor conclui querendo “frizar que poesia é uma só: a legítima. O mais é contrafração dela, é falso, é literatice, coisas que passam ora para o capítulo da estultice, ora para o da vaidade.”²⁰⁹

Por outro lado em *A Arte pela Arte e a literatura de tese*²¹⁰, José Valdivino expõe, durante a Quinta Sessão Plenária sua concepção de arte, diversa daquela apresentada por Antônio Girão Barroso. A tese de Valdivino inicia-se de modo peculiar se a compararmos às outras teses debatidas: “Entre o *animal* e o *anjo*, o homem, ser inteligente, mantém uma luta milenar, entre a descensão para o polo *animal* e a ascensão para o polo *anjo* [grifos no original]”²¹¹. Neste trecho, Valdivino já apresenta a maneira pela qual seguirá ao explicar o tema.

José Valdivino de Carvalho, nascido em Pacatuba, em 1911, fora aluno do Seminário da Prainha, em Fortaleza, do Colégio Marista do Sagrado Coração e, tal como alguns dos congressistas, era formado pela Faculdade de Direito do Ceará. Sua formação católica, do período em que a Igreja Católica expandia sua presença na sociedade cearense²¹² permeia sua tese apresentada ao I Congresso Cearense de Escritores. Baseando-se nos princípios do estudo intelectual do movimento católico ligado ao Centro Dom Vital e desenvolvido por Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, entre as décadas de 1920 e 1930,²¹³ no Rio de Janeiro, Valdivino continua com sua tese afirmando que Deus é a perfeição e o homem, Sua criação é “também perfeição, porém mutilada pela queda”, o Belo seria, então a parte perfeita da criação presente no homem, entregue a este para louvação divina. Tendo em vista isso, para este congressista, a arte é aquela ação humana capaz de interpretar o Belo: “A Arte tem uma missão admirável: *exteriorizar a ânsia incoercível do homem pela perfeição* [grifos no original]”²¹⁴, a arte, assim, aproxima o homem de Deus, pois durante sua realização, o homem ascende ao patamar angelical. A atividade artística do homem, de acordo com o autor da tese, deve ser sempre regida pela Moral, dita “ciência dos costumes” e “código de Deus para o homem redimido”²¹⁵.

²⁰⁸ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 215.

²⁰⁹ *Ibidem*, p.216.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 244.

²¹¹ *Ibidem*.

²¹² PARENTE, José C. *Anauê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1999. p.142.

²¹³ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* – Os intelectuais cariocas e o modernismo. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 6, nº 11, 1993, p 62-77, pp 71-72.

²¹⁴ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.245.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 246.

No decorrer de sua tese apresentada, José Valdivino critica o estilo naturalista no meio artístico, ao afirmar que o mesmo acaba com todo o sentido espiritual da arte, chamando-o, em seguida, de antropocêntrico e animalesco²¹⁶. Assim, ao ser retirado da arte o sentido espiritual e, por conseguinte, o Belo, diz o autor que resta-lhe tão somente a emoção pela emoção, a forma pela forma, a arte pela arte²¹⁷.

A partir dessa colocação, e da ausência do espiritual no naturalismo, Valdivino passa a analisar o romance de tese apresentado no modernismo e, segundo ele, trazido ao Brasil por Graça Aranha, em 1922:

O movimento do autor de “Viagem Maravilhosa” foi um movimento litero-revolucionário. Os personagens dos seus romances quebram algemas de tabús e preconceitos, lançando um ritmo novo [...] no tecido literário do Brasil. Pena é que o sentido da tese do sr. Graça Aranha tenha tido um sentido materialista. A finalidade máxima do homem é confundida nos seus romances com feitiçaria, beatismo e terror cósmico.²¹⁸

Continua a tese de José Valdivino dizendo que Jackson de Figueiredo e seus ideais, fez então oposição ao sentido materialista difundido por Graça Aranha, o que produziu no pensamento brasileiro duas linhas de combate: o ciclo materialista e o ciclo espiritualista. O primeiro ciclo era constituído por escritores como Jorge Amado e José Lins do Rego, pois seriam escritores defensores da tese de libertação do espírito e da justiça social pelo conceito de Marx, muitas vezes, nos dizeres de Amoroso Lima, “perdidos em um naturalismo bárbaro e sexual.”²¹⁹

Por sua vez, o ciclo espiritualista, pleno de Espiritualidade, que buscava a justiça social através de Deus, era formado por Alcântara Machado, Murilo Mendes, Otávio de Faria e Tasso da Silveira, cujo romance *Silêncio*, segundo Valdivino, “faz apologia ao Amor, não o amor-sexo, mas o Amor de elevação.”²²⁰ Encerra seu pensamento o autor, então, declarando que àquele momento havia na literatura brasileira uma luta entre o anjo e o animal. Porém, antes de recolher sua palavra, termina Valdivino de Carvalho: “Senhores Congressistas, este certame de pensamento marca, na literatura do Norte, um sinal de vida palpitante. Façamos do nosso sentido estético a nossa força dirigente em bem da humanidade. [...], a vitória eterna da inteligência a serviço da Verdade!”²²¹

²¹⁶ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 246.

²¹⁷ *Ibidem*.

²¹⁸ *Ibidem*, 247.

²¹⁹ *Ibidem*.

²²⁰ *Ibidem*, 248.

²²¹ *Ibidem*.

Logo, através da tese apresentada por José Valdivino de Carvalho, observa-se uma proposta de processo de criação, como sugerido pelo temário do Congresso para o que eles chamam de renovação das letras e o papel do escritor. No entanto, o que se vê é uma proposta bastante conservadora e um tanto dispersa daquela que era defendida pelos princípios da ABDE e fora debatida quando do I Congresso Brasileiro de Escritores. Os criadores do Congresso do Ceará, porém, apregoavam as diferentes ideias nas teses apresentadas na busca da afirmação do papel do intelectual, especialmente daquele dito de província, assim, é dito no texto *Necessidade deste Congresso*²²² que o mesmo procurava reunir várias visões de mundo, idades e estilos. Fran Martins, na nota prévia dos anais do evento, inclusive, fala que

Estavamos, enfim, levando a efeito um conclave em que cada um dizia, sinceramente, o que pensava, em que os debates se feriam com ardor e no final de contas, todos saíam amigos, satisfeitos, sem ressentimentos, na mesma camaradagem de sempre. Todos – velhos e moços, católicos e comunistas, homens e mulheres.²²³

Porém, José Valdivino não será o único a propor o caminho a serviço da Verdade para a tal renovação das letras e do mundo no I Congresso Cearense de Escritores, outros abordarão ideias parecidas em teses que se referem ao escritor no Ceará, e ao mundo (Brasil incluso) no pós-guerra. De acordo com Carlos Guilherme Mota, Fortaleza, na década de 1940, possuía uma expressiva frente de renovação da geração intelectual católica²²⁴ a partir dos ideais difundidos por ideólogos da Igreja especialmente na década de 1930. Ainda no congresso de 1946, durante a Segunda Sessão Plenária, será lido um trabalho intitulado *O Cristo e sua religião*²²⁵, de autoria do congressista Pedro Ferreira de Assis, de Ubajara. O trabalho foi suprimido dos anais do conclave por não se adequar a proposta do mesmo, contudo, de acordo com o *Correio do Ceará*, este era um “substancial trabalho” em torno da religião Cristã.²²⁶

Ainda na Quinta Sessão Plenária, no dia 12 de setembro, logo após a leitura da tese de José Valdivino, foi apresentado o trabalho do sociólogo Joaquim Alves - um dos “velhos” que apoiavam os “novos” - intitulado *Aspectos sociológicos da literatura*, em que o autor descreve a relação da sociedade com a escrita, desde a Antiguidade até a Segunda Guerra Mundial. De início, fala Alves que o homem “servia-se do acervo social para melhorar os traços culturais da tribo, do clan, da Cidade [...] Nesse período longuíquo do pensamento, as Artes e as Letras representavam, integralmente, o pensamento social das classes dirigentes, sacerdote e

²²² *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 20.

²²³ *Ibidem*, p.5.

²²⁴ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1980, p.120.

²²⁵ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.103.

²²⁶ *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, 10/09/1946, p.6.

militar.”²²⁷ Mas, segundo o congressista, a partir do século XIX, as letras passaram a retratar o poder do individual em luta com o poder social.²²⁸

De acordo com Joaquim Alves, a denúncia do paupérismo, do alargamento demográfico, do crescimento desordenado da industrialização e do modo de vida dos operários, por exemplo, havia sido um fator importante para o surgimento do romance social, ainda no século XIX. Tal estilo de romance, nas palavras de Alves, continuaria a ser valioso, pois, segundo o sociólogo

Duas guerras mundiais, no decurso de vinte e cinco anos constituem outra grande contribuição da influência do social na literatura. Primeiro o livro contra a guerra, depois, os trabalhos visando apresentar a miséria criada pela guerra. O quadro social que se oferece ao romancista, ao poeta, ao pintor é constituído por massas operárias famintas, abandonadas nos bairros proletários, sem assistência, sem defesa.²²⁹

Assim, Alves salienta o estudo da psicologia social para a compreensão e interpretação da obra literária, afinal, por meio desta é possível atentar para “a situação em que se encontra o autor em relação ao quadro social a que pertence.”²³⁰ Conforme a tese de Joaquim Alves, o romance moderno de caráter social era capaz de penetrar em todas as camadas sociais²³¹, portanto, para o autor, era necessário que o escritor no Brasil participasse da orientação da população do país e de seu pensamento, a partir desse tipo de literatura, favorecendo uma mentalidade de compreensão de seu mundo, o que possibilitaria uma construção de uma nacionalidade.

Seguindo um caminho próximo ao de Joaquim Alves, Eduardo Campos apresentou uma tese centrada nas artes cênicas, no caso, do teatro nacional, sobretudo o local chamado *O regional em face da decadência do teatro nacional* na Primeira Sessão Plenária, na tarde de 8 de setembro.

Em sua tese, Campos afirma que até aquele momento, o teatro brasileiro não havia amadurecido, nem produzido expoente algum para a valorização deste. Segundo o autor, os problemas do fraco desenvolvimento do teatro no país deveu-se a “influência de homens incultos que aqui chegaram” ao longo dos anos, dificultando o avanço da arte, pois, para o congressista, devido a esse fator colonizador, o teatro expandiu-se no Brasil, como puro divertimento e não arte, como as farsas picantes e os espetáculos de can-can.²³²

²²⁷ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 249.

²²⁸ *Ibidem*, p. 252

²²⁹ *Ibidem*, p.253.

²³⁰ *Ibidem*.

²³¹ *Ibidem*, p.254.

²³² *Ibidem*, p.46.

Assim, a preservação do que o autor chama de teatro amoral ao longo do fim do século XIX até aqueles dias contribuiu fortemente para a decadência da arte cênica no Brasil, afinal, segundo a tese, tais espetáculos feitos no país e baseados naqueles realizados especialmente na França produziam lucros consideráveis aos seus criadores. Quando não se tratava desse tipo de produção, o que era visto nos palcos brasileiros eram peças estrangeiras traduzidas, o que reduzia a criação de um teatro de qualidade por parte dos dramaturgos nacionais.

Eduardo Campos ainda critica a criação do governo varguista do Serviço Nacional do Teatro (1937), que, em suas palavras “não é serviço, nem nacional” afinal não serve ao teatro, pois tal órgão, consoante a tese, não contribuiu para o desenvolvimento do teatro nacional, não apoiando novos teatrólogos e nem mesmo criando novos equipamentos,²³³ sendo, então absurdos aqueles que defendem a ressurreição do teatro através do Serviço. Para Campos, é necessário a elaboração de um teatro acessível ao povo, não apenas destinados às elites, mas também àqueles que precisam ser “bem orientados”, além de uma remodelação daquilo que deve ser apresentado nos palcos.

A solução para todos os problemas referentes ao teatro, de acordo com Campos, seria o apoio cultural ao que ele denomina teatro de experiência. Em suas palavras, o teatro de experiência seria um instrumento de trabalho para educar o povo, em um novo conceito de arte teatral.²³⁴

Diz Eduardo Campos sobre sua ideia do que seria esse teatro de experiência:

Segundo minha opinião que serve de base a esta tese, o teatro deve partir do regional, um regional que seja o reflexo dos nossos problemas imediatos, que redescubra os sentimentos do nosso povo [...], o meio propriamente dito com a inclusão do homem em suas atividades [...] Suas peças focalizariam o meio nas reações com o homem, num trabalho que seria em cores também sociais.²³⁵

Conforme o apresentado por Campos, a partir das exibições desse modelo de espetáculo, o povo voltaria ao teatro, por meio da assimilação com essa nova escola, se “identificando profundamente” com a proposta desta, afinal os assuntos seriam próximos do cotidiano das massas, no caso do Ceará, por exemplo, para o congressista, seria de utilidade abordar a resistência dos seus habitantes a seca. As peças deviam ser realizadas nas ruas, nas praças ao ar livre, para que o povo fosse capaz de sentir maior contato com suas mensagens. Assim, deveriam, então, ser fundadas escolas dramáticas, concursos de peças com premiações e aproveitar as tendências desse povo “relegado a um plano inferior” para que, gradativamente,

²³³ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 47.

²³⁴ *Ibidem*, p.47.

²³⁵ *Ibidem*, p.48.

o teatro nacional pudesse sair do estado de fossilização que, segundo Eduardo Campos, este se encontrava.²³⁶

Logo, através da observação das três últimas teses citadas, são notáveis as apresentações de propostas que visam o desenvolvimento social do Brasil por intermédio das artes. A missão incumbida aos intelectuais de, através das artes renovadas, promover um ambiente mais próspero para o país pós-Estado Novo, assumindo seu papel de agente político, de liderança para a população ainda trazia em seu conteúdo vertentes ideológicas bastante debatidas durante o período de ditadura e mesmo a favor desta.

4.2 O intelectual em face do seu meio

O segundo ponto do temário do I Congresso Cearense de Escritores aborda aquilo que mais interessa aos principais organizadores do evento, tal como dizia o *Correio do Ceará*²³⁷. Antônio Girão Barroso e Fran Martins, especialmente, de modo que se assemelha ao intelectual mediador referido por Ângela de Castro Gomes²³⁸, utilizam-se das ideias de criação da Associação Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro e da realização do I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, para trazerem ao Ceará, toda essa experiência ao seu modo e em favor do que fora esboçado durante o I Congresso de Poesia do Ceará.

Tomando pontos importantes discutidos em São Paulo, no início de 1945, como a mobilização dos escritores do país pelos seus direitos de classe e pelos direitos autorais, Fran Martins e Antônio Girão Barroso, com apoio de seus colegas, transformaram a ideia original, do eixo dito “metropolitano”, salientando novos pontos de discussão, para que este se encaixasse às especificidades do Ceará.

Logo, as mais urgentes propostas do congresso seriam aquelas que se referiam ao que ficou chamado de escritor de província e a busca por seu estímulo em meio a um ambiente que não lhe favorecia²³⁹. Como tratava-se do temário mais importante para aqueles que estavam no congresso, muitas foram as teses relacionadas a ele, às vezes, tendo até o mesmo título, com assuntos que foram desde o escritor provinciano até as traduções.

Nesse sentido, durante a Primeira Sessão Plenária, em 8 de setembro de 1946, Fran Martins expôs suas ideias através da tese *A divulgação literária do escritor de província*, tese

²³⁶ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 50.

²³⁷ *Jornal Correio do Ceará*. Fortaleza, 10/09/1946, p.6.

²³⁸ GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016., p. 9.

²³⁹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 7.

mais completa acerca desse assunto a ser apresentada no I Congresso Cearense de Escritores. No início desse trabalho, Martins define aos seus colegas o escritor de província como “aquele que, residindo nos Estados, sem grandes conhecimentos ou relações nos meios que centralizam o movimento literário do país, aí produz e publica suas obras, lutando, quase sempre com grandes dificuldades”²⁴⁰, cujas obras dificilmente sairão dos limites de seus estados, onde a imprensa em que estão inseridos raramente alcança o seu interior. Contudo, ainda em suas palavras, exceções podem existir. Martins, após definir o que, para ele seriam os quatro grandes centros editoriais do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais) também salienta a importância de se distinguir o escritor de província daquele que nasceu na província:

Mister se faz não confundir o escritor da província com aquele que, oriundo de determinado Estado, se transfere para a capital de República ou uma dessas cidades onde o movimento editorial é grande e que estão classificadas nas exceções acima enumeradas. Muitas vezes esses escritores preferem para tema dos seus livros assuntos de suas terras, tragédias do povo em cujo meio viveram na infância ou na juventude. Teoricamente, eles podem se julgar escritores paraibanos, pernambucanos, alagoanos ou cearenses; mas quanto à divulgação são *federais*, com todas as vantagens dos escritores federais, com todas as facilidades de serem lidos em qualquer parte do país. Há, por último, os que, mesmo vivendo na província, mesmo escrevendo na província, se projetam através de um grande meio literário.²⁴¹

As consequências dessa impossibilidade do escritor local em alcançar um grande meio literário, para Fran Martins, são os amontoados de suas obras esquecidas no interior de livrarias “provincianas”²⁴². Esquecidas, pois, segundo o autor da tese, os críticos não dão espaço e apreço para o escritor de província, sempre ressaltando as obras daqueles que já possuem renome, idolatrando seus textos e expandindo sua divulgação não mais necessária.

Assim, para o autor, com raras exceções, para fugir desses males em busca melhorias para tornar-se um escritor federal, o escritor de província sofre no sul com o indiferentismo, a falta de abrigo, a fome e um emprego qualquer na imprensa, e mesmo assim, nem sempre é recompensado com sua obra – e isso, se o escritor puder emigrar²⁴³. Em vista disso, Martins relaciona as três causas dessa situação: Falta de distribuição de livros, falta de divulgação de artigos e falta de informação a seu respeito.

Para o ficcionista, a partir do momento em que o livro de um escritor de província passa a ser distribuído por todo o país, a imprensa de grande circulação abre espaço para a divulgação

²⁴⁰ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 67.

²⁴¹ *Ibidem*, p.68.

²⁴² *Ibidem*.

²⁴³ *Ibidem*, p.69.

do escritor este e, por conseguinte, de sua obra, que passam a ser julgados convenientemente. Seus defeitos e qualidades serão então discutidos por um maior número de pessoas, o que ampliará seu público leitor e elevará, assim, o seu valor como escritor, sendo toda essa situação, o maior desejo de qualquer escritor de província.²⁴⁴

Propõe, então, Fran Martins que a ABDE-Seção Ceará, sugira a Seção Nacional da Associação a criação de um “Bureau de distribuição”, um órgão com sede no Rio de Janeiro e com ramificações por todos os estados que conheça, distribua a todas as livrarias do país, divulgue na imprensa e apoie o que se produz por todo o Brasil, permitindo que todos aqueles que se utilizem do ofício da escrita tomem consciência de classe para que sempre tenham em mente o valor de seu trabalho.²⁴⁵

No debate aberto após a fala de Fran Martins, repleto de comentários, João Clímaco Bezerra, diz que Martins explanou perfeitamente o pensamento e sentimento de todo escritor de província; Joaquim Alves aponta a necessidade de um centro cultural no Estado, em vez de um único polo de cultura nacional.²⁴⁶ A cultura, ainda para Alves, e, por conseguinte, a literatura, nas “províncias” seria mais frutífera com a criação de um centro universitário, por exemplo, no estado, onde a difusão e o debate de ideias seriam mais amplos.²⁴⁷

Por sua vez, tomando como ponto de partida o indiferentismo citado por Martins, Antônio Girão Barroso destaca que ele é culpa da burguesia materializada que não valoriza a cultura, declara, ainda, que o escritor deve deixar de lado seu “complexo inferioridade” em relação a essa burguesia, tratando, antes de mais nada, de combatê-la, especialmente aqueles que estavam reunidos ali, pois a mesma burguesia, segundo Girão Barroso, havia menosprezando-os em 1942, no período de realização do I Congresso de Poesia do Ceará²⁴⁸ e aquela reunião era o momento ideal para pôr fim à moda de intelectual inferior.

Newton Gonçalves, aproveitando a declaração de Girão Barroso, diz que, na verdade, os burgueses têm inveja dos aplausos que os escritores recebem, o que faz com que estes desprezem os trabalhos dos intelectuais, portanto, o tal complexo de inferioridade do escritor diante do burguês, talvez nem deva mesmo ser combatido, pois demonstra o poder do intelectual.²⁴⁹ Quanto ao papel da imprensa cearense, especialmente fortalezense, na divulgação de obras de seus conterrâneos, diz Gonçalves que tem “notado que os jornais locais

²⁴⁴ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 69.

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 70.

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 73.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 74.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 72.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 75.

se preocupam com a divulgação dos escritores da metrópole abandonando os nossos”, entregando aos metropolitanos, inclusive, um “lugar de destaque convidativo à leitura.”²⁵⁰ Antônio Girão Barroso concorda, ainda relatando que *O Povo* havia publicado, alguns dias antes, um artigo sobre hai-kai (um gênero de poesia japonesa) escrito por um jovem intelectual paraense, em vez de ter pedido um artigo sobre o tema a algum “intelectual da terra.”²⁵¹

O poeta Artur Eduardo Benevides ainda encontra espaço no debate sobre a imprensa para criticar a redução do “auxílio” dado pelo Interventor à ABDE cearense para a realização do Congresso de Cr. \$ 20. 000, 00 para Cr. \$15.000,00 após a divulgação do certame em um artigo de jornal.²⁵²

Na mesma linha de Fran Martins, a segunda tese de Antônio Girão Barroso, lida na Quinta Sessão Plenária, discorre sobre o estímulo do escritor de província (sendo este o título da mesma) e a importância da atuação da ABDE no Ceará. Depois de afirmar que o escritor cearense vive em um constante complexo de inferioridade, Girão Barroso declara que o mesmo é movido pelo pessimismo²⁵³, pois, conforme suas ideias, além do ambiente literário não favorecer e apoiar seus escritores, existe um problema de caráter da cultura, pois nos poucos órgãos relacionados a esta, pessoas sem valor cultural vêm sendo aprovadas em cargos condizentes a intelectuais²⁵⁴, o que interfere no desenrolar de qualquer negociação desejável entre intelectuais e órgãos de cultura.

Assim, Girão Barroso destaca o papel da ABDE, com o intuito de ser uma instituição capaz de regulamentar e proteger os direitos dos escritores diante de qualquer adversidade em sua alçada. Desse modo, o autor critica aqueles que, por diversos motivos, não aderiram a ABDE, pois para ele, é preciso que a ABDE seja, realmente, de todos os escritores do Ceará dignos deste nome²⁵⁵, uma forma de ter garantido todos os direitos difíceis de se obter.

Critica ainda aqueles que, por outro lado, acusam a ABDE de ser dominada por uma panelinha de audaciosos²⁵⁶, que não levariam a literatura para lugar nenhum além do já conhecido. Diz o poeta que a ABDE está aberta a todos; afinal, não há nela exclusivismos e nem deve haver²⁵⁷, afinal é necessário que a Associação seja forte e unida, para que, dentro de suas fileiras o escritor encontre o incentivo ideal.²⁵⁸

²⁵⁰ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 75.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 76.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ *Ibidem*, p. 228.

²⁵⁴ *Ibidem*, p.229.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ *Ibidem*, p.230.

²⁵⁸ *Ibidem*.

Antônio Girão Barroso defende ainda a ampliação da ABDE – seção Ceará para que esta tenha um papel decisivo nas reformas sugeridas pelo congresso, logo, ele determina que todos os congressistas sejam considerados sócios efetivos da associação. Outros pontos levantados pelo autor seriam o da maior atuação e participação do Serviço de Cultura, Divulgação e Diversões Populares, que deveria disponibilizar uma verba mínima de 20 mil cruzeiros para o apoio dos escritores da ABDE, além de uma reestruturação desse mesmo serviço e a criação de um Departamento de Cultura na Prefeitura, com incentivos para uma série de iniciativas ao interesse cultural, como auditórios, salões, ateliês e bibliotecas.²⁵⁹

Para Girão Barroso, era preciso convencer os intelectuais de que os homens do governo de então, tinham uma grande dívida com o povo, ao menosprezar sua cultura, portanto, em sua tese, além do que já foi dito, havia sugestões de melhoria na concepção, confecção e acabamento das publicações da Imprensa Oficial; de uma reforma no abandonado Theatro José de Alencar²⁶⁰; e de vistoria e remuneração de artigos publicados na imprensa²⁶¹, protegendo o direito autoral de seu escritor.

Ainda seguindo a proposta para o estímulo do escritor cearense, a tese da única mulher a se apresentar, Jandira Carvalho, intitulada *Subestimação do Escritor da Província*, cria um certo mal-estar por parte de alguns congressistas, principalmente devido alguns termos utilizados pela poetisa. A tese da poetisa de Ipueiras segue um tom autobiográfico, sobre sua atuação como escritora no interior do Ceará, sobretudo em Sobral, e da ausência de apoio por parte dos jornalistas e poetas daquela cidade.

Antes mesmo de dar início a leitura de seu trabalho, Jandira havia questionado a ausência de mais de dois terços dos intelectuais do estado naquele congresso, para ela, grande parte dos que ali estavam era formada por aqueles que se concentravam profissional e socialmente em Fortaleza.²⁶² E, seguindo com tal papel crítico na sua tese, a poetisa afirma que alguns escritores do estado são arrogantes e egoístas, a maioria deles unem-se em grupos de igual pensamento, visando exclusivamente em sua produção, não se importando com o interesse do colega que não conhece, por viver outra realidade, ou o com o sofrimento social do meio. Diz ela que “em geral, os intelectuais provincianos (do Ceará) se subdividem em *greis* ou *clãs*, grupos isolados que disputam entre si, numa parada inglória, a preponderância intelectual do meio.”²⁶³ Por sua vez, essas disputas entre grupos de escritores em defesa de suas autoridades

²⁵⁹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 230.

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 231.

²⁶¹ *Ibidem*, p.232.

²⁶² *Ibidem*, p.235.

²⁶³ *Ibidem*, p.237.

intelectuais impede o desenvolvimento de um intercâmbio de ideias que reduziriam seus problemas em comum, no caso, a falta de apoio e divulgação de obras, o que faz com que, de acordo com ela, muitos escritores de qualidade passem a figurar entre os poetas esquecidos com o passar dos anos²⁶⁴, sendo para isso importante, o reparo das letras através do resgate desses poetas pelo escritor Mário Linhares. Conclui Jandira afirmando que “no seio da própria classe de intelectuais, provincianos ou não, a palavra solidariedade é cada vês mais empírica”²⁶⁵

Durante o momento de debate, a tese recebeu elogios de Braga Montenegro, mas não agradou de modo algum Antônio Girão Barroso e Fran Martins, por exemplo. Girão Barroso se incomoda com uso do termo “clã” mesmo não admitindo isso explicitamente²⁶⁶, reclama da ausência de poetas novos no livro de Mário Linhares, citado por Jandira, assim como do uso do mesmo (“um desserviço” para as letras locais e “um livro medíocre”²⁶⁷) na defesa de sua tese.

Por outro lado, Fran Martins não viu problemas quanto ao livro de reparos de Linhares, porém achou a tese bastante crítica e rude, com uso de expressões duras por parte da congressista. Para ele, discordando da colega, as disputas entre os intelectuais não se baseiam em literatura, mas em ideologia²⁶⁸, pois, segundo Martins, os grupos de escritores “não disputam preponderância intelectual e querem se fundir num só” e exemplifica sua frase com a realização daquele congresso²⁶⁹: “Não é a ABDE, não é o Instituto do Nordeste, nem o Instituto do Ceará [...] todos somos parte do Congresso [de tal modo que] aqui ninguém sabe quem está dirigindo o Congresso.”

A defesa das ideias de Martins e do “grupo” do qual fazia parte, no entanto não impediu que o congressista Barros Fontenele concordasse com a poetisa, declarando a existência de igrejazinhas no meio intelectual do Ceará e, fazendo referência ao que dissera Fran Martins, ressalta que “com a realização deste Congresso e com as instalações da edições ‘Clã’, esse espírito de grupismo vai pouco a pouco desaparecendo”²⁷⁰ no estado.

A fala de Fontenele não agrada mais uma vez Antônio Girão Barroso, que afirma que o grupo não se elogia mutuamente e, informa (de certo modo, contradizendo o colega Fran Martins) que esse “grupinho” é o mesmo que formou aquele Congresso. Fontenele, por sua vez, diz que, antes da instalação da ABDE, aquele grupo que havia organizado o Congresso

²⁶⁴ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.237.

²⁶⁵ *Ibidem*.

²⁶⁶ Disse Antônio Girão Barroso: “Estou certo de que ela não quis, de maneira nenhuma, usando a expressão ‘clã’, se referir, por alusão, às Edições Clã ou ao grupo que a dirige com heroísmo que deve ser apenas elogiado.” *Ibidem*, p.238.

²⁶⁷ *Ibidem*.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 239.

²⁶⁹ *Ibidem*.

²⁷⁰ *Ibidem*, p.240.

restringia suas atividades a elogios mútuos.²⁷¹ Ao que Jandira intervém para questionar o apadrinhamento de certos escritores e as críticas publicadas nos jornais que não vão além de elogios habituais²⁷², sendo seguida pela fala de Antônio Girão Barroso de que todos ali sabem que é preciso lutar contra esse tipo de crítica literária.²⁷³

Barros Fontenele, havia comentado tais considerações sobre a tese de Jandira Carvalho, pois continuava a defender a sua própria, coincidentemente homônima à da poetisa, exposta na Quarta Sessão Plenária. O texto do congressista tece críticas à “afanosa, mas sedutora carreira das letras”²⁷⁴ e diz que a escassez de atividade literária no Ceará ocorre devido ao acanhamento do meio intelectual, especialmente com o preconceito dos sulistas e a ausência de bibliotecas e outras instituições públicas de qualidade no Ceará.

Consoante Fontenele, os intelectuais velhos se fechavam, “egoisticamente, nos seus institutos e academias, sem julgar que cá fora existe uma mocidade idealista, a qual, para vencer, precisa de uma mão amiga ou de um gesto de solidariedade.”²⁷⁵ Para Barros Fontenele, os escritores ditos velhos são chamados de iniciados, pois têm destaques em suplementos literários e participam de tertúlias acadêmicas, enquanto os outros, tratados por principiantes se entregam a literatice em busca de um lugar ao sol ou um espaço em igrejazinhas há tempos formadas.²⁷⁶

A tese, como havia acontecido com a de Jandira Carvalho, também fora bastante criticada, pois grande parte dos congressistas não concordaram com a existência de igrejazinhas (mesmo Stênio Lopes, que anteriormente havia acusado o grupo de tal atitude). Antônio Girão Barroso responde apenas que não aceita os termos “igrejazinhas” e “iniciados” porque lembra algo esotérico, e disso ele não gosta.²⁷⁷

As apresentações das teses de Jandira Carvalho e de Barros Fontenele e o intenso debate que se seguiu a elas, reforça a ideia de que aquela geração moça, por mais que negasse, possuía um caráter de um pequeno mundo²⁷⁸, como o formulado por Jean-François Sirinelli.

Mário Baratta, ainda na Primeira Sessão Plenária, apresenta sua tese sobre os direitos do tradutor e nela, o artista plástico defende a valorização daqueles que vivem da tradução, pois

²⁷¹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 240.

²⁷² *Ibidem*, p.242.

²⁷³ *Ibidem*.

²⁷⁴ *Ibidem*, p.197.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 200.

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 201.

²⁷⁷ *Ibidem*, p. 206.

²⁷⁸ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* – Os intelectuais cariocas e o modernismo. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 6, nº 11, 1993, p 62-77., p. 63.

seu trabalho não seria apenas de passar de uma língua a outra um determinado texto²⁷⁹. De acordo com Baratta, o tradutor deve saber manejar o vernáculo, ser fiel tanto à ideia quanto ao estilo da obra original, realizando assim, a seu modo um processo de criação, portanto todo esse seu trabalho deve ser reconhecido, principalmente quando se observa a quantidade de traduções de revistas para jovens e livros estrangeiros que assolam as livrarias do Brasil.²⁸⁰ Essa quantidade de traduções, como já apontado anteriormente por aqui, para o pintor, devia-se ao alto lucro que as editoras alcançavam ao conseguir os direitos de tradução de escritores de outros países e lucrar, ainda com o processo de tradução mal remunerado com escritores que necessitam de algum meio financeiro e encontram na tradução um local para a sobrevivência.²⁸¹ De acordo com Baratta, as editoras não pagam os tradutores de maneira adequada, ficando inclusive com a propriedade dos direitos da tradução, o que enriquece as editoras e empobrece os tradutores, o que além de trazer prejuízos a quem traduz, implicaria na falta de investimentos do escritor criativo. Aluizio Medeiros comenta, logo após a explanação de Mário Baratta, que toda a valorização do tradutor prejudicaria ainda mais os escritores de criação, portanto não havia sentido em apoiar a causa dos tradutores, pois eles ganhavam bem, às vezes por cada palavra traduzida²⁸². Baratta rebate dizendo que além do fato dos direitos ficarem com os editores, a tradução por palavras acarreta, negativamente, uma criação malfeita e mesmo apressada, não respeitando as qualidades da obra original²⁸³. O artista, então afirma que os direitos das traduções devem ser respeitados e ficar sob domínio de quem as produziu, além disso, os escritores devem tomar partido para que as editoras tornem as edições mais caras que as obras nacionais, o que valorizaria tanto o tradutor, quanto os autores de criação²⁸⁴.

Já na Segunda Sessão Plenária, o tema da tradução volta à tona com a tese *Traduções*, do médico Newton Gonçalves.²⁸⁵ O autor, inicialmente, segue um caminho bem parecido com o do pintor, contudo, desvia-se deste para salientar o que ele chamou de “desonestidade literária” por parte de muitas editoras do país.²⁸⁶ Essa desonestidade se referia, conforme Gonçalves, às práticas de certas editoras em disponibilizar aos seus consumidores materiais adulterados de qualquer maneira, seja nas traduções que não correspondem ao conteúdo original, seja nas eliminações de conteúdos polêmicos de certas obras por parte dos editores, ou

²⁷⁹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 80.

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 81.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² *Ibidem*, p. 84.

²⁸³ *Ibidem*, p. 85.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 82.

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 90.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 94.

mesmo na divulgação dada a livros de “medíocre valor literário”²⁸⁷, que o obscurecem aqueles de maior relevância. Seguindo essa linha, Newton Gonçalves critica algumas traduções de Monteiro Lobato e Tasso da Silveira²⁸⁸, em *A Aldeia Backsmith* e *A vida e época de Rembrandt*, respectivamente; as informações e conceitos suprimidos acerca do comunismo em uma obra da Editora Calvino sobre Marx, Engels, Lênin e Stálin; e as alterações realizadas no texto de *O Poder Soviético*, livro de sucesso, do deão de Canterbury, que fora retirado das lojas pela censura. Ao final, diz o médico que “aos intelectuais honestos cabe esta tarefa de denunciar ao público as chantagens, os embustes das Editoras inescrupulosas que inundam o mercado de ‘best-sellers’ duvidosos”²⁸⁹, desse modo, o intelectual esclarecido devia apoiar a criação de um órgão que tivesse a obrigação de controlar e fiscalizar as traduções no país, para que obras medíocres sem valor de literatura e de finalidades meramente comerciais não tomassem o lugar daquelas de caráter sério e de relevância, como os clássicos, obras de autores nacionais e trabalhos científicos. Porém, não fazendo muita relação com todo o conteúdo da tese apresentado até então, Newton Gonçalves encerra sua fala pedindo uma reforma e aparelhagem técnica para as bibliotecas públicas do Ceará, o que é questionado por outros congressistas no debate, como Aluizio Medeiros.²⁹⁰

Mas a preocupação com equipamentos culturais do Ceará, não foi apontada apenas por Newton Gonçalves durante o I Congresso Cearense de Escritores, pois a tese lida por Raimundo Girão, na Terceira Sessão Plenária, A necessidade de uma secretaria de cultura, propõe a elaboração de um órgão público, gerido por um homem de letras de mérito²⁹¹ para a preservação e criação de bibliotecas, museus e arquivos no estado, pois, segundo Girão, os acervos mais valiosos do Ceará estão em mãos de instituições privadas e aquelas poucas que são públicas sofrem diante da inércia do governo.²⁹² A proposta do ex-prefeito de Fortaleza é amplamente aprovada por parte dos outros congressistas, contudo com algumas pequenas ressalvas de Gastão Justa e Denizard Macedo. Os dois congressistas temem a submissão da cultura a uma secretaria de governo, o que lembra a Macedo o DIP.²⁹³

Gastão Justa, assim como Fran Martins, ex-funcionário do DEIP, defendeu *O escritor brasileiro em face do direito autoral*.²⁹⁴ Em seu texto, Justa define o escritor como “aquele que

²⁸⁷ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 99.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 96.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 98.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 101.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 157.

²⁹² *Ibidem*, p. 158.

²⁹³ *Ibidem*, p. 160.

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 122.

produz todo e qualquer gênero de trabalho intelectual”²⁹⁵, portanto, para ele, é incrível a inexistência de uma legislação de fato referente ao escritor no Brasil. Diz o autor que

incompreendido e desamparado, vive de um modo geral o escritor brasileiro [...] A situação do escritor provinciano, particularmente no Ceará, é mais precário. Alijado pela concorrência do escritor metropolitano [...], o escritor provinciano é um João Ninguém, um João Fernandes qualquer, sem estímulo, sem consideração de espécie alguma, publicando os seus trabalhos nas páginas literárias domingueiras sem nenhuma remuneração, e isto quando conta com pessoas amigas na redação dos jornais.²⁹⁶

Logo, para este congressista, é vital que exista uma lei sobre os direitos autorais, que contribua para o desenvolvimento do trabalho do escritor, seja ele nos livros, com as traduções e, como o apontado acima, nos periódicos, pois muitos deles republicavam crônicas, reportagens, críticas e poemas de outros jornais, sem ao menos referir seu autor original ou, ainda mais grave, não remunerando-o pelo seu trabalho.

Por sua vez, com a tese *A divulgação literária do escritor de província*²⁹⁷, o cronista Braga Montenegro defende uma editora subvencionada pelo Estado, agências de distribuição de livros patrocinadas pelo governo além da criação de uma revista literária, em que vários movimentos artísticos pudessem se reunir em torno dela.²⁹⁸ O que se observa no conteúdo desta tese, além do fato de propagandear a *Revista Clã*, que já estava sendo idealizada naquele momento e, cujo número de teste 0 sairia três meses depois, tratando exclusivamente do I Congresso Cearense de Escritores, é a real busca, por parte dos congressistas de fomento governamental em relação a seus objetivos.

4.3 O intelectual em face do mundo

O terceiro ponto do congresso, tocado, inclusive, nos dois anteriores, é “indispensável [...] porque ninguém mais ligado às transformações universais do que o homem que nasceu com a sina de tirar do seu cérebro as armas com que lutar”²⁹⁹, segundo o texto presente nos Anais do I Congresso de Escritores do Ceará. Por meio desse temário é discutida a atuação política do intelectual diante do mundo devastado do pós-Guerra, assim como o rumo brasileiro às vésperas de uma nova Constituição.

²⁹⁵ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 129.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 131.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 143.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 148.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 19.

O congresso em si trazia em seu cronograma referências à política brasileira, sua sessão inaugural fora marcada para 7 de setembro de 1946, seu andamento ocorreu no mesmo momento em que se esperava a promulgação da nova Carta Magna nacional e o seu encerramento ocorreu no mesmo dia em que esta fora apresentada ao Brasil. No entanto, excetuando o texto do convidado Orígenes Lessa, as considerações finais e as declarações de princípios, apenas duas teses apresentadas no Congresso de Escritores trazem a questão política como seu mote central: *O escritor em face da política*, de Moacir Teixeira Aguiar e *A posição do escritor na reconstrução do mundo*, de Mozart Soriano Aderaldo. As duas teses, além do mais, aproximam-se sobremaneira em seu posicionamento político a ponto do próprio Aderaldo declarar, durante a leitura de sua tese, a coincidência entre elas. A tese de Moacir Aguiar, porém, fora escrita em um tom mais pessoal, levando em consideração seu arrependimento quanto a seu passado como apoiador do movimento integralista. Por outro lado, a de Soriano Aderaldo distingue-se pelo seu caráter didático.

O filósofo fortalezense Moacir Teixeira Aguiar, outro congressista formado pela Faculdade de Direito do Ceará³⁰⁰, participou da Sessão Inaugural do I Congresso Cearense de Escritores como o representante do Interventor Federal, Pedro Firmeza³⁰¹. Sua tese apresentada durante a Segunda Sessão Plenária, no dia 9 de setembro de 1946, foi assim descrita pelo *Correio do Ceará* no dia seguinte:

A segunda tese lida ontem, de autoria de Moacir Aguiar, versou sobre um assunto importantíssimo, qual seja o da posição do escritor em face da política, provocando os mais vivos debates da noite. O trabalho de Moacir Aguiar, feito, quase todo, em tom de confissão, foi ao mesmo tempo uma afirmação de fé democrática e de luta contra o fascismo, inclusive nas suas formas residuais.³⁰²

Apesar de sua aguerrida declaração contra o mal do fascismo no mundo, como declara o jornal dos Diários Associados, a tese (ou confissão autobiográfica, como sugere o autor³⁰³) de Moacir Aguiar aparenta guardar entre suas linhas características que aproximam seu trabalho a alguma forma residual do fascismo ao invés de combatê-la, como aponta o *Correio*.

A tese inicia-se com uma citação de 1889 do filósofo Farias Brito, cuja importância Moacir Aguiar pede que seja apreendida pelos seus colegas congressistas:

“Depois, se a questão era fazer cessar em política toda e qualquer espécie de absolutismo... é uma verdade que ao absolutismo dos papas e dos reis, sucedeu nas democracias o absolutismo dos capitalistas e banqueiros, mil vezes mais

³⁰⁰ NOBRE, F. Silva. *1001 cearenses notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996, p. 16.

³⁰¹ Revista *Clã*, nº 0, Fortaleza, p. 24.

³⁰² *Jornal Correio do Ceará*, Fortaleza, 10/09/1946, p. 5.

³⁰³ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 119.

detestável. Por isto não sem razão é que por toda a parte se proclama a bancarrota das democracias.”³⁰⁴

Assim, inicia Aguiar, ao descrever a situação da Alemanha e do mundo, em geral, salientando os pontos que fizeram surgir um ambiente antidemocrático por todo a Europa, que culminaria na Segunda Guerra Mundial. Conforme o autor, a paixão artística e religiosa e o caráter guerreiro mundial haviam sido suplantados por um modelo de sociedade supermecanizada e hiper industrializada e, segundo o mesmo, a “essência da cultura é a religião”³⁰⁵ e, na ausência desta última, tudo, através do laicismo, do anticlericalismo e do agnosticismo, decaiu, seja a filosofia (minando a coragem para grandes coisas), a arte, a matemática, ciência a política e a literatura – então transformada em uma prostituição intelectual.

Assim, seguindo a lógica de Moacir, se utilizando de uma falsa ideia da democracia burguesa, a Alemanha, inspirada na Inglaterra, deixa de lado tudo de valor que possuía para alcançar um materialismo perigoso, que, por sua vez geraria crises no país e um mal-estar referente à essa suposta ideia democrática, fazendo com que o povo apoiasse um regime perigoso. Moacir de Aguiar diz que entende a escolha do povo alemão, em procurar uma outra opção não materialista, mas isso não justifica tudo o que o país fez logo em seguida antes e depois da Guerra. De acordo com o autor, então, sua tese tem duplo objetivo: mostrar as origens e razões para o descrédito da Democracia, nos mais vasto setores da inteligência, além da importância do papel do intelectual na renovação da democracia no Brasil e, por conseguinte, no mundo.³⁰⁶

Para Moacir, gerações e gerações haviam sido educadas na Igreja e na fé, portanto, para aqueles tempos antigos, a Santa trilogia nas inteligências seria formada por Deus-Cristo-Igreja. Com o passar dos anos, entretanto, a cosmovisão cartesiana, sempre baseada na razão “nos levaria através de tateios inúmeros à concepção matemática e mecânica do mundo, reduzido agora á simplicidade das formulas e dos teoremas geométricos”³⁰⁷, o que, por conseguinte, cria o Racionalismo de orientação materialista em que triunfam a Razão, a Ciência e a Máquina, a trilogia da modernidade. De acordo com Aguiar, por toda a parte fazem piada da religião de Cristo, menosprezando-a, sendo a Igreja considerada inimiga do progresso. O autor, critica,

³⁰⁴ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 103.

³⁰⁵ *Ibidem*, p. 104.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 106.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 107.

então, o progresso da astronomia, da histologia, da química, da biologia, da psicologia e da sociologia, que matam as religiões.

Ainda para o texto de Aguiar, a democracia liberal e individualista havia anunciado uma nova idade do ouro para a humanidade, mas o que se viu foram nações em busca voraz por mercados, proletários oprimidos e miséria e fome por toda a parte³⁰⁸, o que é ressaltado pela frase de Farias Brito no início da explanação. A falsa promessa da nova trilogia gera graves crises: na economia, na filosofia, na moral, na política, na religião e nas ciências. Eis que, então, o filósofo Bergson, na França faz renascer o espiritualismo, sendo o novo espiritualismo a apologia do concreto, do instintivo, do intuitivo, pois “quem vive na intuição vive ao mesmo tempo livre criador semelhante a Deus”³⁰⁹, seria essa uma filosofia de ação, de culto à vida.

No entanto, conforme o filósofo, o fascismo apropriou-se das ideias de Bergson de maneira errada, utilizando-a a favor da violência. O fascismo, para ele, seria um híbrido de panteísmo, espiritualismo e ateísmo. O irracionalismo triunfante na política libertou o mundo do cienticismo naturalista para, em seguida, escravizá-lo a forças inconscientes.³¹⁰

Mas, pensa o autor, que, após a Guerra, o fascismo “está definitivamente superado na história do Ocidente. Quer na sua forma pura, racista e pagã, quer, na forma híbrida em que ele aparece unido ao catolicismo social.”³¹¹ Porém, Moacir Aguiar relata que a má interpretação do espiritualismo, fez com que o Integralismo se desenvolvesse dentro de diversas congregações católicas:

E so isto explica que os lideres intelectuais do nacionalismo extremista teinham saído quase todos de congregações marianas. Esta geração não cometeu propriamente um erro moral, mas um tenebroso erro intelectual. [...] Como escritores democratas e anti-fascistas, a nossa missão não é de acusar nem de odiar mas de esclarecer. Missão de esclarecimento e de amor, afim de que, amanhã, amedrontados com os legitmos direitos do comunismo de pregar a sua doutrina politica, e com o seu crescente prestigio no seio das massas populares tão esquecidas pelos partidos burgueses, catolicos, homens de classe media, civis e militares, não apelem, como tabua de salvação, para qualquer neo-fascismo que sobreviver a última guerra³¹²

Ao defender a ideia de que o intelectual deve impedir qualquer resquício fascista que possa existir, por meio do esclarecimento e apoio das massas populares, Moacir ressalta o pensamento de que escritores democratas não devem trancar-se em torres de marfim. Devem participar direta e ativamente da vida política.

³⁰⁸ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 108.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 110.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 110.

³¹¹ *Ibidem*, p. 111.

³¹² *Ibidem*, p. 111.

Moacir diz ainda que faltou um intelectual de forte pensamento democrático em seu tempo de juventude, que o impedisse de seguir o caminho que tomou ao apoiar o Integralismo. Pensa ele ainda que o mundo dos católicos talvez pudesse compreender que um “mundo de trabalhadores não é incompatível com a fé em Deus e os comunistas pudessem sentir toda a beleza da mensagem cristã. E assim, talvez pudesse ser realizado o supremo ideal; socializar sem materializar, socializar sem despessoalizar.”³¹³ Uma união de princípios diferentes em torno de um objetivo comum.

Nos comentários da tese, o médico Newton Gonçalves admite que “esse erro quase que foi meu também”³¹⁴ e destaca a importância do trabalho para que a geração moça se prenda aos valores democráticos e os respeitem em seus ideais. O sociólogo Joaquim Alves acha a tese interessante pela advertência dada aos novos, pois, diz ele, “cabe ao intelectual, ao professor, ao escritor e ao jornalista esta tarefa de defender a civilização.”³¹⁵ Stelio Lopes de Mendonça chamou a tese de brilhante, contudo apesar de militar em oposição ao que foi defendido por Aguiar (“porque sou partidário do materialismo dialético”³¹⁶), diz que “estamos vivendo um momento em que ao escritor não é permitido afastar-se do terreno das cogitações políticas”³¹⁷, salienta a colaboração de católicos e comunistas, se ambos trabalharem em busca de um objetivo comum, como reformas econômicas e sociais para o bem da sociedade e a luta contra o fascismo e o ambiente antidemocrático. O professor, também egresso da Faculdade de Direito, Ari de Sá Cavalcante também salienta a importância da confissão de Moacir, mas não concorda em parte do que foi apresentado, pois, de acordo com o mesmo, autodeclarado defensor da ciência, é “pela ciência que iremos resolver os problemas políticos e sociais”³¹⁸, portanto, o incomoda a apologia do descrédito científico. Critica ainda a definição da matemática na tese, visto que, para ele, a mesma não se trata apenas de fórmulas vazias, sendo, inclusive, valiosa no estudo da sociologia, da biologia e da estatística.

Antônio Girão Barroso, por sua vez, diz que, ao viverem em um momento de afirmação do papel do intelectual, a tese de Moacir Aguiar se faz valiosa, pois defende os valores democráticos contra o fascismo com seus resíduos ainda existentes. O intelectual, segundo ele, deve tomar uma ação decisiva na sua missão de renovar o mundo. Mas para Girão Barroso, depois de várias conversas com amigos católicos, como Soriano Aderaldo e comunistas

³¹³ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.112.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 113.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 114.

³¹⁶ *Ibidem*.

³¹⁷ *Ibidem*.

³¹⁸ *Ibidem*, p.115.

“sinceros e esclarecidos” (Aluizio Medeiros e Stélio Lopes de Mendonça) e além de sua desilusão com a Aliança Nacional Libertadora na juventude, o mesmo se considera um homem sem partido pois, nenhum partido existente lhe satisfaz. Diz ele: “tenho uma vaga esperança de que no Brasil surja um terceiro partido que será o meu. [...] O Partido da Representação Popular.”³¹⁹

Comenta, enfim, Mozart Soriano Aderaldo, que afirma que o movimento integralista não saíra de todas as Congregações Marianas do Brasil, sendo essa uma característica desse movimento no Ceará. No Rio de Janeiro, diz Aderaldo, o mesmo não teve tanto apoio de instituições católicas³²⁰.

No Ceará [...] houve qualquer coisa que significou ligação, embora não oficial, nem mesmo oficiosa, entre católicos e integralistas. Mas cumpre salientar [...] que os católicos entraram para o Integralismo porque viram nesse movimento uma espécie de reação ao ateísmo bolchevista, porque queriam fazer algo positivo contra o materialismo comunista, que ameaçava tudo tragar. Não houve má fé, pelo menos em tese. Se é verdade que grande parte dos católicos abraçou a doutrina integralista, isto, na pior das hipóteses, pode significar uma posição pessoal deles, porque as Congregações Marianas e muito menos a Igreja não podem responder por isso. E creio que entraram no Integralismo desconhecendo a filosofia totalitária, tão antagônica quanto a comunista em relação á doutrina da Igreja.³²¹

Para Aderaldo, parece que os integralistas do Sul não tinham preocupação espiritualista, tratando-se de pagãos, pelo caráter de seus atos. Ainda continua, levando em consideração o depoimento de Stélio Lopes, que nada impede que católicos e comunistas tenham relações de amizade e possam discutir problemas referentes a todos³²² porém “a colaboração na realização de planos de interesses de classe – e este Congresso é um maravilhoso exemplo dessa espécie de colaboração – em que não predominam os pontos de vista comunistas, não só é possível como mesmo recomendável.³²³ Católicos, que viessem a dar a mão ou abraçar o comunismo, mesmo em parte, seriam traidores dos princípios cristãos.³²⁴

O debate dos princípios cristão e espiritualistas, retornam com a tese de Soriano Aderaldo, *A posição do escritor na reconstrução do mundo*, dividida em vinte e dois pontos, lida no dia seguinte à apresentação de Moacir Aguiar, durante a Terceira Sessão Plenária.

³¹⁹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 118.

³²⁰ *Ibidem*, p. 116.

³²¹ *Ibidem*.

³²² *Ibidem*.

³²³ *Ibidem*, p. 117.

³²⁴ *Ibidem*.

De pronto, a tese inicia-se com os dizeres “Isto aqui é uma assembleia de moços”³²⁵, e, com isso, o autor quis afirmar que aquele congresso era composto por jovens em busca de uma mudança para o mundo em que viviam, que são ousados, corajosos e sem medo das dificuldades de seu tempo, porque alimentam-se de uma virtude cívica a ser aperfeiçoada. Defende Aderaldo que a sua geração levanta sempre “contra a incompreensão e a apatia das massas ante o exemplo caro das gerações passadas que aniquilaram [...] os únicos valores espirituais que nos podem salvar da servidão da matéria.”³²⁶

Assim, o autor critica o que ele chama de espírito de conformidade das gerações anteriores, um espreguiçamento intelectual, que ele usa como exemplo um trecho do *Poema de Sete Faces*, de Carlos Drummond de Andrade³²⁷, onde, segundo Mozart, o autor, apesar de marxista, se conforma com o mundo em vez de dar o espírito a ele (Mundo mundo vasto mundo,/se eu me chamasse Raimundo/seria uma rima, não seria uma solução).

Mozart Soriano Aderaldo afirma, então, que todos os intelectuais e não intelectuais “concordam que o mundo necessita de um remédio, o problema são as opiniões e sugestões divergentes após a diagnósticação.”³²⁸ A doença do mundo, segundo ele, surgiu ao tentar corrigir o materialismo decorativamente cristão (liberalismo), o que acarretou na criação do materialismo anticristão totalitário (de esquerda e de direita), porém, como já esclarecido pelo congressista, as três, definitivamente, são concepções errôneas para o novo mundo³²⁹ a ser construído.

Diz Aderaldo que as três concepções são paradoxos do mundo moderno, pois o totalitarismo de direita possui grande aproximação com o liberalismo. De fato, continua o congressista, as três concepções de mundos se separam e aproximam, pois, o desumano capitalismo liberal-burguês gerou o materialismo marxista, enquanto este provocou, por sua vez, o nazi-fascismo pagão.³³⁰ Mas, declara Mozart que não se cura materialismo com materialismo, o homem precisa ser redescoberto, segundo o filósofo “campeão da Democracia Cristã”³³¹, Jacques Maritain, deve-se salvar os valores humanos, através dos bons caminhos.

Afirma a tese que o caminho para alcançar um digno ambiente social, com base em Alceu Amoroso Lima, seria aquele assentado nos princípios de Justiça, Liberdade, Ordem,

³²⁵ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 163.

³²⁶ *Ibidem*, p. 164.

³²⁷ *Ibidem*, p. 165.

³²⁸ *Ibidem*.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ *Ibidem*, p. 166.

³³¹ *Ibidem*.

Caridade e, acima de todos, a Verdade.³³² Cabe aos intelectuais de então guiar seus estudos para a compreensão do seu tempo, e, para isso, ter em mente que a Justiça garanta a cada pessoa aquilo que lhe pertence por natureza³³³, para que qualquer regime político seja baseado no Direito e não na força.

A Liberdade, seria outro princípio, pois toda sociedade cristã é feita por homens livres, assim a Liberdade seria um direito inalienável de todo ser humano, abaixo apenas da Verdade e do Bem Supremo. Para Aderaldo, a Liberdade estava ausente do mundo, pois, segundo ele, o totalitarismo de direita nega-a, o totalitarismo de esquerda serve-se de uma caricatura demagógica dela e o liberalismo confunde-a com libertinagem.³³⁴ Dessa maneira, seria missão dos intelectuais salvá-la e mantê-la distante dos monstros agonizantes do capitalismo burguês e do extremismo direitista e do monstro adolescente do extremismo de esquerda.³³⁵

Tal pensamento, parece seguir a lógica de Alceu Amoroso Lima observado por Lafeté ao falar do comportamento do influente intelectual católico sobre a defesa da democracia quando da Segunda Guerra: “A experiência da vida nos tem mostrado que nenhum valor, a não ser o da Verdade, precisa mais ser reivindicado em nosso tempo, como esse da Liberdade.”³³⁶ A aproximação parece possuir maior sintonia no momento em que Aderaldo trata da Verdade. Segundo Mozart, a Verdade deve estar acima de todas as ideias, concepções e formas de governo, pois esta controla os conhecimentos e as ações. É inclusive a Verdade que dá as legítimas características dos outros quatro caminhos³³⁷

A Ordem, segundo a tese, por sua vez, constitui a base de toda vida social, cabendo ao Estado velar por esta para garantir a Justiça e a Liberdade³³⁸, enquanto a verdadeira paz mundial só será alcançada através da Caridade, no caso a paz cristã; é por meio da Caridade e do seu espírito evangélico que se vence o espírito totalitário e se reforma a mentalidade burguesa. Declara Mozart Soriano Aderaldo que

se quizer sobreviver a esta crise de proporções incalculáveis, e concorrer para a reconstrução de um mundo melhor, a intelectualidade hodierna terá de substituir o eu egoísta da mentalidade liberal-burguesa e o chefe infalível das concepções totalitárias pelo nós, caridoso e litúrgico, da doutrina cristã.³³⁹

³³² *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p 167.

³³³ *Ibidem*, p.168.

³³⁴ *Ibidem*.

³³⁵ *Ibidem*.

³³⁶ LIMA, Alceu Amoroso. A lição de Rui, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17/03/1940. Apud. LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000., p.113.

³³⁷ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p

170

³³⁸ *Ibidem*, p.169.

³³⁹ *Ibidem*.

Continua ainda, dizendo que se os escritores tiverem realmente a “importantíssima” missão de reconstruir o mundo e quiserem fazê-la de maneira razoável, os mesmo devem trilhar os cinco caminhos, pois, em suas palavras, eles são necessários. O repúdio a tudo que negue aqueles caminhos seguros que nos levarão a uma Paz individual e social³⁴⁰, seria, então, uma delaração de cultura e inteligência.

Continua Mozart Soriano Aderaldo, a partir das palavras de Maritain e de Amoroso Lima, defendendo um saneamento intelectual, pois

a inteligência não deve permitir que seus companheiros de ofício neguem ou desvirtuem os cinco caminhos, pois, assim, os obstáculos para seus anseios tornam-se mais difíceis de serem ultrapassados. Nenhum homem de letras, que se assuma como autoridade política deve escusar-se a por em prática tais princípios.³⁴¹

Desse modo, espera, ainda o autor que a Idade Nova que se avizinha seja Cristã.

Nas discussões abertas, o congressista Denizard Macedo critica o uso do termo totalitarismo preferindo, liberalismo, marxismo e fascismo, pois Direita é um valor espiritual, divino e ético, portanto, não deve ser imposto ao lado do termo totalitarismo.³⁴² Diz Antônio Girão Barroso, que apesar do valor do que é defendido na tese, “essas ideias não têm encontrado campo propício na vida política das nações”³⁴³ e continua declarando que o enfraquecimento dessas ideias não se deve ao crescente comunismo, mas a correntes de direita que as aproximam ao fascismo. Mas “na minha opinião, não existe realmente fascismo [...] o que existe no momento histórico em que vivemos é capitalismo”, porque, de acordo com Girão Barroso, o que chamam de fascismo não passa de uma reação das classes dominantes diante dos movimentos revolucionários do povo³⁴⁴, o poeta ainda afirma que é difícil encontrar espírito realista no meio católico.³⁴⁵

Joaquim Alves, seguindo um pensamento parecido com o de Antônio Girão Barroso durante a tese de Moacir Aguiar, não crê que nem o Espiritualismo e nem o Materialismo se encontre a solução para os problemas do mundo.³⁴⁶ E ressalta que naquele momento histórico “o escritor, o homem de ação, deve colocar-se acima de todos os grupos para evitar o

³⁴⁰ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p 170

³⁴¹ *Ibidem*, p. 171

³⁴² *Ibidem*, p.172

³⁴³ *Ibidem*, p.173

³⁴⁴ *Ibidem*.

³⁴⁵ *Ibidem*, p.177.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 174.

entrechoque inútil que causa desperdício de energia.”³⁴⁷, por fim, ainda questiona o uso do termo Verdade.

Por outro lado, o médico Newton Gonçalves, é o congressista que mais critica a tese de Mozart Soriano Aderaldo, afirmando que “há muita coisa nela que eu teria de contradizer”³⁴⁸, mas seus cinco minutos de discussão não permitem que se alongue em suas ideias. “O fascismo teria nascido independentemente do marxismo”, por tratar-se de uma hipertrofia do capitalismo. Lança mão de muitas palavras sem defini-las. E ainda questiona qual é a ordem que o Estado deve velar. Newton ainda diz, que as ideias defendidas por Aderaldo são frágeis e ultrapassadas, Amoroso Lima, inclusive, segundo ele, perdeu seu status de respeito e valor em meios intelectuais

Ao defender sua tese, Mozart Soriano Aderaldo, diz que muitos anos ainda estão pela frente, e que, a suposta fraqueza dessas ideias não significa que elas não vencerão algum dia no futuro, que isso não se trata de uma utopia, como a ideia da extinção do Estado pelos comunistas. Antônio Girão Barroso e Newton Gonçalves afirmam, no entanto, que não é isso que o comunismo defende... A Igreja não prega verdade científica, afinal, a Verdade com V maiúsculo seria sempre a verdade absoluta, mesmo que a sociedade não a reconheça³⁴⁹ Mário Baratta intervém afirmando que a definição da verdade varia, do ponto de vista de cada pessoa. Soriano Aderaldo, porém conclui dizendo que isso não se trata de ponto de vista, porque a Verdade é Una.³⁵⁰ Ao responder a Gonçalves sobre o surgimento do fascismo, Aderaldo cita Berdia para informar que antes de ser fascista Mussolini fora marxista. Gonçalves rebate. Acerca da Ordem, Mozart Soriano responde utilizando do Evangelho de João

Quando Cristo compareceu perante Pilatos disse que era a Verdade. E Pilatos, antecipando à atitude dos brilhantes congressistas Joaquim Alves e Newton Gonçalves, indagou: “e o que é a verdade?” A verdade é a ordem e a ordem é a ordem. A ordem é um meio para a concretização da Liberdade e da Justiça.³⁵¹

A discussão, contudo, é interrompida pelo presidente da sessão, Antônio Martins Filho pelo tardar da hora, passando a ser discutida nas ruas depois da reunião, como declarou mais tarde Fran Martins.³⁵² Porém, após o Congresso, Mozart Soriano Aderaldo continua com sua defesa da reconstrução do mundo a partir dos ideais de Maritain, Amoroso Lima e Jackson de

³⁴⁷ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p.174.

³⁴⁸ *Ibidem*.

³⁴⁹ *Ibidem*, p.178.

³⁵⁰ *Ibidem*.

³⁵¹ *Ibidem*, p.180

³⁵² *Ibidem*, p .5.

Figueiredo, tanto que sua tese será publicada pela Edições Clã em forma de livreto, em 1947. Já no número 1 da Revista Clã, Aderaldo, passará a defender sua ideia para combater exclusivamente o comunismo após a redemocratização: Jacques Maritain nos aconselha a combater o comunismo com a melhor das armas: tirar aos seus propagandistas os pretextos que apresentam.³⁵³ E continua afirmando que

O unico meio de vencer o comunismo é a verdade, o caminho áspero e difícil da verdade, doa a quem doer, exija o que exigir. Contra a verdade, fora da verdade, não há salvação. Tudo o que a sociedade moderna possuir de verdadeiro, seja qual for o trabalho de seus adversários [...] Mas tudo o que possuir de corrupto, de falso, de injusto, de iniquo, há de ser varrido da face da terra, se ainda tivermos alguma esperança de assistir á cristianização dos novos tempos.³⁵⁴

Os pensamentos, das teses apresentadas por Mozart Soriano Aderaldo e Moacir Teixeira Aguiar, aqui apresentadas, além das expostas por Luiz Barros e José Valdivino de Carvalho, parecem conter em suas convicções propostas que se aproximam daquilo defendido por correntes do Integralismo na década de 1930, contudo, diz João Luiz Lafetá, sobre o novo espiritualismo de Alceu Amoroso Lima, base da ideologia dos congressistas que

Na confusão ideológica dos anos trinta no Brasil sua posição não é equívoca, é na verdade, direitista. E de qualquer maneira, aceitando ou não o fascismo, sua interpretação da doutrina católica é, àquela época, extremamente reacionária e tradicionalista.

Assim, por mais que não se identifique com o fascismo, o pensamento deles é baseado em uma vertente extremamente reacionária do catolicismo.

Na mesma noite, mas antes da apresentação da tese de Aderaldo, o romancista Orígenes Lessa, convidado como representante da ABDE Nacional leu seu texto acerca daquele evento e sobre os ganhos que ele produziria em um futuro próximo no que diz respeito ao papel do escritor para a situação do país. Aquela seria a primeira sessão que Lessa participaria no Congresso Cearense, devido ao atraso de voos na viagens e coube ao poeta Artur Eduardo Benevides recepcioná-lo com um texto, chamando o ficcionista paulista de “guia, timoreiro e voz orientadora”³⁵⁵ e declarando que aquela reunião não se tratava de “uma tertúlia de torremarfinistas”, pois, segundo Benevides “pela primeira vez, sob os auspícios da ABDE, aqui se encontram duas gerações: os mais antigos, com a sua experiência e cultura geral, e os moços, com seu entusiasmo, inteligencia florescente” em defesa do intelectual brasileiro e sua atuação.

³⁵³ Revista *Clã*, nº 1, Fortaleza, fevereiro de 1948, p.44.

³⁵⁴ *Ibidem*, p.45.

³⁵⁵ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 137.

Após o agradecimento pelo convite, Orígenes expõe seu texto, ressaltando a importância das diretrizes da ABDE: Primeiro, ele fala de uma conversa que teve com o escritor estadunidense Sinclair Lewis sobre o papel do escritor. Lewis, havia dito, então, que o papel do escritor era escrever; escrever o que lhe convier era o papel do escritor, aquilo que o destacava dos outros homens, que se preocupavam com o seu meio, à época a guerra. Lessa continua dizendo que o Prêmio Nobel estava enganado, porque não se separa o escritor do homem,³⁵⁶ afinal, o escritor, no ato de escrever, deve deixar a sua alma no que produz, pois, diz o ficcionista que

Á nossa volta está a injustiça. Á nossa volta está a fome. Está o sofrimento. Está a miséria. Há homens explorando e homens explorados. Há homens pisando e homens pisados. Há homens fartos e homens famintos. Há homens perseguindo e homens perseguidos. Ou não somos homens ou tomamos partido. [...] Assim como não é justo viver sem tomar posição, não é possível escrever alheio aos problemas que nos rodeiam, quando escrever é a própria projeção da personalidade de quem escreve, no mais rigoroso sentido da palavra.³⁵⁷

Assim, para Lessa, o amor, o luar, por exemplo, devem ser relegadas por aquelas mais importantes no momento. O escritor deverá sempre ter uma atitude política e honesta visando o melhor do mundo, pois este ainda não está livre dos caos do fascismo e da fome, que “é, acima de tudo, um fenômeno político.”³⁵⁸ Para o mesmo, o mundo está um quadro de horrores que deve ser resolvido, enquanto a grande luta do escritor no Brasil deve ser a erradicação da miséria, da ignorância, das endemias e da politicagem através do estabelecimento de um regime verdadeiramente democrático. Diz ainda Orígenes Lessa que foi durante o I Congresso Brasileiro de Escritores, em janeiro de 1945, que teve início a batalha final que “libertou o Brasil da Ditadura”³⁵⁹, portanto, “é de Congressos como este, é de escritores como vocês que o Brasil espera a continuação da luta, e a conquista final da vitória.”³⁶⁰

Desse modo, a fala de Orígenes Lessa demonstra o apoio e o interesse da ABDE Nacional no evento fortalezense, pois este, a princípio, estaria a difundir suas ideias além do eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Lessa, assistiria apenas a mais uma sessão, deixando o Congresso Cearense antes de seu encerramento. Porém, após a despedida de Lessa, o congressista Melo Lima, representante do Ceará na ABDE do Rio, questiona que “desde ontem

³⁵⁶ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p 140.

³⁵⁷ *Ibidem*, p.141.

³⁵⁸ *Ibidem*, p.142.

³⁵⁹ *Ibidem*.

³⁶⁰ *Ibidem*.

não ouvi aqui nenhuma referencia ao Congresso dos Escritores Brasileiros realizado em São Paulo, no qual se determinou muita cousa util, muita cousa pratica para todos nós.”³⁶¹

O encerramento do I Congresso Cearense de Escritores se deu no dia 18 de setembro, em comemoração a Nova Constituição, com a sessão sendo presidida pelo secretário da saúde e educação do estado, Filgueiras Lima, e, naquele dia, representante, do Interventor.

Naquela sessão, em meio a congratulações e estimas ao evento e ao futuro do país, o teatrólogo Eduardo Campos lê as conclusões tiradas daquele certame.

1 – É necessária a promulgação de uma lei assegurando a proteção dos direitos autorais do escritor brasileiro, devendo a cobrança dos mesmos, a exemplo do que acontece com a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e União Brasileira de Compositores, ser feita por intermédio da Associação Brasileira de Escritores. Enquanto não se obtém essa medida, torna-se necessária que a Associação Brasileira de Escritores, Secção do Rio Janeiro, autorize a Secção do Ceará a fazer a cobrança dos direitos autorais pela reprodução de artigos dos filiados a essa agremiação.

2 – É necessária a elaboração de uma lei que, segundo as convenções internacionais, equipare aos tradutores os mesmos direitos assegurados de obras nacionais. Referida lei deve cometer ao Instituto Nacional do Livro a incumbência de fiscalizar e controlar as traduções, fazendo incluir em toda obra traduzida, em lugar destacado, referencias bibliográficas suficientes para a identificação das obras originais, tais como o nome do livro, editor primitivo, edição, ano de publicação, número de volumes, etc...

3 – Para a divulgação literária de escritores da provincia solicita-se à ABDE, Secção do Rio de Janeiro, a criação de um bureau que, em bases comerciais, se incumba diretamente ou por intermédio de uma empresa particular: a) Da distribuição dos livros de escritores do diversos Estados; b) Da manutenção de um serviço de copyright de artigos de escritores das províncias; c) Da divulgação, na imprensa do país, de noticias sobre o movimento literário das províncias. É indispensavel, também, que a ABDE, Secção do Ceará, crie um bureau para a divulgação literária e das atividades editoriais deste Estado. 4 – Para o levantamento do trato brasileiro faz-se mister a fundação, por parte dos poderes públicos, de escolas dramáticas, manutenção de cursos especializados sobre teatro, a nomeação de diretores idôneos e capazes para os teatros oficiais do Brasil, o amparo financeiro às entidades teatrais, espetáculos gratuitos para o povo, criação de um teatro infantil e concessão de prêmios e bolsas de estudos aos teatrólogos, atores e diretores cênicos.

5 – É necessário que o govêrno do Ceará crie uma Secretaria de Estado destinada a incrementar a cultura, devendo à mesma ficarem subordinadas as repartições culturais (Biblioteca Pública, Arquivo Público e Museu Histórico, Serviço de Cultura, Divulgação e Diversões Populares, Teatro José de Alencar, etc.) ou, se isso não for possível, um departamento que superintenda essas repartições, articulando-as de maneira a incentivar o desenvolvimento das letras, artes e ciências e aparelhando-o com secções especializadas, tais como discoteca e filmoteca, à semelhança do que existe no Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo.

6 – É necessária que o Govêrno do Estado auxilie de maneira eficiente editoras fundadas ou que se venham a fundar no Ceará, bem como revistas de cultura de larga circulação que constituem a real expressão da inteligência

³⁶¹ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, p. 222.

cearense. Esse auxílio pode ser concretizado, de logo, com uma subvenção às “Edições Clã”, para maior ampliação destinada à confecção, por preço razoável, de livros de autores do Ceará, quando requerida particularmente ou por intermédio de uma editora local, criada ou que se venha a criar.

7 – Solicita-se ao Governo do Estado, como medida destinada a valorização e incremento das letras cearenses a publicação de obras esgotadas de intelectuais mortos do Ceará e a edição de, pelo menos, uma obra, por ano, de escritor vivo deste Estado, de acordo com plano a ser elaborado pelo núcleo local da ABDE.

8 - Solicita-se ao Governo do Estado seja autorizado o Serviço de Cultura, Divulgação e Diversões Populares a adquirir pelo menos 100 exemplares de cada livro publicado pela “Edições Clã”, para a distribuição a bibliotecas do interior e de outros Estados.

9 - Solicita-se ao Governo do Estado medidas efetivas para a reorganização e reforma da Biblioteca Pública, dotando-a de recursos técnicos e materiais e de localização apropriada, devendo o local ora ocupado pela mesma ser entregue ao Instituto do Ceará para maior desenvolvimento dessa entidade cultural.

10 - Solicita-se ao Governo do Estado a criação com necessária urgência, de uma seção especial, na Imprensa Oficial, destinada à confecção, por preço razoável, de livros de autores do Ceará, quando requerida particularmente ou por intermédio de uma editora local, criada ou que se venha a criar.

11 – Solicita-se ao Governo do Estado a inclusão, no Orçamento, de verba anual não inferior a Cr\$ 18. 000, 00 para o patrocínio de conferências, palestras, cursos, etc, de escritores de outros Estados convidados pela ABDE, Seção Ceará, bem como a concessão de subvenções anuais para a ABDE e para o Clube de Literatura e Arte.

12 – Solicita-se à ABDE, seção Rio de Janeiro, que faça chegar aos poderes públicos o apelo de escritor cearense no sentido de que seja revogado o decreto que adotou a ortografia atual, por impraticável, nomeando-se para a organização de uma nova reforma ortográfica filólogos de reconhecida competência.

13 – É necessário que a ABDE, seção do Ceará, organize concursos periódicos de contos, crônicas, poesia e crítica literária e artística, com prêmios reversíveis em dinheiro. Também mister se faz que referida associação solicite ao Governo do Estado a inclusão, no Orçamento, de verba destinada à realização de concursos anuais, literários ou científicos, certames esses organizados por essa Sessão em colaboração com os Departamentos de Cultura do Estado.³⁶²

As conclusões em grande parte tratam, então, do investimento do Governo do Ceará em apoiar e divulgar a cultura local, ressaltando, quase sempre, a produção daqueles novos intelectuais que haviam realizado o I Congresso Cearense de Escritores. O presidente Filgueiras Lima ainda pronunciou algumas palavras de agradecimento, salientando, inclusive o apoio do Interventor Pedro Firmeza, que mesmo não estando presente, contribuiu para a realização das reuniões. E, mais uma vez, Eduardo Campos leu, mais outro texto de importância para aquela noite, a Declaração de Princípios, que dizia

³⁶² *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, pp. 314-316.

I – O escritor, como homem de pensamento, deve participar ativamente da vida política do país, pondo em prática os princípios de verdade, moralidade, ordem e justiça, e defendendo intransigentemente as liberdades democráticas.

II – Na criação literária ou artística, os intelectuais do Ceará reconhecem que deve haver inteira liberdade por parte do autor, dentro dos princípios acima especificados.

III – Os escritores do Ceará reconhecem que aos poderes públicos cabe a adoção de medidas que incentivem e amparem as produções intelectuais e por isso esperam do governo a concretização desse postulado.

IV – É indispensável um maior entendimento entre o escritor da capital e do interior, entre o escritor da metrópole e o escritor da província. O trabalho intelectual é nobilitante e todos os que exercem devem ser considerados no mesmo nível. É necessário que sejam destruídas as barreiras que limitam a ação do escritor, visto como todos têm iguais obrigações e devem gozar dos mesmos direitos. Não deve preponderar, em associações de escritores, o espírito de grupo, em prejuízo da classe. Também não se concebe a preponderância de um gênero literário sobre outro. Num clima democrático, usando de processos honestos e francos, deve o escritor do Ceará tomar a iniciativa de um sadio movimento de maior compreensão entre todos os homens de letras do Brasil.³⁶³

Desse modo, segundo os princípios do Congresso, o intelectual/escritor no Ceará devia pensar seu ofício político praticando sempre a verdade, a justiça, a ordem e a moralidade, em defesa da democracia (o que, aparentemente, foi bastante apreendido da tese de Mozart Soriano Aderaldo); buscar a equidade de valores entre seu trabalho e o do que foi chamado de “escritor da metrópole”; além de reconhecer o papel do governo no amparo e incentivo para o prosseguimento de seu sonho.

³⁶³ *Afirmção* (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947, pp.316-317.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do caminho percorrido pela nova geração de intelectuais que se instalou em Fortaleza na década de 1940, desde as preparações para o I Congresso de Poesia do Ceará, de 1942, até o que por eles foi denominado a Afirmação de seus ideais, no caso, o I Congresso de Escritores do Ceará, em 1946, pode-se observar diversas peculiaridades que demonstram um caráter em parte adverso daquilo que nos é apresentado por outros trabalhos que abordam o tema.

Em busca de uma autonomia e maior espaço no meio social cearense, através de conquistas artísticas e, portanto, literárias, esse grupo procurou por uma renovação diante desse espaço, propondo reestruturações na cultura e na própria arte e até mesmo no meio político, devido ao momento conturbado do por qual passavam o Brasil e do mundo naquele momento. Assim, após a tentativa fracassada de se mostrarem como “guias” e defensores de um mundo a ser restaurado através do papel do intelectual, em 1942, conforme diziam, baseiam-se na recém-criada Associação Brasileira de Escritores no Rio de Janeiro para que, enfim, pudessem conquistar seu objetivo.

A filiação à ABDE, contudo, e a realização de um congresso de escritores à maneira do que acontecera em São Paulo, fez com que o pequeno mundo de Fortaleza, com toda a sua dinâmica específica do Ceará, repleto de tensões, ganhasse alguma notoriedade, mas, como foi visto, por mais que esse grupo repetisse a importância da ABDE e o papel do intelectual democrático para o mundo difundido pela Associação Nacional, a Seção cearense da mesma, como apresentado no Congresso, analisava o ângulo conturbado pelo qual passava o país por outro ângulo.

Enquanto, o Congresso Nacional havia sido um importante ambiente progressista tanto para os direitos dos escritores brasileiros, quanto para o meio político, ao denunciar a ditadura varguista do Estado Novo e mostrar-se como resistência a esta, o que ocorreu no Ceará foi uma tentativa de alavancar a situação do que foi chamado escritor local, ou de província, especialmente aqueles da capital do estado, denúncia quanto aos aparatos culturais esquecidos pelo governo, além de sugerir uma restauração do mundo e do país através de propostas, em sua maioria reacionárias de movimentos católicos, muito em voga no Ceará dos anos 1930, e que não condiziam com o que fora discutido pelo I Congresso Brasileiro de Escritores.

Assim, vemos que as especificidades do ambiente intelectual cearense fizeram com que ele fosse distinto, de vários modos daquele em vias de autonomização e de uma renovação política para o Brasil pós 1945 sem projetos conservadores e reacionários.

REFERÊNCIAS

- AGULHON, Maurice. *El círculo burguês*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2009.
- ALVES, Plauto. *O “Fazer intelectual” brasileiro (1930 -1946): Rachel de Queiroz e o congresso de 1946*. Fortaleza, 2015. Dissertação (Pós-Graduação em História – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- _____. *O Modernismo na poesia cearense: primeiros tempos*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1995.
- BARROSO, José Parsifal. *Uma história da política do Ceará, 1889 – 1954*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.
- BARROSO, Oswald (Org.). *Um certo contato com a lua: Antonio Girão Barroso – Poesia e Vida*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.
- BENEVIDES, Carlos; BENEVIDES, Afonso; BENEVIDES, Roberto. *Artur Eduardo Benevides – Uma Vida a Serviço da Cultura (Roteiro biobibliográfico)*. Fortaleza: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará, 1973.
- BEZERRA, Carlos Eduardo. *Fran Martins*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- _____. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- BOURDIEU Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental, volume IV*. São Paulo: Leya, 2012.
- CHARLE, Christophe. *Los intelectuales en el siglo XIX: Precursores del pensamiento moderno*. Madri: Siglo Veintiuno, 2000.

_____. *Nascimento dos intelectuais contemporâneos (1860 – 1898)*. Pelotas: História da Educação, ASPHE/FaE/UFPeL, nº14, 2003, p. 141-156.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os Séc. XIVe XVIII*. Brasília, Ed. UNB, 1999.

CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima. *Filgueiras Lima*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio*. História da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Boemia Literária Revolução: O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ESTRIGAS. *Arte Ceará: Mário Baratta: O líder da renovação: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará*, 2004.

FARIAS, Maria Auxiliadora de Almeida. *Edições e Seduções: Revista Clã: 1946-1957*. Recife, 2003. Dissertação (Mestrado em História – UFPE – Universidade Federal de Pernambuco), Recife, 2003.

FREIRE, C. Renato Araújo. *O quebra-quebra de 1942*. Um dia para lembrar. Dissertação de mestrado, UFC, Fortaleza, 2012.

GIRÃO, Raimundo. *Fortaleza e a crônica histórica*. Fortaleza: Casa de José de Alencar Programa Editorial Universidade Federal do Ceará (UFC), 2000.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará (1939) – Edição fac-similar*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... – Os intelectuais cariocas e o modernismo*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 6, nº 11, 1993, p 62-77.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo*. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: Práticas*

culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1985.

HOBBSAWM, Eric. *Tempos Fraturados*. Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LEAL, Ângela Barros. *Fran Martins: O escritor e o mundo*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014.

LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres?: O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social – Universidade de São Paulo) São Paulo, 2010.

LUCA, Tânia Regina de. *Fonte dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A Revista do Brasil (1916 – 1944): Notas de pesquisa*. In: FERREIRA, Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves e LUCA, Tania Regina de (orgs.) *O historiador e seu tempo: encontros com a história*. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008

LYRA, Pedro. *Literatura e ideologia*. Ensaios de sociologia e arte. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

MARTINEZ, Ana Teresa. *Intelectuales de província: entre lo local y lo periférico*. In *Prismas*, Revista de história intelectual, nº 17, 2013, pp. 169-180.

MARTINS, José Murilo; FIÚZA, Regina Pamplona. *A Academia Cearense de Letras e o Palácio da Luz*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

MARTINS FILHO, Antônio. *Memórias – Maioridade: Tomo I (1926 – 1955)*. Fortaleza: Imprensa Universitária- Universidade Federal do Ceará, 1993.

_____. *Memória histórica: Personalidade do Povo*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991.

MEDEIROS, Aluizio. *Poesia completa*. Fortaleza: Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1996.

_____. *Crítica – 2ª Série (1946 – 1948)*. Fortaleza: Edições Clã, 1956.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MORAES, Vera Lúcia Albuquerque de. *Clã: Trajetória do modernismo em revista*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *Juventude da pátria a(r)mada: O Centro Estudantil Cearense em Fortaleza, 1931-1945*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo; Ática, 1980.

NETTO, Raymundo. *Centro: o “coração” malandro*. Fortaleza: Secultfor, 2014.

NOBRE, F. Silva. *1001 cearenses notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

NOBRE, Geraldo da S. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

NOBRE, Thiago da Silva. “*Geração moça desta gleba*”: Movimento intelectual de Clã e a consolidação do Campo Literário de Fortaleza na década de 40. Fortaleza, 2013. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em História – Universidade Estadual do Ceará), Fortaleza – CE, 2013.

PAULA, Reverson Nascimento de. *Sopros de um conflito: a influência norte-americana em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial*. In: Espaço Plural, ano XV, nº 31, 2014, p. 227-257.

PARENTE, José C. *Anauê: Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: EUFC, 1999.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

OLIVEIRA, Caterina de Saboya. *Moreira Campos*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

RODOLFO, Renato. *De autor a editor: a trajetória de Martins Filho e as relações entre intelectuais e Estado no Ceará (1937-1955)*. XXIX Simpósio Nacional de História – Contra os Preconceitos: História e Democracia, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Ozângela de Arruda. *Pelas rotas dos livros: Circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

_____. *Rumores. A paisagem sonora de Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2006.

_____. *Prefácio*. In: VIANA JÚNIOR, Mário Martins; BARBOSA, Carlos Henrique Moura; ALVES, Raquel da Silva (Orgs.). *Fortaleza sob Outros Olhares: Cultura & Cidade*. Coleção História Social, v.4. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. *A geração*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.) *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SOUZA, Simone; PONTE, Sebastião Rogério. *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de história oral*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) *O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FONTES

Almanaque do Ceará de 1947, Fortaleza, 1946.

Almanaque do Ceará de 1941, Fortaleza, 1940.

Afirmção (Anais do I Congresso Cearense de Escritores), Fortaleza: Edições Clã, 1947.

Falam os intelectuais do Ceará, de Abdias Lima, Fortaleza, Imprensa Oficial, 1946.

Revista *Clã*, nº 0. Fortaleza, dezembro de 1946.

Revista *Clã*, nº 1. Fortaleza, fevereiro de 1948.

Revista *Clã*, nº 27. Fortaleza, março de 1981.

Revista *Clã*, nº 28. Fortaleza, dezembro de 1982.

Almanaque do Ceará de 1947, Fortaleza, 1946.

Almanaque do Ceará de 1941, Fortaleza, 1940.

Jornais (1940-1946):

Correio do Ceará

Gazeta de Notícias

O Povo

Unitário